

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História



**As formas de *barrada/šurayba* na *kura* de
Uhšunuba ou de *Šilb***

**Um ensaio para o estudo das cerâmicas islâmicas do povoado
da Portela 3**

Maria Mulize Neves Ferreira

Mestrado em Pré – História e Arqueologia

2009

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História



**As formas de *barrada/šurayba* na *kura* de
Uhšunuba ou de *Šilb***

**Um ensaio para o estudo das cerâmicas islâmicas do povoado
da Portela 3**

Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Carlos Fabião

Maria Mulize Neves Ferreira

Mestrado em Pré – História e Arqueologia

2009

Ao Mário, Beatriz e Nicolau
"Scabouche"

AGRADECIMENTO

Devo este trabalho a várias pessoas, cujo esforço me concedeu tempo e recursos para o realizar. Em tudo, **Ⓐ**, ao Mário Botequilha. Em brincadeira e companhia, aos meus filhos, Beatriz e Nicolau. Em trabalho e produtividade, ao João Albergaria, amigo e sócio na Terralevis, que arcou com as minhas responsabilidades profissionais. E aos meus pais, Maria de Lurdes e José Manuel Neves Ferreira, e irmãos, Joaquim Pedro, Ana Elisa e Nicolau, a ajuda toda que precisei.

Este projecto é também beneficiário do trabalho das minhas amigas, Alexandra Pires, que co-dirigiu comigo a escavação da Portela 3 e que foi a responsável de campo, e Marina Pinto, com quem realizei o primeiro estudo das cerâmicas exumadas naquele sítio.

Finalmente, mas não por último, ao Prof. Carlos Fabião devo a possibilidade de levar este trabalho até ao fim, apesar de todos os percalços em que tropecei, pelo caminho que escolhi.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

Considera-se este trabalho a preparação para o estudo das formas classificadas como *barrada/šurayba* por Guillermo Rosselló Bordoy exumadas no povoado da Portela 3. Para tal procedeu-se à reavaliação daquelas formas no actual território algarvio, antiga *kura* (distrito) de *Uhšunuba* (Ossónoba, Faro), depois de *Šilb* (Silves), entre o séc. VIII e a 1ª metade do séc. XIII. Estas formas de cerâmica islâmica são designadas de várias maneiras na bibliografia arqueológica portuguesa: púcaro, pucarinho, pucarinha, jarro, jarrinha, etc.

Para tal estudaram-se as peças classificáveis naquele grupo publicadas nas duas obras fundamentais sobre a cerâmica islâmica do Algarve, *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica* da autoria de Helena Catarino e *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus*, da autoria de Rosa Varela Gomes.

A principal conclusão da análise realizada é, por um lado, a inexistência de tipos discretos destas formas e, por outro lado, a definição de um conjunto de características, associadas de diferentes maneiras, que é constante ao longo do período considerado. O que torna este grupo de formas, em geral, inadequado para o estabelecimento de cronologias.

No entanto a permanência destas características levanta várias questões que o estudo das cerâmicas provenientes do povoado da Portela 3 deverá tentar responder.

Palavras – chave: Algarve, arqueologia islâmica, *barrada*, *šurayba*, cerâmicas islâmicas, *Garb al – Andalus*, período islâmico, Portela 3.

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	8
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DA PORTELA 3	11
1.2 SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA IDENTIFICADA NA PORTELA 3	13
1.3 O CONJUNTO DE <i>BARRADA/ŠURAYBA</i> EXUMADO NA PORTELA 3	15
2 AS FORMAS DE <i>BARRADA/ŠURAYBA</i> NA KURA DE <i>UHŠUNUBA</i> OU DE <i>ŠILB</i>	18
2.1 O NOME DOS PÚCAROS NO <i>GARB AL-ANDALUS</i>	18
2.2 CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE <i>BARRADA / ŠURAYBA</i>	18
3 METODOLOGIA	20
3.1 CONCEITOS	20
3.2 DESCRITORES USADOS NA CARACTERIZAÇÃO DOS CONJUNTOS	23
3.3 TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO	27
4 CARACTERIZAÇÃO DOS CONJUNTOS DE <i>BARRADA/ŠURAYBA</i>	33
4.1 GRUPO 1	33
4.2 GRUPO 2	36
4.3 GRUPO 3	37
4.4 GRUPO 4	41
4.5 GRUPO 5	43
4.6 GRUPO 6	46
4.7 GRUPO 7	47
4.8 GRUPO 8	48
4.9 GRUPO 9	51
4.10 GRUPO 10	53
4.11 GRUPO 11	54
4.12 GRUPO 12	55
4.13 GRUPO 13	56
4.14 GRUPO 14	58
4.15 GRUPO 15	59
4.16 GRUPO 16	61
4.17 GRUPO 17	62
4.18 GRUPO 18	64
4.19 GRUPO 19	65
4.20 GRUPO 20	67
4.21 GRUPO 21	68
4.22 GRUPO 22	70
4.23 GRUPO 23	72
4.24 GRUPO 24	74

4.25	GRUPO 25	75
4.26	GRUPO 26	76
4.27	GRUPO 27	77
4.28	GRUPO 28	80
4.29	GRUPO 29	81
4.30	GRUPO 30	82
4.31	GRUPO 31	83
4.32	GRUPO 32	84
4.33	GRUPO 33	86
4.34	GRUPO 34	87
4.35	GRUPO 35	88
4.36	GRUPO 36	89
4.37	GRUPO 37	91
4.38	GRUPO 38	92
4.39	GRUPO 39	93
4.40	GRUPO 40	94
4.41	GRUPO 41	95
4.42	GRUPO 42	97
4.43	GRUPO 43	99
4.44	GRUPO 44	100
4.45	GRUPO 45	101
4.46	GRUPO 46	103
5	<u>ANÁLISE DA INFORMAÇÃO</u>	106
5.1	VALOR DA INFORMAÇÃO	106
5.2	RELAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS E CRONOLOGIA	107
5.3	PASTAS	112
5.4	TRATAMENTO DE SUPERFÍCIES	115
5.5	MORFOLOGIA	117
5.6	DECORAÇÃO	122
5.7	CARACTERIZAÇÃO DAS FORMAS DE BARRADA/ŠURAYBA NA KURA DE <i>UHŠUNUBA</i> OU DE <i>ŠILB</i>	124
6	<u>O GRUPO DE BARRADA/ŠURAYBA DA U.E. 426 DA PORTELA 3</u>	129
6.1	ORIGEM DO CONJUNTO	129
6.2	CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO	129
6.3	COMPARAÇÃO DO CONJUNTO COM OS GRUPOS DE SILVES E DO ALGARVE ORIENTAL	130
7	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	131
8	<u>BIBLIOGRAFIA</u>	133

NOTA PRÉVIA

Iniciei a elaboração desta tese com a intenção de estudar, o conjunto de *barrada/šurayba* exumado no povoado da Portela 3. Os materiais arqueológicos provenientes deste sítio encontram-se depositados no Museu Municipal de Silves. Solicitei aquela instituição que estas cerâmicas me fossem entregues para poder proceder ao referido estudo já que não poderia suportar os custos, familiares e financeiros, de trabalhar nas instalações do dito Museu, pois resido no concelho de Cascais e trabalho em Lisboa. Apesar desta pretensão não me ter sido negada, até hoje, 29 de Setembro de 2009, não recebi uma resposta ao meu pedido, mesmo após várias insistências. Fui assim obrigada a centrar esta tese na análise da informação publicada acerca daquele grupo cerâmico e não da cerâmica proveniente do povoado.

E elaboração desta tese, era para mim, a oportunidade de iniciar o estudo mais aprofundado da informação recolhida durante as escavações, realizadas em 2001, que a construção da A2 obrigou a realizar na área do povoado afectada por aquela via (cf. ponto 1.1). A legislação e prática de minimização de impacte ambiental em Portugal considera a escavação da área afectada com valor patrimonial e a elaboração de um relatório como medida suficiente de minimização. Não incluí o estudo metódico, nem que seja por amostragem, dos materiais arqueológicos recolhidos durante as referidas escavações. Assim a profundidade do estudo dos materiais arqueológico depende exclusivamente do resultado da negociação comercial entre o dono da obra e a empresa ou o arqueólogo que faz a intervenção. Ou seja o conhecimento produzido sobre os materiais arqueológicos, em âmbito de minimização de impacte, varia entre a simples menção da sua recolha até a estudos sistemáticos muito aprofundados.

No caso da Portela 3, face aos meios que nos foram disponibilizados, decidimos fazer um estudo mínimo, ainda que sistemático, dos conjuntos cerâmicos provenientes de algumas unidades estratigráficas. Estudo esse que incidiu exclusivamente sobre duas características destes materiais, a forma e a decoração, com objectivos exclusivamente cronológicos.

Em 2002 apresentei com a minha colega Alexandra Pires, ao concurso do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, o projecto intitulado o Povoado Islâmico do Povoado da Portela, que previa um estudo do conjunto cerâmico exumado. Este projecto não foi financiado, tendo sido impossível prosseguir o estudo programado. Pensei então que a realização de um mestrado poderia ser o incentivo para realizar parcialmente o estudo das cerâmicas da Portela 3, juntando um parágrafo ao conhecimento sobre o sítio.

Pareceu-me então que a melhor forma para abordar o conjunto cerâmico que me propunha tratar, as formas classificáveis como *barrada/šurayba* (cf. pontos 1.3 e 3.1), era não só o seu estudo interno sistemático, como a sua comparação com os materiais publicados provenientes do Algarve (cf. 2.1). Mas para que essa comparação fosse frutuosa seria necessário organizar a informação publicada segundo os mesmos princípios com que pretendia estudar os conjuntos da Portela 3 (cf. ponto 2.2 e 3.1).

Só em duas obras a informação sobre as cerâmicas exumadas em sítios arqueológicos do Algarve se encontra apresentada de forma sistemática e completa, com informação estratigráfica e contextual associada, de forma a poder ser reorganizada com os critérios que me interessavam para o meu estudo. Trata-se do *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica* da autoria de Helena Catarino (HC), editado em 1997-98 e *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus*, actualmente com três volumes, editados entre 2002 e 2006, da autoria de Rosa Varela Gomes (RVG).

Iniciei portanto o meu trabalho pela análise destas obras. Pretendia atingir dois objectivos, um conhecimento mais aprofundado das formas que desejava estudar, o que contribuiria para desenvolver algumas das questões a colocar ao conjunto da Portela 3, e organizar essa informação de forma a poder compara-la com a informação que pretendia produzir acerca do conjunto da Portela 3.

Como nos prazos que me foram concedidos para realizar este estudo não consegui aceder ao referido conjunto cerâmico, fui obrigada a tornar a análise da informação produzida por aquelas autoras sobre as formas de *barrada/šurayba* no corpo principal desta tese. Mas não deixa no entanto de ser só a preparação para o estudo do conjunto de *barrada/šurayba* da Portela 3.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho deve ser visto como a preparação para o estudo do conjunto das formas que G. Rosselló Bordoy designou com *barrada/šurayba* e que foram exumadas no Povoado da Portela 3 (CNS 15149, concelho de Silves), cuja escavação co-dirigi com a minha colega Alexandra Pires.

A primeira intervenção neste sítio decorreu em Agosto de 2000, com a realização de sondagens de diagnóstico, no âmbito das medidas de minimização de impactes negativos da construção do novo troço da A2 (S. Bartolomeu de Messines-VLA). Face à presença de um sítio arqueológico conservado, entre Fevereiro e Julho de 2001, foi efectuada a escavação integral de toda a área afectada pelo talude da auto-estrada, como medida de minimização daquele empreendimento.

Os resultados obtidos com esta intervenção revelaram que se trata de um sítio islâmico, ocupado entre o período emiral e o séc. XIII, localizado a cerca de 17 km a Nordeste do local provável da Porta do Sol (Gomes, 2006, 18-25), entrada oriental da *madina* de Silves.

Revelou-se um povoado bem conservado, tendo sido identificados, dentro da área afectada pela obra, quatro edifícios arquitectonicamente semelhantes, que sofreram algumas remodelações ao longo do tempo. Foram ainda registadas diversas realidades anteriores a estas construções, com destaque para os numerosos silos de armazenagem.

Reconheceram-se então várias fases de construção e ocupação, mas dado que a escavação incidiu apenas sobre parte do povoado, trata-se de um realidade parcelada, e o faseamento proposto refere-se apenas à zona intervencionada. Este espaço terá evoluído de uma zona periférica à área urbana do povoado, caracterizada sobretudo como espaço de armazenagem de cereais relacionada com os trabalhos agrícolas da população, para uma área habitacional com uma malha urbana apertada, que relacionamos com um momento de expansão do povoamento (cf. Pires e Ferreira, 2003).

O estudo cerâmico que se fez no âmbito da elaboração do relatório de escavação tinha como único objectivo datar os contextos arqueológicos, comparando as cerâmicas aí exumadas com exemplares semelhantes que tinham sido datados, ou por associação a outros materiais ou pela sua posição estratigráfica.

Este estudo revelou que a maioria dos fragmentos exumados durante a escavação pertenceria a formas de *barrada/šurayba*. Cerca de 40% dos fragmentos da amostra então estudada foram classificados nestas formas (idem, 305). Escolheu-se, por ser maioritário, este grupo de formas para iniciar o estudo das cerâmicas provenientes da Portela 3.

A intenção de realizar este estudo obrigava a uma revisão crítica do estado actual do conhecimento deste grupo de formas, pelo menos a nível regional, ou seja na *kura* de *Uhšunuba* (Ossónoba, Faro), depois de *Šilb* (Silves) (Catarino, 1999, 72-73; Marques, 1993, 185; Rei, 2004; Vallvé, 1986, 220-223), a que o povoado pertenceu. O que significava estudar as duas obras de referência para qualquer estudo de cerâmicas islâmicas, tanto de origem algarvia, como para o restante território nacional. São estas obras *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica* da autoria de Helena Catarino (HC), editado em 1997-98 e *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus*, actualmente com três volumes, editados entre 2002 e 2006, da autoria de Rosa Varela Gomes (RVG) ¹. Como exemplo da importância destas obras vejam-se todas as comunicações que referem cerâmicas islâmicas dos Encontros de Arqueologia do Algarve, publicados na revista *Xelb*.

Estas duas obras, que resultam de projectos de investigação de longo prazo das respectivas investigadoras, são os trabalhos que apresentam o maior conjunto de cerâmicas islâmicas da bibliografia arqueológica portuguesa, devidamente estratigrafado, e dos quais resultam propostas de periodização para esta categoria de material arqueológico.

Não é possível abordar qualquer conjunto de cerâmicas islâmicas do Algarve sem usar estes trabalhos, e portanto propõe-se na presente dissertação uma leitura comparativa das peças cerâmicas

¹ Antes da edição de *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus*, era o trabalho *Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves* da mesma autora, editado em 1988, que tinha esta função. Não se usou esta última obra aqui, porque esta é actualizada no volume *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova* editado em 2003.

publicadas nas referidas obras que possam ser classificadas no conjunto *barrada/šurayba* tal como foi definido por Guillermo Rosselló Bordoy. Esta comparação deverá contribuir para uma leitura crítica deste acervo de informação e para assim compreender melhor o conjunto proveniente da Portela 3.

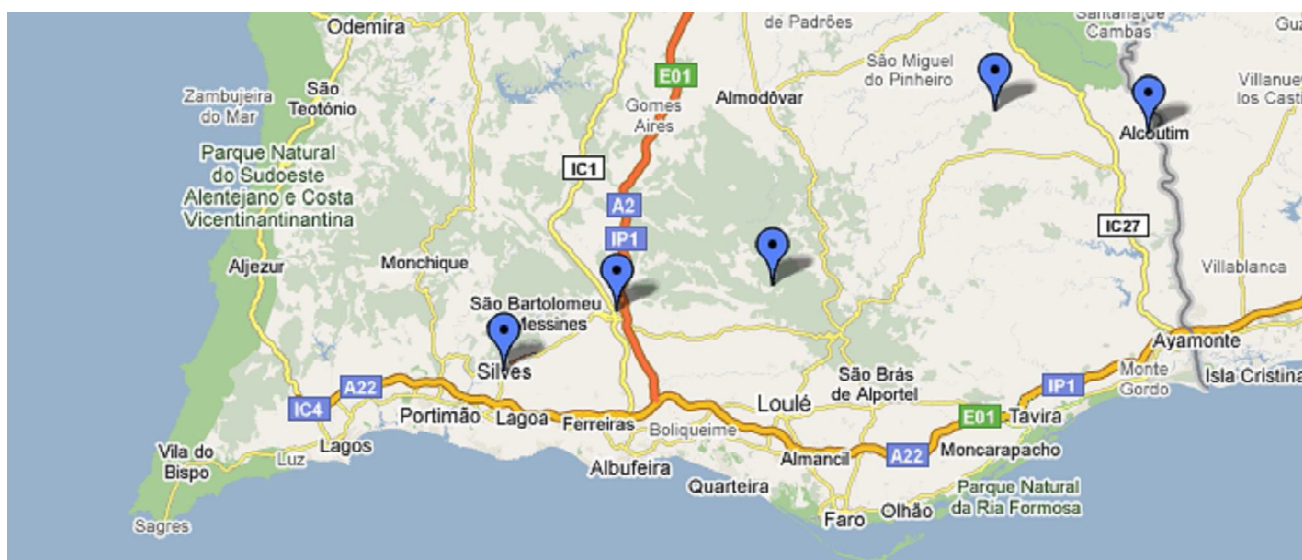


Figura 1 - Localização dos sítios estudados no Algarve (©Google)

1.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DA PORTELA 3

O sítio arqueológico da Portela 3 ocupa a vertente Sudeste de um cerro com grande visibilidade, cuja altitude, assinalada por um vértice geodésico, se situa à cota 218. Analisando a Carta Militar de Portugal (CMP 1:25000, folha 587), verificamos que este cerro forma, juntamente com outros três (Penedo Grande a Noroeste, Rocha de Messines a Este e Pico Alto a Nordeste) cujas cotas altimétricas correspondem respectivamente 248, 348 e 302, um conjunto de atalaias naturais que protegem em concha o vale, por onde correm o Ribeiro Meirinho e o Barranco do Vale, seu afluente, cujas bacias hidrográficas irrigam as zonas limítrofes ao cerro da Portela.

No que respeita à topografia, as encostas Norte, Este e Oeste são mais acentuadas, apresentando o cerro um declive mais suave a Sul, razão pela qual o assentamento humano se torna aqui mais facilitado. Será provavelmente por esta razão que este foi o local escolhido para a implantação do povoado islâmico da Portela 3.

Situado numa zona de contacto entre o barrocal e a serra, o Cerro da Portela conta igualmente com condições de boa visibilidade da área envolvente em todas as direcções, avistando-se a Sudeste o castelo islâmico de Paderne, com vestígios arqueológicos de época almóada e posteriores à reconquista cristã.

É precisamente no barrocal que se localizam os terrenos mais férteis do Barlavento algarvio, numa área abarcando Paderne, São Bartolomeu de Messines, Silves, Lagoa, Bensafrim e Vila do Bispo (Gomes, 2002). Composto por rochas calcárias (margas e arenitos ou grés) do Jurássico e Cretácico, o Barrocal possui terrenos relativamente férteis dada a dissolução dos calcários, com a concomitante formação da denominada terra rossa. (Ramos: 2000) Estas condições, conjugadas com a presença de cursos de água, determinam um grande potencial agrícola para a região.

Analisando as Cartas de Uso do Solo do Barlavento algarvio, datadas de 1959, verifica-se que são pouco numerosos os terrenos com boa aptidão agrícola, designadamente para cultivo de cereais, localizando-se estes sobretudo nos planaltos envolventes dos núcleos populacionais de Silves, Monchique, Lagos, Aljezur e São Bartolomeu de Messines (Gomes, 2002). Este último corresponde, a uma «[...] importante veiga fértil, orientada Nordeste-Sudoeste, que se desenvolve entre Silves e São Bartolomeu de Messines, onde predominam, em particular junto ao rio Arade, terrenos classificados como sendo de classe A. São solos maioritariamente calcários, constituídos por rochas detríticas, argiláceas e calcárias [...]»(Gomes, 2002).



Figura 2 - Localização do sítio da Portela 3 na CMP 1:25000

Assim, já em fontes medievais e no *Livro do Almojarifado de Silves* (meados do século XV) (Moreno, Leal e Domingues, 1984), entre outros, é mencionado o cultivo de legumes e as árvores de fruto desta região, favorável à agricultura de regadio junto aos principais cursos de água. Ainda hoje esta é uma região virada para a agricultura, com oliveiras, alfarrobeiras, figueiras, amendoeiras e pomares. Concretamente no cerro da Portela, o coberto vegetal visível conta ainda com alfarrobeiras e oliveiras, sendo igualmente ainda reconhecíveis vestígios de marcas de arado à superfície, indicando que até há bem pouco tempo aqui se praticava agricultura.

A região é ainda dotada de recursos mineiros, destacando-se as minas de cobre na freguesia de São Bartolomeu de Messines. (Gomes, 2002).

Do ponto de vista geológico, a Portela 3 encontra-se implantada na área de contacto entre uma zona de calcários dolomíticos e dolomitos e o complexo vulcano-sedimentar básico e dolomitos intercalados, com presença igualmente de argilas vermelhas (Carta Geológica da Região do Algarve. Folha Ocidental, escala 1:100 000, [1992]).

A área afectada pelo corte da Auto-estrada, e objecto de escavação arqueológica, é aparentemente periférica em relação ao núcleo central de povoamento, que ocupa a vertente Sudeste do cerro da Portela, visto que a dispersão de materiais aponta para uma extensão nas direcções Sul e Oeste da área escavada. Na área intervencionada, um total de 769 m², observa-se uma pendente suave quer na direcção Sul, quer na direcção Este.

1.2 SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA IDENTIFICADA NA PORTELA 3

A sequência estratigráfica identificada na Portela 3 já foi publicada (Pires e Ferreira, 2003) e encontra-se descrita com pormenor no relatório de escavação (Pires, Ferreira e Pinto, 2001). Portanto será aqui apresentado sumariamente o faseamento proposto para a zona escavada. No Anexo VII são apresentados os quadros que sintetizam os contextos arqueológicos atribuídos a cada fase, que se encontram ilustrados no Anexo VIII.

Os vestígios mais antigos que aqui se identificaram foram divididos em duas subfases. Na Fase 1a considerou-se a abertura de uma sepultura de fossa simples, de forma tendencialmente oval, sem qualquer tipo de cobertura, com orientação Este-Oeste, escavada no passado geológico. O indivíduo nela inumado encontrava-se directamente sobre o terreno natural, em decúbito dorsal e com o crânio na extremidade Oeste, olhando para o céu. Propôs-se que durante esta fase este espaço tivesse sido ocupado por uma necrópole, provavelmente cristã, anterior ao povoado.

Na Fase 1b agruparam-se os vestígios mais antigos do povoado, mas que se julga serem já posteriores à sepultura da Fase 1a. Estes vestígios não mantêm nenhuma relação estratigráfica entre si, e são portanto de interpretação difícil. Destaca-se a abertura de uma lixeira, que continuará a ser usada nas fases seguintes. Trata-se de um grande buraco intencionalmente escavado no estrato geológico, de forma vagamente rectangular e de orientação Norte-Sul. Os primeiros enchimentos foram aqui colocados sobre o solo natural.

A Fase 2a caracteriza-se pela primeira organização coerente identificada neste espaço, onde se define uma diferenciação de áreas. Começa a delinear-se uma organização ortogonal do espaço, com os muros claramente orientados Norte-Sul ou Este-Oeste.

A sequência estratigráfica permite verificar que é durante esta fase que surge o primeiro compartimento (compartimento 16), delimitado pelos Muros 27 (de orientação Este-Oeste) e 28 (de orientação Norte-Sul), e por uma soleira. Este compartimento abre para uma área de armazenagem constituída pelos Silos 9, 10, 11, 12 e 13. Esta área de armazenagem é delimitada a Este pelo Muro 18, que faz cunhal com o Muro 45, que delimita a Sul esta área, juntamente com o Muro 14.

A Sul desta zona de armazenagem surgem duas áreas distintas, separadas pelos Muros 32 e 33, ambos orientados no sentido Norte-Sul. Na zona a Este destes muros foi identificada uma área de armazenagem, com características semelhantes à primeira, mas dispondo apenas de três silos (Silos 4, 5 e 6).

A Oeste desta área, a continuação do uso da lixeira, resultou na sua remodelação, levando assim à construção do Muro 33. Este muro é construído sobre os depósitos UE 291 e 253, da Fase 1, e encontra-se encostado ao Muro 32, igualmente da fase anterior, apoiando-se nele. Na extremidade Sul desta estrutura é construído, perpendicularmente, o Muro 36, que a ela encosta, servindo-lhe assim de contraforte. O Muro 36 é construído dentro do interface negativo da lixeira, sobre o depósito UE 382, ambos da fase anterior. Finalmente, na zona Sul da área intervencionada encontra-se ainda outro silo (Silo 2).

Durante a Fase 2b deu-se o entulhamento do Silo 13, e a lixeira continuou em utilização e à Fase 2c corresponde a construção do Muro 29, do qual só restava a última fiada bastante mal conservada.

A Fase 2d corresponde o abandono dos silos que se encontravam em funcionamento na fase anterior e também aos últimos enchimentos da lixeira, que já não se encontra em utilização na fase seguinte.

A Fase 3a é a grande fase de construção identificada dentro da área que foi alvo da intervenção arqueológica. É durante esta fase que este espaço periférico se torna verdadeiramente urbano, estando este facto provavelmente relacionado com um momento de expansão do povoado. Nesta fase são construídos quatro edifícios, cuja estrutura base se define pela disposição de compartimentos em redor de um pátio central.

O Edifício A organiza-se à volta do compartimento 12, rodeado a Sul pelo compartimento 17, a Oeste pelos compartimentos 9 e 10 e a Nordeste pelo compartimento 16, construído durante a Fase 2a. Estes compartimentos abrem para o pátio através das portas 8, 9, 10 e 11, respectivamente. O compartimento 17 abre ainda para o compartimento 8, pela Porta 7, que se encontra a Oeste. A Sul do compartimento 8 um

corredor estreito permitiria aceder do Compartimento 17 para a área não escavada a Ocidente deste edifício. No compartimento 17 foram identificados dois conjuntos de buracos de poste.

A presença de um depósito composto por grande quantidade de fragmentos de escória no compartimento 8 sugere que este local seria uma oficina dedicada á metalurgia. O pavimento de argamassa do compartimento 9, por seu lado, indica que este teria funções domésticas.

No piso do Compartimento 10, o estrato geológico nivelado e alisado, foi construída uma lareira de grandes dimensões, junto ao Muro 47. Trata-se de uma lareira estruturada, com preparação em telha², que foi coberta por uma camada de barro, endurecida pela acção do fogo. Esta lareira permite propor que aqui funcionaria uma cozinha.

O Edifício B é adjacente, a Sul, ao Edifício A, com quem partilha o Muro 14. O compartimento 18 será o pátio do Edifício B, com abertura, Porta 6, para o compartimento 7. Cada um destes compartimentos possui um silo, Silo 8 e 3 respectivamente.

O Edifício C, localiza-se a Sul do Edifício A e a Este do Edifício B, partilhando com o Edifício B o Muro 33 e organiza-se à volta do compartimento 5, que permite o acesso, a Norte, aos compartimentos 15 e 13, pelas portas 5 e 4 respectivamente, e a Este ao compartimento 6 pela Porta 3. A Sul encontra-se o compartimento 19.

Dentro do compartimento 6 foi identificada uma canalização, construída por um alinhamento em pedra onde se apoia uma estrutura em telha, que forma um canal, que aproveita a pendente natural do terreno para Este.

O edifício D localiza-se no extremo Sul da área escavada, e estrutura-se em torno do compartimento 3, que dá acesso, a Norte, ao compartimento 4, pela Porta 2 e a Oeste ao compartimento 2 pela porta 1. A Sul do compartimento 2 encontra-se o compartimento 1, para o qual não foi possível definir o acesso.

A Fase 3b testemunha a utilização dos compartimentos construídos durante a fase anterior, com algumas remodelações. Trata-se sobretudo de uma fase de formação de depósitos decorrente da utilização contínua dos espaços interiores e exteriores dos edifícios.

No compartimento 9 do Edifício A identificou-se a degradação do pavimento de argamassa construído na fase anterior. O compartimento 16 deixa de estar em funcionamento já que no seu interior se forma um derrube.

Os silos dos compartimentos 7 e 18 do Edifício B são entulhados. A circulação dentro destes compartimentos seria feita directamente sobre o estrato geológico e o enchimento dos silos.

O resíduo de argamassa no compartimento 6 do Edifício C sugere uma remodelação do pavimento deste compartimento neste momento.

A Fase 4 caracteriza-se pela remodelação do Edifício A, onde a parte Norte do pátio (compartimento 12) é transformada em dois novos compartimentos separados pela construção do Muro 26, que delimita o compartimento 11 (a Oeste) do compartimento 21 (a Este). No compartimento 11 foi aberto o Silo 14, escavado no solo natural, cuja morfologia o diferencia de todos os outros. Distingue-se também dos outros silos pelo espólio recolhido, uma vez que nos outros silos o entulhamento foi claramente rápido, sendo utilizados grandes blocos de pedra e escasso material cerâmico e fauna. Pelo contrário, nesta última estrutura foram recolhidas, especialmente junto à base, grandes quantidades de fauna e de fragmentos cerâmicos. Foi por isso interpretado como uma fossa, usada para recolher dejectos.

O acesso ao compartimento 21 faz-se a partir do pátio por meio de um degrau, ao qual se associa um piso em terra. No compartimento 21 foi identificada uma lareira muito degradada.

A Fase 5 agrupa os vestígios da derradeira ocupação deste espaço, ou seja, os vestígios que se encontram sob os derrubes finais das estruturas. As estruturas construídas durante as fases 3 e 4 continuam em utilização.

² Rosselló-Bordoy (1991, 176) designa estas formas cerâmicas como *qarmad* ou *qarmada*. Seria de maior rigor usar estes termos árabes para designar as telhas, tendo em conta os pressupostos do presente estudo (cf. ponto 2.1). Mas como neste capítulo se pretende descrever o faseamento da ocupação da Portela 3, e não estudar as formas de *qarmad/qarmada*, optou-se por manter o termo português, de forma favorecer a clareza da descrição.

A construção de um pavimento de lajes de calcário, no compartimento 8 do Edifício A, sobre os vestígios de escória da Fase 3a, testemunha uma alteração na função deste espaço, agora com um uso doméstico. Para proteger este novo espaço doméstico da zona de acesso ao exterior, prolonga-se o corredor da entrada da casa, com a construção do Muro 16.

No canto Sudeste do compartimento 9 do mesmo edifício são abertos três buracos de poste, que formam entre si um triângulo, e que provavelmente suportariam uma estrutura em tripé de função desconhecida. Este espaço recebe um novo piso, sobre o qual se encontrava uma lareira no canto Nordeste do compartimento.

A lareira do compartimento 10, construída na Fase 3a, foi remodelada com uma camada de barro cozido colocada sobre o anterior piso da lareira.

O compartimento 11 recebeu um pavimento, que parece ter tido originalmente uma componente de argamassa, identificada apenas de forma residual, quando a fossa (Silo 14) já não se encontrava em uso.

O compartimento 7 do Edifício B foi pavimentado com terra batida. Sobre este piso foi construída uma lareira estruturada, com preparação em telha, coberta por uma fina camada de barro, consolidado por acção do fogo.

Na zona a Sul do Muro 41, é construída uma porta, UE 94, que permitiria aceder a um espaço que se encontra já fora dos limites da intervenção. É possível que esta nova estrutura seja uma remodelação do edifício B, indicando a construção de um novo compartimento a Ocidente.

No compartimento 6 do Edifício C é construído um nivelamento em pedra miúda, que recebe uma camada de terra, onde é construída uma lareira, com preparação em telha, onde é colocada uma camada de barro, consolidado pela acção do fogo. No compartimento 19 também foi identificada uma preparação de lareira estruturada com fragmentos de telha.

No pátio do Edifício C, compartimento 5, na zona da porta de acesso ao compartimento 6, foram identificados dois depósitos com cerâmica quebrada em conexão, colocados directamente sobre as margas que formam o substrato geológico.

A construção do Muro 12, apoiado, perpendicularmente, nos muros 8 e 10, vai dividir o compartimento 15 em dois. Este muro tem a particularidade de só apresentar paramento no lado Oeste. Deste modo, é delimitado o compartimento 14, que não tem qualquer porta para o exterior. Julga-se que este compartimento tenha sido intencionalmente entulhado, de modo a proporcionar um piso elevado em relação ao compartimento 15.

Durante a Fase 5, o compartimento 3 do Edifício D é revestido com um piso de terra batida, enquanto no compartimento 3, o pátio desta casa, é construído uma estrutura encostada ao Muro 3, que se interpretou como um banco.

Na área a Norte da casa D foi identificado um nivelamento, constituído por calhaus, que vai colmatar uma descontinuidade existente na rocha calcária neste local. Esta camada é coberta por um depósito de terras, que regulariza o piso nesta zona.

Finalmente durante a Fase 6 formaram-se os depósitos e derrubes resultantes do abandono do povoado.

1.3 O CONJUNTO DE *BARRADA/ŠURAYBA* EXUMADO NA PORTELA 3

Ainda que não tenha sido possível aceder ao conjunto cerâmico recolhido na Portela 3 em tempo útil para o presente trabalho, o estudo de materiais elaborado durante a execução do respectivo relatório de escavação (Pires, Ferreira e Pinto, 2001), permite avaliar a importância do conjunto de *barrada/šurayba* na Portela 3.

Nessa altura só foi possível estudar as cerâmicas exumadas em unidades estratigráficas que pelas suas relações estratigráficas melhor pudessem contribuir para a datação do faseamento proposto. Faseamento esse que resultou da análise estratigráfica que então levámos a cabo. Tendo em consideração o objectivo desse estudo foram analisados só os fragmentos cerâmicos que permitissem reconstituição de forma ou que estivessem decorados, pois a forma e decoração são comparáveis com outros exemplares publicados. Os fragmentos recolhidos nas unidades estratigráficas então estudadas que não preenchessem aqueles critérios não foram inventariados, mas foram contabilizados para efeitos estatísticos.

A população inquirida³ do estudo então realizado era composta por 3606 fragmentos, dos quais foi possível atribuir forma a 668 fragmentos, ou seja a 18,5%. Estes 668 fragmentos foram considerados uma amostra representativa daquela população. Nesta amostra encontra-se represento um número máximo (n. máx. r.)⁴ de 663 recipientes, dos quais 265 pertencem a formas de *barrada/šurayba*.

FASE	U.E.	BARRADA/ŠURAYBA		N. MÁX. R.
		F.A.	F.R. ⁵	
1b	336	7	61,5%	10
	360	3	23,1%	13
	353	17	44,7%	37
	347	5	83,3%	6
	291	57	52,3%	109
2a	255	0	0,0%	2
2b	252	32	30,5%	105
	426	7	63,6%	11
2d	317	10	47,6%	21
	260	1	14,3%	7
	253	34	51,5%	65
	142	57	39,3%	145
	399	8	40,0%	20
	180	1	9,1%	11
	163	5	71,4%	7
3a	235	5	33,3%	15
4a	245	1	50,0%	2
	128	1	50,0%	2
5	234	0	0,0%	7
	230	1	33,3%	3
	213	0	0,0%	1
6	225	1	7,1%	14
	199	1	33,3%	3
	212	3	30,0%	10
	200	2	15,4%	13
	65	6	25,0%	24
Total		265	39,8%	663

Quadro 1 – Distribuição dos recipientes da amostra pelas unidades estratigráficas estudadas. Peso do grupo *barrada/šurayba* na amostra estudada

O Quadro 1 demonstra o peso esmagador que o grupo *barrada/šurayba* tem no conjunto cerâmico da Portela 3. Dos 663 recipientes estudados cerca de 40% foram atribuídos aquele conjunto. Só não se

³ Para precisar este conceito veja-se o ponto 3.1.

⁴ Cf. ponto 3.1.

⁵ Em relação ao total da amostra.

reconheceu estas formas nas unidades estratigráficas que apresentam um conjunto muito reduzido de fragmentos cerâmicos (u.e. 213, 234 e 255). Em nove unidades estratigráficas o peso das *barrada/šurayba* é ainda superior ao peso médio. Note-se também o peso desta categoria cerâmica mantém-se alto ao longo de toda diacronia de ocupação.

Durante o referido estudo só foram desenhadas quatro peças classificáveis como *barrada/šurayba*, uma delas proveniente da u.e. 353 (Fase 1b) e as restantes da u.e. 426 (Fase 2B)⁶. Aquele estudo não contemplou a análise das pastas, dos tratamentos de superfície e decoração dos recipientes inventariados. Face aos meios disponíveis para o realizar optou-se por uma análise centrada na proposta de cronologias através da comparação das suas características formais e decorativas, com outros exemplares datados, muitos dos quais se encontram nas obras que o presente trabalho analisou.

Como não foi possível, no âmbito da presente tese de mestrado, realizar o trabalho pretendido sobre o conjunto cerâmico formado pelas *barrada/šurayba* da Portela 3, a informação actualmente disponível é insuficiente para comparar os grupos cerâmicos provenientes da Portela 3 com os grupos cerâmicos que se estabeleceram para Silves, Castelo Velho de Alcoutim, Castelo das Relíquias e Salir (cf. ponto 4).

⁶ Estas peças encontram-se ilustradas no Anexo VIII

2 AS FORMAS DE BARRADA/ŠURAYBA NA KURA DE UHŠUNUBA OU DE ŠILB

2.1 O NOME DOS PÚCAROS NO *GARB AL-ANDALUS*

Neste trabalho adoptou-se, como já se tinha feito no relatório das escavações da Portela 3, a terminologia proposta por G. Rosselló Bordoy (1991) na classificação das formas cerâmicas de período islâmico. A adopção desta proposta condiciona a análise desde o início, já que foi a partir dos seus critérios que se dividiu o conjunto cerâmico exumado na Portela 3, que depois se escolheu um subconjunto para analisar, o que por sua vez levou à formação dos grupos cerâmicos que se recendem no capítulo 3.

A adopção de uma terminologia radica no desejo de encontrar uma linguagem que permita que objecto do estudo, um tipo específico de artefacto, proveniente de um local determinado, possa contribuir para a construção do conhecimento mais vasto, neste caso a História das sociedades que formaram o *Garb al - Andalus*. Sem uma linguagem comum não é possível a construção de um conhecimento comum. A adopção desta proposta terminológica específica justifica-se pelas suas qualidades, mesmo que se encontrem ainda em bruto (Acien Almansa, 1994; Castillo e Salvatierra, 1999, Rosselló – Bordoy, 1999).

Esta terminologia foi construída recorrendo ao acervo linguístico conhecido para o al – Andalus, e é portanto a melhor aproximação até agora produzida pela investigação peninsular, à nomenclatura cerâmica usada pelas sociedades que constituíram aquela entidade política. Se se estuda os objectos como forma de conhecer as sociedades, o uso dos nomes que estas lhes deram, contribuirá para melhor compreender o valor desses objectos nessas mesmas sociedades. Por exemplo *šurayba*, tem origem no radical árabe ŠRB, beber (Bordoy, 1991, 146).

Assim, com toda a margem de erro e de correcção que o seu autor admite (Rosselló – Bordoy, 1999), o uso de uma classificação dos artefactos com base no vocabulário usado pelos grupos que o produziram e/ou utilizaram, criará uma categorização, que ainda que contemporânea e resultado do estado da arte, estará melhor informada, sobre a relação que as sociedades em estudo mantiveram com os objectos, do que a adopção de uma nomenclatura baseada no vasto reportório actual que cada língua peninsular possui. Reportório esse, resultado não só da contribuição linguística do árabe andaluz, como da evolução contemporânea e posterior das línguas romances.

Por outro lado esta proposta terminológica admite a fluidez das formas cerâmicas, que o presente trabalho demonstra (cf. ponto 4.5), sendo portanto um instrumento de análise que não obriga a que se molde a realidade ao instrumento. É pelo contrário um sistema aberto, que admite ser “surpreendido” pela realidade.

Como Rosselló Bordoy deu às suas series o nome castelhano e catalão que melhor traduziriam os termos árabes, prefere-se neste trabalho o uso dos nomes árabes que propõe, por neste contexto preciso transcenderem as línguas romances que o substituíram.

Analysaram-se pois as formas classificáveis com *barrada / šurayba*, “basicamente útil para beber las de boca ancha; para escanciar líquidos, las de cuello alto con o sin pico” (idem, 165), ilustradas pelos tipos 18 a 31 da sua tipologia.

Na bibliografia arqueológica portuguesa, estas peças são designadas, por diferentes nomes: púcaros, pucarinhos, pucarinhas, jarras, jarrinhas, etc. (Catarino, 778-785 e 792 – 794, Gomes, 2002, 36, Torres et alli, 2003, 130-131). Por si só a variedade de termos actualmente em uso no *corpus* português de cerâmicas islâmicas justifica a adopção de uma terminologia independente das idiossincrasias de cada investigador, o que foi pela primeira vez ensaiado em 1993 por Amílcar Guerra e Carlos Fabião, quando estudaram as cerâmicas islâmicas em Mesas do Castelhino (Almodôvar) (Guerra e Fabião, 1993).

2.2 CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE BARRADA / ŠURAYBA

Pretendeu-se comparar, no âmbito deste trabalho, conjuntos estratigraficamente coerentes, ou seja com origem no mesmo contexto arqueológico. Dadas as características da informação fornecida pelas duas obras (Catarino, 1997-1998, 39-40; Gomes, 2002, 20-22), entende-se aqui “contexto arqueológico” como a conjugação de *local de origem das cerâmicas* com a *localização estratigráfica das mesmas*.

Foram portanto considerados nesta análise todas as peças cerâmicas das quais é fornecido desenho, caracterização física, local de origem (quadrado e/ou compartimento) e proveniência estratigráfica (nível ou camada) apresentadas nas referidas obras e que possam ser classificadas como *barrada / šurayba*.

N’*O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica* estas formas encontram-se sob a designação pucarinhas ou jarrinhas (tipo 8 do inventário), púcaros ou pucarinhos (tipo 9 do inventário) e infusas, cantarinhas ou bilhas (tipo 10 do inventário) (1997-1998, 778-785 e 792 - 794). Em *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus*, as mesmas formas são designadas como púcaro e jarra (2002, 36).

A escolha das peças para os grupos aqui estudados baseou-se na observação da sua morfologia e comparação da mesma com as formas que ilustram a serie *barrada/šurayba* de Rosselló Bordoy.

Assim, nem todas as formas com a mesma designação publicadas nestas obras foram incluídas nestes grupos quando apresentavam características que as classificariam noutras series definidas por Rosselló Bordoy. No entanto, para fins de comparação estatística, consideraram-se “como fragmentos que potencialmente poderão pertencer a formas de *barrada / šurayba*”, todos os fragmentos contabilizados pelas respectivas autoras nas ditas formas. Só assim foi possível ter alguma perspectiva sobre o valor dos conjuntos de origem das peças.

3 METODOLOGIA

3.1 CONCEITOS

Esta análise teve em conta duas dimensões. A primeira é espacial, e refere-se à origem dos exemplares em estudo. Para que se mantivesse o máximo de fiabilidade no contexto dos conjuntos analisados, o único critério na formação dos grupos em análise foi a sua associação rigorosa. Ou seja pretendeu-se formar conjuntos, cuja associação espacial e estratigráfica entre os seus elementos fosse muito próxima, e que a associação destes com o contexto arqueológico de proveniência seja inequívoca. Assim a formação dos conjuntos e a associação entre peças não dependeriam de nenhuma interpretação posterior sobre o processo de formação do sítio, nem das noções apriorísticas acerca dos tipos cerâmicos em questão, mas tão só do seu contexto arqueológico.

Este método permitirá estabelecer as relações estratigráficas entre os diferentes grupos, e portanto concluir sobre que tipo de relação temporal mantêm entre si, ou seja proceder ao salto cognitivo que define o “raciocínio arqueológico”, tornar uma relação espacial numa relação temporal. Mais uma vez só se considerou as relações estratigráficas inequívocas entre dois grupos.

O rigor em estabelecer a origem da peça, tinha ainda outra ambição, poder relacionar com fiabilidade, aos conjuntos assim formados a informação cronológica proveniente dos mesmos contextos arqueológicos. Assim para cada grupo discutiu-se a informação cronológica proveniente do seu contexto de origem. Considerou-se unicamente a informação que não tinha origem na comparação formal de objectos cerâmicos, pois um dos objectivos desta análise é aferir da viabilidade da utilização das cerâmicas em estudo como materiais datantes. Ora se se usasse o potencial de informação cronológica das cerâmicas para essa aferição ficar-se-ia refém de um raciocínio circular que envenenaria todas as conclusões atingidas.

Discutiu-se também, conjunto a conjunto, o modo como os contextos arqueológicos se formaram e como é que integraram os materiais arqueológicos neles exumados. Tentou-se assim perceber qual o valor de cada conjunto cerâmico como representante de um “conjunto vivo” de cerâmicas. Esta discussão, para além de se alicerçar nos princípios de estratigrafia arqueológica sedimentados por Edward C. Harris (1989), usou alguns conceitos que é necessário precisar.

Considera-se o **conjunto vivo**⁷ o conjunto de artefactos que deu origem a determinada associação estratigráfica de materiais arqueológicos. Esse conjunto vivo pode ser restrito do ponto de vista temporal e espacial, como por exemplo, o conjunto cerâmico usado num determinado compartimento no último momento da sua utilização, ou pode ter uma origem espacial e temporal mais alargada, como os artefactos em uso numa determinada povoação durante um longo intervalo de tempo e que foram descartados numa lixeira comum. Note-se, no entanto, que alguns conjuntos arqueológicos podem ter origem em mais do que um conjunto vivo, como pode ser o caso de materiais provenientes de entulhos onde foram colocados sedimentos de várias origens.

Claro que entre o conjunto vivo e o conjunto arqueológico medeiam vários processos: a forma de abandono dos materiais, ou seja a sua remoção do conjunto vivo, o local de abandono, o processo de formação do contexto arqueológico onde será encontrado, os processos pós-deposicionais que este sofrerá e finalmente o modo como foi exumado e se constituiu em conjunto arqueológico (Schiffer, 1996, 13-15). O conjunto arqueológico é sempre, pela sua própria natureza, uma amostra de valor desconhecido de um universo, o conjunto vivo, também ele de valor desconhecido. Ou seja, desconhece-se qual o tamanho e a constituição do conjunto vivo, mas também se desconhece qual é a proporção do conjunto vivo que chegou

⁷ Conceito emprestado da zooarqueologia que reconhece cinco estágios na formação de uma amostra arqueológica de fauna (Klein e Cruz-Uribe, 1984, 3), adaptado à análise cerâmica nos anos 70 do século passado (Orton et alli, 1993, 17):

1. O conjunto vivo, a comunidade de animais com as suas proporções naturais;
2. O conjunto morto, as carcaças ou partes de carcaças que foram acumuladas por vários agentes (seres humanos, animais, ou qualquer outro agente);
3. O conjunto depositado, as carcaças ou partes de carcaças que ficaram em determinado local;
4. O conjunto fóssil, os ossos ou outras partes de animais que sobreviveram no local até terem sido escavadas;
5. O conjunto de amostra, a parte do conjunto fóssil que foi escavado ou recolhido.

ao conjunto arqueológico (Orton et alli, 1993, 166-167). No caso particular desta análise esta amostra ainda se encontra mais reduzida, já que a maioria dos materiais recolhidos em cada contexto arqueológico não foi catalogada de forma a poderem ser incluídos neste estudo.

Do ponto de vista estatístico o conjunto vivo é formado por um número desconhecido de recipientes, que é idealmente a **população objectivo** (“target population”, Orton, 2000, 41) de qualquer estudo arqueológico. Mas só alguns dos recipientes da população alvo chegarão ao conjunto arqueológico. Desconhece-se, no entanto, a proporção dos recipientes do conjunto vivo que estará representado no conjunto arqueológico. Também se desconhece se os recipientes que estão representados no conjunto arqueológico mantiveram a mesma distribuição dos caracteres⁸ que se pretende estudar da população objectivo.

Por outro lado, raramente é possível determinar o número exacto de recipientes que estão representados num conjunto arqueológico, pois este é normalmente constituído não por recipientes inteiros, mas por fragmentos de vários recipientes, e muitas vezes não é possível determinar quantos fragmentos representam um determinado recipiente (Orton et alli, 1993, 167-168). Mas se o conjunto arqueológico é composto por fragmentos que representam um número desconhecido dos recipientes que pertenciam ao conjunto vivo, não só este número pode ser calculado por várias técnicas de contagem, com diferentes vantagens e desvantagens (idem, 168-173), como os caracteres eventualmente recenseados no conjunto arqueológico caracterizam os recipientes aí representados (idem, 167-168). O conjunto arqueológico é portanto a **população inquirida** (“sampled population”, Orton, 2000, 41) de qualquer análise arqueológica⁹.

Mesmo quando se tem oportunidade de estudar a totalidade de um dado conjunto arqueológico o valor da informação que este fornece sobre os recipientes nele representados varia de carácter para carácter, conforme a características do próprio conjunto, como por exemplo o seu grau de completeza¹⁰ (“completeness”, Orton et alli, 1993, 167 e 178-179) e de fragmentação¹¹ (“brokenness”, idem, 169 e 178-179). Por exemplo, quando se caracteriza as pastas de todos os fragmentos presentes num determinado conjunto arqueológico caracteriza-se as pastas de todos os recipientes representados naquele conjunto. Mas, na esmagadora maioria das vezes, quando se determina as formas presentes no mesmo conjunto, só se distingue uma parte das formas dos recipientes aí representados, porque alguns deles estarão representados por fragmentos que não possibilitam reconstituição de forma. As formas identificadas nesse conjunto são uma **amostra** da totalidade das formas dos recipientes aí representados. Quando o conjunto arqueológico inteiro se encontra em estudo é possível calcular o valor desta amostra, usando por exemplo um dos métodos de cálculo de número de recipientes representados (idem, 169).

Os grupos que se analisam no presente trabalho são também uma amostra dos conjuntos arqueológicos de onde são provenientes. Ou seja, o **a população inquirida** não são os grupos aqui apresentados, mas o conjunto de fragmentos classificáveis como *barrada* / *šurayba*, provenientes de determinados contextos arqueológicos, e donde provêm os exemplares estudados. Considera-se que cada peça do presente estudo represente um recipiente, ou seja, mesmo no caso de dois fragmentos de bojo, sem reconstituição de forma, apresentarem o mesmo tipo de pasta e decoração, são considerados dois recipientes diferentes. Trata-se portanto neste caso do número máximo de recipientes representados (**n.max.r**) (idem, 172). Mas não há informação suficiente para calcular o número máximo de recipientes representados no universo em estudo. Alguns dos grupos estudados, como por exemplo o grupo 29, pertencem a conjuntos arqueológicos formados por peças inteiras, ou quase inteiras, mas da maioria só se conhece o número total de fragmentos.

Ou seja, não é possível determinar o valor de amostragem dos grupos aqui definido, utilizando o número máximo de recipientes, pois não é possível dividir o n.max.r. da amostra pelo n.max. r. do universo de estudos, já que se desconhece este último.

⁸ “O que se estuda sobre cada elemento de uma população” (Alain, 1999, 347)

⁹ De agora em diante, os termos universo ou população, sem outro qualificativo, referem-se à população inquirida

¹⁰ “Propriedade de ser completo” (Houaiss, 2002, 2: 1006)

¹¹ “Efeito de fragmentar-se” (Houaiss, 2002, 3: 1795)

Para tentar compreender qual o valor de amostragem dos grupos estudados optou-se por comparar o número de fragmentos que os constituem com número total de fragmentos da população inquirida¹² na presunção que o conhecimento da população inquirida depende da representatividade da amostra. Se um conjunto arqueológico for composto por 100 fragmentos de 100 recipientes diferentes, quanto maior for a amostra recolhida deste conjunto, maior o número de recipientes que ficará conhecido. Se por outro lado um conjunto arqueológico for composto por 100 fragmentos de um único recipiente, quanto maior o número de fragmentos estudados, melhor se conhecerão as características deste recipiente.

Nos casos em que o conjunto é formado por peças, estabeleceu-se a relação entre as peças do grupo e as peças do conjunto arqueológico¹³. Não se pretende comparar estatisticamente grupos quantificados por fragmentos com grupos quantificados por peças, mas só o valor de amostragem de cada grupo em relação ao conjunto arqueológico de origem.

A leitura das obras em questão permite supor que os fragmentos publicados são aqueles que melhor informação fornecem sobre os recipientes que representam: permitem reconstituição, ainda que parcial, de forma, ou apresentam decoração. Mas a questão que se coloca é se estão lá todos os fragmentos com aquelas características. Se um conjunto arqueológico é formado por 978 fragmentos e só 7 foram catalogados (cf. ponto 4.1.1., Grupo 1) a probabilidade de todos os fragmentos com informação de forma estarem representados é bastante mais baixa que a de um conjunto arqueológico constituído por cinco peças, das quais 4 foram catalogadas (cf. ponto 4.29.1, Grupo 29).

Ainda que estatisticamente seja impossível relacionar o conjunto arqueológico com o conjunto vivo, tentar compreender a relação entre este e o conjunto vivo é fundamental para perceber o que o conjunto arqueológico representa do conjunto vivo, e por extensão do grupo humano que o usou. No presente estudo isso só é possível pela análise do processo de formação dos contextos arqueológicos de origem dos grupos de *barrada* / *šurayba*.

Os materiais arqueológicos podem integrar um depósito ou outro tipo de realidade estratigráfica quando este se forma, ou após a formação deste. No primeiro caso o material pode encontrar-se numa das três situações seguintes.

Em **contexto de utilização**, quando o objecto é recolhido, *in situ*, ou seja no local onde foi utilizado pela última vez, como uma panela sobre uma lareira. Em **contexto de deposição primário**, quando o objecto é recolhido no contexto para onde foi descartado ou perdido, como os fragmentos de uma panela numa lixeira. Em **contexto de deposição secundário**, quando o objecto foi removido do seu contexto primário devido a actividades humanas ou naturais, como, por exemplo, a abertura de uma vala, que deslocou um determinado objecto e os depósitos a ele associados, para outro local.

O conceito **contexto de utilização** corresponde ao termo *primary refuse*, “artifacts discarded at their locations of use”, conforme definido por M. Schiffer (1996, 58). Enquanto o conceito **contexto de deposição primário** agrupa os termos *secondary refuse*, que classifica os artefactos “discard elsewhere”, que não o local de uso, “even if the location of discard is adjacent to the activity area” (idem, ibidem) e *loss refuse*, a perda do objecto pelo seu utilizador, que o mesmo autor adopta (idem, 76). Tanto os objectos em **contexto de utilização** como os objectos em **contexto de deposição primário** tem origem em *primary deposits*, “formed by cultural deposition at that place” (idem, 199). O **contexto de deposição secundário** agrupa duas situações consideradas por este autor, os artefactos recolhidos em *secondary deposits*, “contain materials redeposited by environmental processes” (idem, ibidem), e os que foram remobilizados por *disturbance processes* de origem humana (idem, 121 – 140)¹⁴.

Estas situações traduzem-se numa escala de distância entre o conjunto arqueológico e o conjunto vivo. Um artefacto exumado em contexto de utilização está mais próximo do conjunto vivo de onde é originário do que um artefacto em contexto de deposição secundário.

¹² Dividindo o total de fragmentos no grupo pelo total de fragmentos arqueológicos.

¹³ Divisão do total de peças do grupo pelo total de peças do conjunto arqueológico.

¹⁴ Os problemas dos materiais que após terem sido descartados, foram novamente recuperados e re-utilizados através de *reclamations processes* (Schiffer, 1996, 99 – 120) não são aqui considerados, por não haver forma de os distinguir. Considera-se só a informação que o material poderá eventualmente fornecer sobre o último conjunto vivo a que pertenceu.

Artefactos em contexto de utilização ou em contexto de deposição primária, se forem objectos de cronologia conhecida, podem ajudar a datar o contexto em que foi encontrado. Ou se o contexto for datado por formas independentes ao objecto, este será datado pelo contexto. São também essenciais para caracterizar as actividades humanas que usaram o respectivo conjunto vivo.

Os processos que conduzem a formação dos contextos secundários resultam muitas vezes não só do deslocamento de depósitos e materiais como na mistura de contextos primários de períodos e formação diferentes. Neste caso, nem sempre é possível identificar as actividades nas quais foram utilizados os objectos. Os objectos em contexto secundário de deposição não são adequados para datar o contexto arqueológico onde foram recolhidos, e sobretudo não se pode usar o contexto (mesmo que se tenha conseguido datá-lo por outros meios) para datar o objecto.

Os materiais que se infiltram num contexto arqueológico após a formação deste ou são **intrusivos**, ou seja tem origem em realidades formadas posteriormente, ou são **residuais**, o que significa que provêm de contextos já constituídos aquando da formação do depósito onde serão exumados (Barker, 1993, 197-198; Harris, 1989, 121). Vários tipos de actividades posdeposicionais provocam esta migração de materiais entre contextos arqueológicos. Se não se distinguir estes materiais dos restantes poderão introduzir graves distorções na compreensão do conjunto ou conjuntos vivos originais.

A segunda dimensão em análise refere-se à caracterização física das peças, que se obteve através da descrição do fabrico, forma e decoração de cada peça. Esta caracterização será a base para perceber se amostra em estudo se detectam regularidades e se essas regularidades tem algum significado crono-cultural. Por regularidades entende-se a repetição de uma determinada característica, ou associação de características. A análise da distribuição das características físicas, formais e estéticas de cada peça pelos grupos estratigraficamente definidos contribuirá para a caracterização do grupo *barrada/šurayba* na *kura* de *Uhšunuba*.

3.2 DESCRITORES USADOS NA CARACTERIZAÇÃO DOS CONJUNTOS

3.2.1 FABRICO E TÉCNICAS DECORATIVAS

Como o objectivo deste trabalho é a comparação de peças apresentadas por duas autoras, que usam critérios necessariamente diferentes, foi preciso estabelecer o mínimo denominador comum entre as duas autoras, de forma a obter descrições comparáveis. Por exemplo enquanto RGV descreve a textura quanto à sua homogeneidade e compactação, HC só refere a homogeneidade. Assim só foi considerado este último critério na presente análise e fez-se corresponder a característica “pasta muito fina” de HC a “pasta muito homogénea” de RGV. Também não se considerou a técnica de fabrico, porque as descrições de RVG não fornecem informação suficiente para a deduzir. Por outro lado HC agrupa sob a mesma designação diferentes cores, conforme definidas pelo sistema Munsell de classificação de cores (Catarino, 1997-1998, 1035). Assim foi necessário agrupar as cores apresentadas por RVG de igual forma. No caso do ambiente de cozedura, quando não é mencionado por RVG, esta foi deduzido pelas cores da peça.

A nomenclatura usada por cada autora nem sempre é igual, e já que se pretende comparar futuramente estas peças com as peças provenientes do povoado da Portela 3, fez-se corresponder a descrição feita pelas autoras à terminologia que se usará no estudo destas últimas peças.

Os quadros seguintes explicitam os descritores usados para a descrição do fabrico e decoração destas peças e fazem corresponder a terminologia das autoras à terminologia que será usada nesse trabalho.

DESCRIPTOR	O QUE REFERE
HOMOGENEIDADE DA PASTA	Homogeneidade da pasta, que HC designa como textura (Catarino, 1997-1998, 1035)
COMPONENTES PLÁSTICOS	Tamanho do grão dos componentes não plásticos
COR	Cor da pasta, núcleo e paredes
COZEDURA	Refere aos últimos ambientes em que a peça foi cozida com presença ou ausência de oxigénio e que influenciaram a cor da pasta.

TRATAMENTO DAS SUPERFÍCIES	Tratamento aplicado á superfície interna e externa
COR DAS SUPERFÍCIES	Cor apresentada pelas superfícies internas e externas

Quadro 2 - Descritores utilizados na caracterização dos fabricos das peças publicadas nas obras em estudo

CRITÉRIOS	RGV	HC
Heterogénea		Grosseira ou heterogénea
Pouco homogénea	Pouco homogénea	Pouco homogénea
Homogénea	Homogénea	Homogénea
Muito Homogénea	Muito Homogénea	Pasta muito fina

Quadro 3 – Critérios usados na descrição da HOMOGENEIDADE DA PASTA e a sua correspondência com os critérios das obras em estudo

CRITÉRIOS	RGV	HC
Finíssimos	Grão finíssimo ou muito fino, normalmente impossível de observar à vista desarmada	grãos muito finos, raros e pouco visíveis a olho nu
Finos	Grão fino, tamanho inferior a 0,5 mm	grãos finos
Médios	Grão médio, entre 0,5 e 1 mm	médios
Grosseiros	Grão grosseiro, entre 1 e 4 mm	grossos

Quadro 4 – Critérios usados na descrição dos COMPONENTES NÃO PLÁSTICOS da pasta e a sua correspondência com os critérios das obras em estudo

NOME DE COR	RGV	HC
amarelo acinzentado pálido	5Y 8/2	
amarelo rosado	10YR 8/4	
amarelo rosado pálido	10YR 8/3	
amarelo rosado pardo	10YR 6/3, 6/4, 7/3, 7/4	
bege	5YR 8/1; 10YR 8/1 e 8/2; 2.5Y 8/2	
branco acinzentado	7.5YR 8/0	
castanho alaranjado	5YR 5/6, 5/8, 6/6 e 6/8; 7.5YR 6/6 e 6/8	
castanho avermelhado	10R 4/8	
castanho avermelhado claro	10R 5/8	
castanho avermelhado pálido	10R 5/6	
castanho-escuro	2.5YR 4/8	
castanho pálido	2.5YR 6/6	
castanho rosado	2.5YR 4/4, 4/6 e 5/6	
cinzento	10YR 6/1	
cinzento alaranjado claro	5YR 6/1	
cinzento alaranjado escuro	5YR 4/1	
cinzento alaranjado muito claro	5YR 7/1	
cinzento amarelado muito claro	5Y 8/1	
cinzento esbranquiçado	7.5YR 7/0	
cinzento muito escuro	2.5YR 2.5/0, 3/0 e 4/0; 5YR 2.5/1 e 3/1; 7.5YR 2/0, 3/0 e 4/0	
cinzento rosado claro	10R 6/1	
laranja	5YR 7/8	
laranja acastanhado pardo	7.5YR 7/4	
laranja acinzentado escuro	5YR 4/2 e 10YR 3/2	
laranja avermelhado	2.5YR 6/8	
laranja avermelhado escuro	2.5YR 5/8	
laranja pálido	5YR 7/6	
ocre muito escuro	5YR 5/2, 5/3; 7.5YR 5/2 e 5/4; 10YR 4/3 e 5/3	
rosa	5YR 8/4	
rosa acinzentado escuro	10R 4/2	
rosa alaranjado	5YR 7/4	

rosa alaranjado escuro	5YR 6/4	
rosa pálido	5YR 8/3	
rosa pardo	5YR 8/2; 7.5YR 8/2 e 8/4	
vermelho alaranjado pálido	10R 6/6	

Quadro 5 – Nomes usados na descrição dos COR de pastas e superfícies e a sua correspondência com o código do sistema Munsell referido nas obras em estudo

oxidante
reduzida
irregular
oxidante com arrefecimento redutor
reduzida com arrefecimento oxidante

Quadro 6 – Tipos de ambiente de COZEDURA consideradas nas obras em estudo

TÉCNICA	RGV	HC
superfície rugosa		rugosas
alisamento	alisada	alisadas
espatulada		espatuladas
polimento	brunido	brunidas
aguada	aguada	
engobe	engobe	engobe
vidrado	vidrado	vidrado
esmalte	esmalte	

Quadro 7 – Técnicas de TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE consideradas nas obras em estudo

DESCRIPTOR	O QUE REFERE
TÉCNICA	Técnica usada para decorar as superfícies da peça
LOCALIZAÇÃO	Superfície e parte da peça onde se localizam os motivos decorativos
TEMA	Descrição dos motivos decorativos baseada no desenho da peça e informação fornecida pelas autoras

Quadro 8 - Descritores utilizados na caracterização da decoração das peças publicadas nas obras em estudo

TÉCNICA	RGV	HC
pintura monocroma		pintura a cru e pintura monocroma sobre engobe ou vidrado
pintura a branco	pintura a branco	
pintura a cor de laranja	pintura a cor de laranja	
pintura a castanho	pintura a castanho	
pintura a azul-cobalto	pintura a azul-cobalto	
pintura a negro	pintura a negro	
pintura digital a cor-de-laranja	pintura digital	
pintura a verde e mangasses	decoração nas cores verde e castanha, de mangasses	decoração a verde e mangasses
corda seca parcial	corda seca parcial	corda seca parcial
canelura	canelura	
estampilhagem	estampilhagem	
molde	molde	
esgrafito	esgrafito	
incisão	incisão	decoração incisa sobre superfícies não vidradas e sob vidrado
incisão a pente	incisão a pente	
reflexo metálico	reflexo metálico	
decoração plástica	decoração plástica	

Quadro 9 – Tipos de TÉCNICAS DECORATIVAS consideradas no presente trabalho e nas obras em estudo

3.2.2 DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA

A descrição morfológica usou os desenhos publicados das peças estudadas e baseia-se na proposta de Balfet et alli (1983), usando por vezes a terminologia em português sistematizada por Artur Martins e Carlos Ramos (1992:91-101). Nesta proposta a forma de cada peça é classificada conforme a sua complexidade e abertura, segundo os conceitos descritos no quadro seguinte.

Simple	Quando a forma pode ser referida a um volume geométrico elementar. Neste caso a menção do referido volume descreve a peça inteira
Complexa	Quando a forma não pode ser referida a um volume geométrico elementar, pois é composta por mais de um. Neste caso a peça deverá ser descrita por segmentos de perfil.
Aberta	Quando o diâmetro máximo coincide com o diâmetro da abertura (sem ter em conta um eventual alargamento do bordo)
Fechada	Quando acima do diâmetro máximo existe um diâmetro inferior aquele, coincidindo ou não com a abertura

Quadro 10 – Definição das formas cerâmicas quanto à sua complexidade e abertura (Balfet et alli, 1983: 9 e 26).

O grupo *barrada/šurayba*, conforme definido por G. Rosselló Bordoy (1991, 165) é composto por formas complexas e fechadas. Assim em cada descrição individual não se repete esta evidência. A descrição das peças é feita por segmentos de perfil e cada segmento é descrito conforme a sua forma e direcção. No quadro seguinte listam-se os descritores usados na descrição de cada peça.

Descritor	Direcção	Forma	Secção
TIPO DE PERFIL		continuo descontinuo	
LÁBIO		direito boleado biselado afilado ...	
PERFIL DO BORDO		direito convexo concavo espessado externamente / internamente estreitado externamente / internamente	circular triangular oval
PERFIL DO REBORDO			
PERFIL DO COLO	vertical	direito	
PERFIL DO BOJO	divergente	convexo	
PERFIL DA BASE	convergente	concavo	
PERFIL DO FUNDO		plano convexo concavo	
ASA	vertical horizontal perpendicular à abertura	semi-circular oval alongado oval alargado recto	circular oval oval achatada oval com depressão longitudinal oval com caneluras longitudinais
PEGA	vertical horizontal obliqua	alongada alargada	geminada espiralada subrectangular
PÉ	vertical divergente convergente	anel pedestal tripé	

Quadro 11 – Descritores usados na descrição morfológica (Balfet et alli, 1983: 26-29).

O significado preciso de cada descritor e de alguns termos descritivos é explicitado no próximo quadro.

Termo	Significado
PERFIL CONTÍNUO	as divisões entre os vários segmentos do perfil faz - se por pontos de inflexão
PERFIL DESCONTÍNUO	as divisões entre os vários segmentos do perfil faz - se por pontos de intercepção .
BASE	parte inferior de um recipiente, que pode estar em continuidade com o bojo ou diferenciar-se dele. Neste último caso o limite superior da base é marcado por um Ponto de Intercepção ou de Inflexão abaixo do diâmetro máximo .
ASSENTO	superfície de apoio do recipiente.
FUNDO	face interna da base
PÉ	relevo no assento , que eleva a base .
BOJO	parte principal do recipiente, limitada pelo colo (ou bordo) e pela base
OMBRO	parte superior do bojo , que se situa acima do diâmetro máximo e logo por baixo do colo
CARENA	quando a curva do bojo é interrompida por um ponto de Intercepção
COLO	parte do recipiente acima do bojo , que rodeia a abertura . O seu limite inferior é marcado por um ponto de intercepção ou de inflexão , situado sobre o diâmetro máximo ou coincidente com este
REBORDO	arranjo do bordo de um recipiente, orientado para o exterior deste e formando por vezes uma parte distinta, depois de um ponto de intercepção . No caso de um recipiente aberto o rebordo constitui o colo
BORDO	parte do recipiente que rodeia a abertura
LÁBIO	superfície superior do bordo
ABERTURA	abertura superior do recipiente, cujo centro coincide com o eixo do mesmo
ASA	apêndice alongado, fixado à peça pelas duas extremidades; menciona-se a localização na peça do sítio onde as suas extremidades se encontram fixadas e o perfil desenhado pela curva superior da mesma
PEGA	apêndice fixado à peça por uma única extremidade, podendo ter forma alongada ou arredondada; menciona-se a localização na peça do sítio onde a sua extremidade se encontra fixada
BICO	modulação do bordo de forma a criar um canal, por onde podem escorrer líquidos.
DIVERGENTE	quando o segmento de perfil se afasta (diverge) do eixo da peça, ou seja a sua extremidade superior encontra-se mais afastada do eixo da peça que a extremidade inferior.
CONVERGENTE	quando o segmento de perfil se aproxima (converge) do eixo da peça, ou seja a sua extremidade superior encontra-se mais próxima do eixo da peça que a extremidade inferior.
VERTICAL	quando o segmento de perfil se mantém paralelo ao eixo da peça, em caso de segmentos convexos ou côncavos, considera-se vertical quando a sua extremidade superior está alinhada com a extremidade inferior
HORIZONTAL	quando o segmento de perfil é perpendicular ao eixo da peça
OBLIQUO	quando o segmento de perfil forma um ângulo aproximado de 45° em relação ao eixo da peça

Quadro 12 – Termos usados na descrição morfológica das peças (Balfet *et alli*, 1983: 26, 29, 31, 32, 34-35).

No anexo VI, apresenta-se desenho e descrição das peças fornecido pelas autoras, organizados pelos grupos considerados no presente trabalho. É referido no descritor “Grupo”, o conjunto cerâmico a que as autoras atribuíram a peça. Note-se que R. Varela Gomes, dividiu as cerâmicas por critérios de fabrico, características das pastas e dos tratamentos de superfície (Gomes, 2002, 48-49), enquanto H. Catarino dividiu-as por tipos formais (Catarino, 1997-1998, 759-760.)

3.3 TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Após se ter descomposto cada peça no maior número de atributos possível face à informação disponível, obtendo assim a descrição individual do seu fabrico, forma e decoração, agruparam-se as peças conforme as características que revelavam em cada um destes campos de forma a caracterizar globalmente os grupos formados com base em critérios estratigráficos e detectar correlações entre os diferentes campos.

3.3.1 FABRICO

Usando a informação recolhida sobre pastas distribuíram-se as peças por tipos definidos pela associação de três características: homogeneidade da pasta, componentes não plásticos e cor do núcleo. Para se poder considerar a cor nesta análise, agruparam-se as cores das peças conforme o quadro seguinte.

Designação do grupo	Sistema Munsell de classificação de cores		
	Tonalidade (Hue)	Luminosidade (Value)	Saturação (Chroma)
Negro ou cinzento muito escuro	2.5YR	2 a 4/	/0 a 2
	5YR	2 a 4/	/1
	7.5YR	2 a 4/	/0
	10YR	3/	/2
Castanho avermelhado escuro	10R	4/	/2 e/8
	2.5YR	4 /	/4 a 8
	2.5YR	5/	/6
	10R	6/	/1
Cinzento	5YR	6 e 7/	/1
	10YR	6/	/1
Cinzento avermelhado	10R	5 a 6/	/6
	2.5YR	6/	/6
Cinzento acastanhado	5YR	5 a 7/	/2 a 6
	5YR	5 e 6/	/8
	7.5YR	5 a 7/	/2 a 6
	7.5YR	6/	/8
	10YR	5 a 7/	/3 a 4
	10YR	4/	/3
Cinzento rosado claro	5YR	8/	/1 e 2
	7.5YR	8/	/2
	7.5YR	8/	/4
	10YR	8/	/1 e 2
	2.5Y	8/	/2
Cinzento amarelado claro	5Y	8/	/1 e 2
Vermelho	10R	5/	/8
	2.5YR	5/	/8
Vermelho alaranjado	2.5YR	6/	/8
Laranja	5YR	7/	/6 a 8
Rosa	5YR	8/	/3 a 4
	10YR	8/	/3 a 4
Branco	7.5YR	7 a 8/	/0

Quadro 13 – Definição dos grupos de cores através do sistema Munsell de classificação de cores

Esta associação resultou na definição de 50 tipos diferentes de pasta, conforme o quadro seguinte.

Tipo de Pastas	Textura da pasta	Componentes não plásticos	Cor do núcleo
P1	Heterogénea	Finos e médios	Castanho avermelhado escuro
P2	Pouco homogénea	Finos e médios	Negro ou cinzento muito escuro
P3			Cinzento acastanhado
P4		Médios e grosseiro	Negro ou cinzento muito escuro
P5	Homogénea	Finíssimos	Negro ou cinzento muito escuro
P6			Cinzento acastanhado
P7			Cinzento rosado claro
P8			Laranja
P9			Rosa
P10		Finíssimos a finos	Cinzento acastanhado
P11		Finos	Negro ou cinzento muito escuro
P12			Castanho avermelhado escuro
P13			Cinzento
P14			Cinzento acastanhado
P15			Cinzento rosado claro
P16			Vermelho
P17			Vermelho alaranjado
P18			Rosa
P19		Finos e médios	Negro ou cinzento muito escuro
P20			Castanho avermelhado escuro
P21			Cinzento avermelhado
P22			Cinzento acastanhado
P23			Vermelho
P24			Vermelho alaranjado
P25		Finos, médios e grosseiros	Cinzento avermelhado
P26		Finos e grosseiros	Castanho avermelhado escuro
P28			Vermelho
P29			Rosa
P30		Médios e grosseiros	Vermelho
P31	Muito Homogénea	Finíssimos	Castanho avermelhado escuro
P32			Cinzento
P33			Cinzento avermelhado
P34			Cinzento acastanhado
P35			Cinzento rosado claro
P36			Cinzento amarelado claro
P37			Laranja
P38			Rosa
P39		Finíssimos e finos	Cinzento rosado claro
P40			Rosa
P41		Finíssimos e médio	Branco
P42		Finíssimos, finos e médios	Rosa
P43		Finos	Cinzento
P44			Cinzento acastanhado
P45			Cinzento rosado claro
P46			Vermelho
P47		Finos e médios	Cinzento acastanhado
P48			Cinzento rosado claro
P49			Cinzento amarelado claro
P51			Rosa
P52		Finos, médios e grosseiros	Cinzento rosado claro

Quadro 14 – Definição dos tipos de pastas por associação de características

Note-se que estes tipos de pasta não pretendem resultar na definição de verdadeiros fabricos. Ou seja cada tipo de pasta assim definido não representa o resultado da produção de determinado oleiro ou centro oleiro, mas distingue unicamente peças em que se identificou determinada associação de características. Está

para além do âmbito deste trabalho determinar se essa associação de características corresponderá ou não a verdadeiros fabricos. No entanto esta associação de características é considerada intencional, já que é o resultado dos processos produtivos de cada peça. Ou seja, cada tipo de pasta aqui definido, condicionado que está pela informação bibliográfica disponível, não deixa de resultar das escolhas feitas pelos produtores das peças (escolha de argilas, técnicas de preparação de argila, técnicas de manufatura das peças, técnicas de cozedura, etc.) para fornecerem o seu mercado. O que não significa que duas peças que apresentem o mesmo tipo de pasta procedam do mesmo produtor. O que significa é que na produção das duas peças foram feitas, consciente ou inconscientemente, algumas escolhas semelhantes.

Quanto ao tratamento das superfícies agruparam-se as situações particulares registadas em cada peça nos seguintes casos, não se distinguindo peças em que só há informação sobre tratamento da superfície externa daquelas em que as duas superfícies foram tratadas com a mesma técnica:

sem informação
alisamento
aguada
engobe
vidrado
esmalte
alisamento /polimento
alisamento /engobe

Quadro 15 – Casos de tratamento de superfícies identificados.

3.3.2 MORFOLOGIA

A forma *barrada/šurayba* caracteriza-se por ser composta por dois corpos, colo e bojo, com duas ou mais asas que ligam o colo ao bojo. Alguns exemplares apresentam ainda um terceiro corpo, o pé em anel. A variedade morfológica deste grupo cerâmico depende de duas dimensões: as proporções que os dois, ou três, corpos mantêm entre si e o perfil de cada um dos corpos. A presente análise morfológica depende sobretudo na comparação dos perfis, já que o número de peças completas é demasiado escasso para estudar sistematicamente as proporções das peças.

Para facilitar a comparação da forma das várias peças em análise criou-se uma expressão alfanumérica que resume as características considerados pertinentes para a referida comparação. Esta expressão é composta por um prefixo (BŠ = *barrada / šurayba*), e cinco números separados por um ponto e uma letra, conforme o seguinte modelo: BŠ[proporção].[colo].[bojo].[pé].[bordo]. O quadro seguinte descreve os descritores que compõem esta designação.

[proporção]	proporção da altura do colo em relação à altura bojo		
[colo]	descreve o perfil do colo	quando estes perfis se dividem em mais de um segmento, o número será composto por um algarismo por cada segmento, ordenados de cima para baixo;	no caso de algum dos perfis ser carenado ao respectivo número será associada a letra C; se houver mais de uma carena, o número das mesmas é registado a seguir ao C; quando se levanta a hipótese de ter existido mais de uma carena, junta-se um ponto de interrogação ao C.
[bojo]	descreve o perfil do bojo		
[pé]	descreve o perfil do pé		
[bordo]	descreve o perfil do bordo; composto por três algarismos	se o bordo estiver sobre rebordo, acrescenta-se um R com a indicação da direcção do perfil do rebordo	

Quadro 16 - Descritores que compõem a expressão morfológica das peças.

Quando a forma não apresenta um dos perfis, o número correspondente será 0. No caso da ausência se dever a falta de informação (peça incompleta), o número será substituído por um ∞ . Os próximos quadros explicitam-se o significado de cada número ou letra conforme a sua posição na designação.

	[proporção]	[colo]	[bojo]	[pé]
0	ausente	ausente		ausente
1	altura do colo > altura do bojo	vertical , direito	vertical , direito	anel, vertical
2	altura do colo = ou $\geq 2/3$ da altura do bojo	vertical , convexo	vertical , convexo	anel, divergente
3	altura do colo $< 2/3$ e $> 1/3$ da altura do bojo	vertical , concavo	vertical , concavo	anel, convergente
4	altura do colo $\leq 1/3$ da altura do bojo	divergente, direito	divergente, direito	
5		divergente, convexo	divergente, convexo	
6		divergente, concavo	divergente, concavo	
7		convergente , direito	convergente , direito	
8		convergente, convexo	convergente, convexo	
9		convergente, concavo	convergente, concavo	
i1		indeterminado, direito	indeterminado, direito	
i2		indeterminado , convexo	indeterminado, convexo	
i3		indeterminado, concavo	indeterminado, concavo	
∞	sem informação			

Quadro 17 – Valor numérico de quatro dos descritores que compõem a expressão morfológica das peças

	Direcção	Forma	Secção		Rebordo
0			não se distingue	R1	vertical
1	vertical	direito	circular	R2	divergente
2	divergente	convexo	triangular	R3	convergente
3	convergente	concavo	oval	R4	horizontal
4	horizontal	espessado externamente		R5	obliquo
5	obliquo	espessado internamente			
6		estreitado externamente			
7		estreitado internamente			
∞	sem informação				

Quadro 18 – Significado e valor numérico do descritor [bordo], usado na expressão morfológica das peças.

Nesta sistematização não se considerou a forma das asas, lábios, bases e fundos. No primeiro caso porque a grande maioria das peças não apresenta asas, nos restantes casos por estes variarem pouco e dependerem dos perfis do bordo, no caso dos lábios, e do bojo, no caso das bases e fundos.

A redução da forma de cada peça a esta expressão permite comparar a forma das várias peças, tendo em conta as cinco variáveis escolhidas, incluindo nesta análise a incerteza provocada pelo desconhecimento da forma completa da maioria das peças. Ou seja, sem ser necessário assumir que determinada peça da qual só se conhece a forma do bordo e colo terá de ser igual a uma peça completa com colo e bordo parecido.

A expressão morfológica aqui ensaiada deve ser entendida como um instrumento de análise e não uma proposta tipológica ou de nomenclatura. Com ela é possível analisar uma grande quantidade de informação, sem deixar de considerar as características individuais de cada peça.

3.3.3 DECORAÇÃO

Quanto à decoração agruparam-se as peças conforme as técnicas decorativas usadas, tendo sido identificados 18 casos, dos quais um refere-se a peças não decoradas e 7 são associações de 5 técnicas decorativas. O quadro seguinte resume esses casos.

pintura monocroma
pintura digital monocroma
pintura a azul-cobalto
pintura a verde e manganês
corda seca parcial
incisão
caneluras
molde
esgrafito
reflexo metálico/caneluras
decoração plástica
pintura monocroma/caneluras
pintura monocroma/incisão/caneluras
pintura monocroma/incisão
corda seca parcial/incisão
caneluras/incisão
incisão/estampilhagem
sem decoração

Quadro 19 - Casos de técnicas decorativas identificados.

4 CARACTERIZAÇÃO DOS CONJUNTOS DE *BARRADA/ŠURAYBA*

4.1 GRUPO 1

4.1.1 ORIGEM DO CONJUNTO

O Grupo 1 é constituído pelas peças provenientes da Subcamada 8B do Castelo de Silves (CNS 40), identificada numa área com cerca de 2 m², que abrange os quadrados 1 e 3 da quadrícula utilizada na escavação deste sítio (Gomes, 2003, 39 e 467-8). As peças que formam o grupo foram todas exumadas no quadrado 3.

A Subcamada 8B, “(...) formada por um grande núcleo de cerâmicas, envolto em terras (...) com vestígios de carvões e de cal.” (Gomes, 1988, 70), é o contexto arqueológico estratigraficamente mais antigo do Castelo de Silves (cf. idem, 468, fig. 265)¹⁵. Ainda que não seja fornecida nenhuma explicação para a formação deste contexto, a sua caracterização sugere que se pode tratar de uma lixeira. Nos perfis estratigráficos apresentados (Gomes, 2003, 468, fig. 265) é visível uma vala aberta na Camada 8B, cheia por cerâmicas. Presume-se aqui que o “grande núcleo de cerâmicas” se refere ao enchimento desta vala. Assim as peças que constituem o Grupo 1 terão origem numa lixeira doméstica, contexto de formação rápida, o que permite supor que pelo menos a maioria destas cerâmicas terão origem no mesmo “conjunto vivo”. A vala da lixeira foi aberta num depósito formação necessariamente anterior, cuja superfície seria presumivelmente o nível de circulação contemporâneo à lixeira. Assim a Camada 8B testemunha pelo menos dois momentos diferentes da história do sítio, o primeiro, da formação do depósito onde foi aberta a vala, o segundo a abertura da vala e utilização da lixeira.

Tanto quanto é possível perceber as cerâmicas catalogadas com referência à Camada 8 provêm da Subcamada 8B. Nesta camada foram exumados 603 fragmentos de púcaros e 375 fragmentos de jarros/jarras (idem, 470, Quadro X), num total de 978 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 7 fragmentos, ou seja 0,7%, que formam o Grupo 1.

4.1.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

A Camada 8, que foi dividida nas Subcamadas 8A e 8B, forneceu duas amostradas quais se obteve duas datações por medição de Carbono 14, Ly-4167 e ICN-568, com os intervalos, calibrados a dois sigma, de 670-890 e 672-881, respectivamente (idem, 480 e Gomes, 2002, 50, Quadro 1). A amostra Ly-4167 foi recolhida dos carvões da Subcamada 8B (Gomes, 1988, 70), integrando portanto a presumível lixeira. Não é fornecida informação mais precisa acerca da amostra ICN-568.

Apesar destas datas serem “idênticas em termos estatísticos” (Gomes, 2003, 480)¹⁶, a falta de detalhe acerca da amostra ICN-568 exige alguns cuidados na sua avaliação.

A amostra Ly-4167 integrava os despejos da lixeira e é portanto directamente relacionável com o conjunto de cerâmicas que agora se analisa. Se a amostra ICN-568 tiver a mesma origem, então as duas datações são correlacionáveis entre si e com as cerâmicas provenientes da Camada 8B.

Mas se a amostra ICN-568 tiver origem na Subcamada 8A, “(...) nível com blocos de pedra solta, com massa de cal agarrada, pertencentes a construções já destruídas, envolvidos por terra, (...) contendo em particular, telhas fragmentadas (...)” (idem, 468), esta datação relacionam-se directamente com vestígios que testemunham a destruição de estruturas anteriores. Ou seja, a amostra ICN-568 teria presumivelmente origem nos contextos cuja destruição resultou na formação da Camada 8A. Assim esta amostra não serviria para datar a formação da Camada 8A, mas sim para datar a formação de um contexto anterior. Não seria portanto comparável com a amostra Ly-4167, já que esta tem origem numa lixeira que se terá formado antes da formação da Camada 8A, ou seja, antes da destruição das realidades que deram origem à Camada 8A.

¹⁵ Não se considera a Camada 9, que “não ofereceu quaisquer materiais arqueológicos” (Gomes, 2003, 507), um contexto arqueológico.

¹⁶ Veja-se Atkins, 1990, 95-97, acerca da avaliação da validade estatística entre amostras.

Por outro lado não é possível perceber o valor de cada uma destas amostras, nem se são comparáveis, sem conhecer as espécies em questão. Trata-se de espécies alimentares, o que seria consentâneo com a sua presença na lixeira? Neste caso será presumível que a altura da morte deste espécimen não seja muito distante da altura da sua deposição na lixeira (dias? meses?) e a datação obtida poderia ser usada para datar a formação da lixeira.

Ou trata-se de espécies arbóreas, utilizadas como material de construção ou como matéria-prima de um objecto (um móvel, por exemplo)? Estes carvões tanto poderiam ter integrado a Subcamada 8A, como outro material de construção, ou ter sido despejada na lixeira da Subcamada 8B, quando deixou de ser útil. Em qualquer caso o intervalo de distância (anos? décadas?) entre o momento de morte do espécimen e o momento da sua deposição final é maior, e esta data teria de ser usada com maior cautela.

É necessário, para determinar o valor das datações fornecidas, conhecer os espécimes e o seu contexto de recolha, para assim avaliar a distância entre o momento da morte daqueles e o momento da sua deposição e para compreender o seu contexto de deposição¹⁷.

Com a informação disponível é possível afirmar que a amostra Ly-4167 terá morrido entre 670 e 890 cal d. C. Presume-se que integrou a Camada 8B em data posterior à sua morte, ou seja após 670 cal d.

A presença de um conjunto cerâmico claramente islâmico neste contexto, como as próprias *barrada/šurayba* ou as taças esmaltadas (Gomes, 1988, 100) permite que se considere que a formação deste contexto seja posterior a 711 d. C, data da ocupação da Península Ibérica por contingentes muçulmanos. Assim o Grupo 1 será datável do séc. VIII ou IX

4.1.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 1 apresenta sete peças, das quais três são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q3/C8-33	homogénea	grãos finos e médios	laranja avermelhado escuro	oxidante		laranja avermelhado escuro	aguada	negra*
Q3/C8-34	homogénea	grãos finos e médios	núcleo: laranja acinzentado escuro; paredes: castanho alaranjado	reductora		laranja acinzentado escuro	aguada	negra
Q3/C8-36	muito homogénea	grão finíssimo	cinzento alaranjado claro	reductora		cinzento alaranjado claro		cinzento alaranjado claro
Q3/C8-51	muito homogénea	grão finíssimo	rosa alaranjado escuro	oxidante		rosa alaranjado escuro		rosa alaranjado escuro
Q3/C8-52	muito homogénea	grão fino	laranja avermelhado escuro	oxidante		laranja avermelhado escuro		laranja avermelhado escuro
Q3/C8-53	muito homogénea	grão finíssimo	castanho rosado	oxidante		castanho rosado		castanho rosado
Q3/C8-54	muito homogénea	grão finíssimo	castanho pálido	oxidante	esmalte	esverdeado	esmalte	branca

Quadro 20 - Caracterização dos fabricos do Grupo 1

¹⁷ Acerca desta discussão veja-se Bowman, 1990, 50-54.

	Peça	Q3/C8-33	Q3/C8-34	Q3/C8-51	Q3/C8-52
	alt.		85 mm		
	diâm.	100 mm, b	107 mm, b	46 mm, f	124 mm, b
Perfil	Tipo	descontínuo	descontínuo	descontínuo	indefinido
	Lábio	boleado	boleado	ausente	boleado
	Bordo	vertical, direito	convergente, direito	ausente	convergente, direito
	Colo	divergente, direito	ligeiramente divergente, direito	divergente, direito	convergente, convexo
	Bojo	divergente, convexo, com carena na ligação ao colo	divergente direito em baixo, vertical e direito em cima, com carena na ligação ao colo e á base	divergente e direito em baixo, convexo e convergente no ombro	ausente
	Fundo	ausente	plano	plano	ausente
	Base	ausente	divergente, direito	divergente, direito	ausente
	Asa	ausente	ausente	ausente	ausente

Quadro 21 - Caracterização morfológica do Grupo 1

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q3/C8-33	pintura a branco	SE: colo	quatro bandas paralelas, a primeira imediatamente sob o bordo, e a última no contacto com o bojo. O espaço entre a primeira e a segunda banda está preenchido por um reticulado formado por linhas oblíquas.
Q3/C8-34		SE: bojo	sucessão de motivo oblíquo formado por três linhas paralelas, que se repete, com sentidos alternados, que nascem na banda horizontal inferior do colo
Q3/C8-36	pintura a negro	SE: bojo	pelo menos uma banda horizontal ondulada
Q3/C8-51	sem decoração		
Q3/C8-52	pintura a branco	SE: colo	linha horizontal sob o bordo, e por baixo desta linha ondulada, com pequenos traços por baixo das curvas
Q3/C8-53	pintura a branco	SE: colo	banda horizontal, cujo limite inferior serve de base a uma sequência de semicírculos com um ponto no centro; entre cada semicírculo observa-se um conjunto de linhas verticais, irregulares, que nascem na mesma banda e prolongam-se para baixo.
Q3/C8-54	pintura a negro	SE: colo	círculos adjacentes, com um ponto central, sob os quais se encontra uma linha

Quadro 22 - Caracterização da decoração do Grupo 1 (SE = superfície exterior)

O Grupo 1 caracteriza-se pela heterogeneidade de fabricos das peças que o compõem, pois cada peça pertence a um tipo diferente de pasta, apesar de todas terem sido cozidas em ambiente oxidante. Quatro das peças aqui apresentadas não apresentam nenhum tratamento de superfície, duas mostram aguada nas suas superfícies e duas estão esmaltadas. A única técnica decorativa identificada neste grupo é a pintura monocroma, identificada em seis das peças. Só uma peça não apresenta decoração. Note-se que a mesma peça também não apresenta tratamento de superfícies. Todas as decorações registadas neste grupo apresentam motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados. Estes motivos distribuem-se pelo colo e o bojo.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q3/C8-34	P19	BŠ2.4.14c2.0.310	aguada	pintura monocroma
Q3/C8-33	P23	BŠ2.4.5.c?.∞.110		
Q3/C8-54	P33	indeterminada	esmalte	
Q3/C8-53	P31	indeterminada	sem descrição	
Q3/C8-36	P32	indeterminada		
Q3/C8-52	P46	BŠ∞.8.∞.∞.310∞		
Q3/C8-51	P34	BŠ∞.4.84.0.∞		sem decoração

Quadro 23 - Caracterização global do Grupo 1

4.2 GRUPO 2

4.2.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As cerâmicas que formam o Grupo 2 foram recolhidas na Camada 6 do Castelo de Silves (Gomes, 2003, 457) e provêm dos quadrados 3 e 15 daquele sítio arqueológico. A Camada 6 sobrepõe-se à Camada 7, arqueologicamente estéril, que por sua vez cobre a Camada 8B (idem, 468, fig. 265). Portanto este conjunto de cerâmicas é estratigraficamente posterior ao Grupo 1.

A Camada 6 é um “nível formado por terras pouco compactas (...) contendo blocos, de pequenas dimensões, de arenito vermelho e escasso material arqueológico.” (idem, 467). Originalmente este nível tinha sido dividido na Camada 6A, onde foram recolhidos “poucos fragmentos de cerâmica” e a Camada 6B, arqueologicamente estéril (Gomes, 1988, 69).

Relaciona-se com esta camada um alicerce associado a uma bancada, “sobre a qual ainda existiam cinzas”, “em conexão (...) com restos de pavimento”, mas não é esclarecida a relação estratigráfica entre a camada e estas estruturas.

A escassez de material arqueológico nesta camada, sobretudo em contraste com a da Camada 8, sugere a que sua formação não resulta de uma utilização doméstica do espaço próximo. A frequência de blocos de arenito vermelho na formação desta camada permite presumir que se formou com os desperdícios de actividades construtivas nas imediações, a campanha da construção da própria muralha do Castelo. Esta campanha é datada por R.V. Gomes dos finais do séc. IX, inícios do séc. X pelas características arquitectónicas e modo de construção da fortaleza e pela cronologia que atribuí as cerâmicas da Camada 6 (idem, 508).

Nesta camada foram exumados 25 fragmentos de púcaros e 202 fragmentos de jarros/jarras (idem, 458, Quadro VIII), num total de 227 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 3 fragmentos, ou seja 1,3%, que formam o Grupo 2.

4.2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 2 apresenta três peças, uma das quais um fragmento que não permite reconstituição de forma. Este grupo inclui todas as peças classificadas como jarro/jarra decoradas a corda seca parcial com origem na Camada 6. Não foram portanto ilustrados e descritos jarros/jarras de outros fabricos ou fragmentos classificados como púcaros. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q3/C6-2	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pálido	oxidante		rosa pálido		rosa pálido
Q3/C6-11	muito homogénea	grão fino	bege	oxidante		bege		bege
Q15/C6-3	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante	aguada	branco*	aguada	branco*

Quadro 24 - Caracterização dos fabricos do Grupo 2

	Peça	Q3/C6-2	Q15/C6-3
	alt.		
Perfil	diâm.	85 mm, b	70 mm, b
	Tipo	indefinido	indefinido
	Lábio	biselado	boleado
	Bordo	divergente, direito	obliquo, direito
	Colo	vertical, concavo abaixo do bordo, convexo antes do bojo	divergente, direito
	Bojo	ausente	ausente
	Fundo	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente

Quadro 25 - Caracterização morfológica do Grupo 2

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q3/C6-2	corda seca parcial	SE: colo	motivo ondulado entre duas linhas
Q3/C6-11	corda seca parcial	SE	motivo geométrico
Q15/C6-3	corda seca parcial	SE: colo	três linhas horizontais

Quadro 26 - Caracterização da decoração do Grupo 2

O Grupo 2 caracteriza-se pela sua homogeneidade quanto á técnica decorativa, já que foi essa técnica que orientou a sua escolha para o catálogo. Assim este grupo não é minimamente representativo do universo de cerâmicas atribuíveis ao grupo barrada/šurayba provenientes da Camada 6, mas é absolutamente representativo das cerâmicas atribuíveis ao grupo barrada/šurayba decoradas com corda seca parcial desta camada.

Ainda que cada peça tenha sido atribuída a um tipo diferente de pasta, as diferenças entre elas são ligeiras, e todas foram cozidas em ambiente oxidante. A P35 só se distingue da P38 pela diferença de cor, enquanto a P45 se inclui no mesmo grupo de cores da P35, cinzentos rosados claros. O tipo de pasta P45 apresenta grão mais grosso que os outros dois. A mesma peça com esta pasta é a única a apresentar aguada. Estas peças apresentam motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q3/C6-11	P45	indeterminada	sem descrição	corda seca parcial
Q3/C6-2	P38	BŠ∞,32.∞,∞,210		
Q15/C6-3	P35	BŠ∞,4.∞,∞,510	aguada	

Quadro 27 - Caracterização global do Grupo 2

4.3 GRUPO 3

4.3.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As cerâmicas que formam o Grupo 3 foram recolhidas na Camada 5 (Gomes, 2003, 431-2) do Castelo de Silves e provêm dos quadrados 3 e 9 daquele sítio arqueológico. A Camada 5 sobrepõe-se à

Camada 6 (idem, 468, fig. 265), o que significa que este conjunto de cerâmicas é estratigraficamente posterior ao Grupo 2. A Camada 5 é “constituída por terras compactas (...) contendo carvões e abundantes fragmentos de telha, que envolvem algumas estruturas e materiais arqueológico” (idem, 431). Esta camada foi portanto depositada após a destruição das estruturas que envolve.

A informação estratigráfica fornecida não esclarece se a sua deposição sobre as estruturas destruídas foi intencional, integrada num novo programa de construção deste espaço, ou se resulta do processo de abandono, mais ou menos longo deste espaço. Uma destas estruturas, um pavimento, “sobrepõe muro pertencente à ocupação anterior deste local (C6)” (idem, 432), o que indica que as estruturas construídas sobre a camada 6 serão anteriores a pelo menos algumas das estruturas em questão.

No quadrado 3 não se reconheceu nenhuma das estruturas associadas à Camada 5, cobrindo esta directamente a Camada 6 e as estruturas correspondentes. Os materiais recolhidos neste quadrado relacionam-se com as estruturas, associadas à Camada 6, que a Camada 5 também cobre, ou com as estruturas relacionadas com a Camada 5?

Pelo contrário o quadrado 9 é atravessado por um muro com sentido NW – SE, assim os materiais recolhidos neste quadrado poderão provir de dois espaços distintos, situados a norte e a sul deste muro.

Os materiais do Grupo 3 deverão ter origem em diferentes contextos de utilização. Alguns serão originários dos compartimentos definidos pelas estruturas associadas às Camadas 5 ou 6, enquanto outros poderão ter integrado a Camada 5, enquanto as suas terras se foram acumulando, procedendo de outros locais da Castelo de Silves.

Nesta camada foram exumados 133 fragmentos de púcaros e 183 fragmentos de jarros/jarras (idem, 434, Quadro VII), num total de 316 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população 316 foram catalogadas 4 fragmentos, ou seja 1,3%, que formam o Grupo 3.

4.3.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

A Camada 5 forneceu quatro amostras de carvão, datadas pelo método de radiocarbono, que oferecem os seguintes intervalos a dois sigma (Gomes, 2002, 50; 2003, 443):

- ICN-571, 1020-1270 cal. d. C
- ICN-672, 778-971 cal. d. C
- ICN-877, 893-1022 cal. d. C
- ICN-1185, 1025-1251 cal. d. C

Não se encontra identificada a proveniência destas amostras, o quadrado de origem, ou a eventuais estruturas a que estariam associadas. Assim não é possível avaliar a relação que eventualmente poderiam ter com os materiais do Grupo 3. Também não é fornecida informação acerca das espécies que as constituem, levantando-se os mesmos problemas discutidos no ponto 3.1.2.

Os intervalos cronológicos, calibrados a dois sigma, fornecidos por estas amostras são muito díspares. A amostra ICN-571 pode ter morrido ao longo do séc. XI, XII e XIII; a amostra ICN-672 nas últimas duas décadas do séc. VIII, durante o séc. IX ou ainda nos três primeiros quartos do séc. X; a amostra ICN-877 terá morrido ou nos finais do séc. IX, ao longo do séc. X, ou mesmo nos inícios do séc. XI; e por fim a amostra ICN-1185 terá morrido num intervalo que se prolonga pelos três últimos quartos do séc. XI, ao longo do séc. XII, e pela primeira metade do séc. XIII. Só as duas amostras mais tardias é que coincidem perfeitamente, ICN 571 e ICN 1185, e não há nenhum momento em que os intervalos cronológicos da quatro amostras sejam todos coincidentes. O intervalo da amostra ICN 672 só coincide, entre 893 cal. d. C e 971 cal. d. C, com o intervalo da amostra ICN 877. E este só coincide, entre 1020 cal. d. C e 1022 cal. d. C, com o intervalo da amostra ICN 571.

Sem qualquer outra informação acerca destas amostras, estes intervalos cronológicos permitem três interpretações diferentes. A primeira pressupõe que as amostras integraram todas ao mesmo tempo a camada no momento em que esta se formou, e que a formação desta foi relativamente rápida. Neste caso a

Camada 5 só se poderá ter formado após a morte da amostra mais recente, cujo limite inferior do intervalo a dois sigma é 1025 cal. d. C. Assim a formação da Camada 5 seria posterior a esta data, podendo ser mesmo posterior a 1270 cal. d. C, limite superior do intervalo da amostra ICN-571. No entanto como a Camada 5 testemunha o abandono de estruturas, seria possível que integrasse cerâmicas contemporâneas da utilização dessas estruturas, da mesma forma que integrou carvões mais antigos como as amostras ICN 672 e 877.

A segunda interpretação conjectura a hipótese da Camada 5 ser de formação lenta, e que as amostras de carvões terão integrado em momentos distintos esta camada. Neste caso o processo de formação da Camada 5 poderá ter-se iniciado em qualquer momento após 778 cal. d. C, terminando num momento posterior a 1025 cal. d. C. Neste caso os materiais arqueológicos exumados nesta camada distribuir-se-ão pelo mesmo intervalo diacrónico em que a Camada 5 se formou.

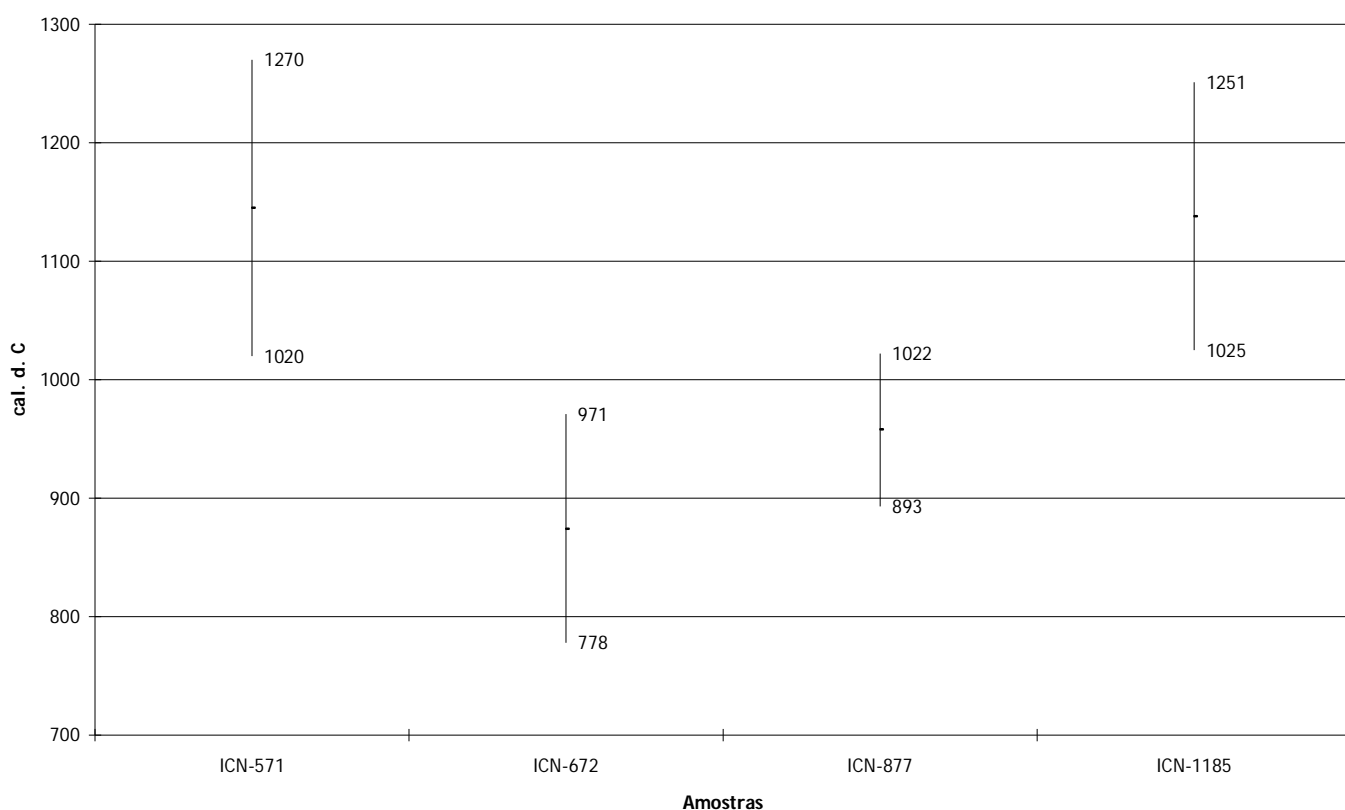


Gráfico 1 - Datações por radiocarbono (C14) obtidas das amostras provenientes da Camada 5 do Castelo de Silves, calibradas a dois sigma

Finalmente as discrepâncias entre as datações fornecidas por estas amostras explicar-se-iam por algumas delas serem ou intrusões, ou seja originalmente provenientes do contextos arqueológicos posteriores, que processos pós de posicionais tivessem feito migrar, ou residuais, quer dizer, originárias de um contexto arqueológico mais antigo, que terá integrado a Camada 5, porque de alguma forma o processo de formação desta afectou o seu contexto de origem. A informação disponível acerca destas amostras não permite decidir de que caso se trata. Serão as amostras ICN-571 e ICN-1185 contemporâneas da formação da camada, e as amostras ICN-672 e ICN-877 residuais? Ou pelo contrário estas últimas é que são contemporâneas enquanto as primeiras serão intrusivas? No primeiro caso a formação da Camada 5 seria posterior a 1025 cal. d. C, provavelmente no século XII. No segundo caso seria posterior a 893 cal. d. C, mas não devendo ser muito posterior a 1022 cal. d. C, o que colocaria com muita probabilidade a formação desta camada no séc. X.

De qualquer forma se os carvões recolhidos nesta camada podem ser intrusivos ou residuais, também será de esperar que haja outros materiais arqueológicos nas mesmas condições, nomeadamente as cerâmicas.

Concluindo, dada a parca informação sobre a origem, espécies e associação com outros materiais das amostras em questão, e às disparidades dos intervalos cronológicos obtidos, as datações obtidas para a Camada 5 não são fiáveis para datar a formação desta camada e os objectos que a integravam.

No quadrado 3 foram recolhidos dois fragmentos de placa em marfim (Q3/C5-1) que deverá ter sido produzida numa oficina cordovesa entre 966 e 1008 (Gomes, 2003, 440-442). Ora esta peça pode ser directamente associada às peças do Grupo 3 com origem na mesmo quadrado. Como os dois fragmentos desta peça se encontravam no mesmo quadrado, portanto, próximos um do outro, é de crer que a peça se encontrava no seu contexto de deposição primário, o que torna mais provável que os outros materiais arqueológicos estivessem nas mesmas condições. O que significa que o contexto arqueológico de onde o Grupo 3 foi exumado se terá formado em data posterior a 966, com alguma probabilidade já no séc. XI.

A presença desta placa de marfim na Camada 5 significa que esta, se considerada como um único contexto arqueológico, só se terá formado em data posterior a 966. Esta peça sugere que a primeira hipótese de interpretação das cronologias obtidas por radiocarbono é a mais verosímil.

4.3.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 3 apresenta quatro peças, três das quais permitem reconstituição parcial da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q3/C5-2	homogénea	grão finíssimo	rosa alaranjado	oxidante		rosa alaranjado	aguada	branca*
Q3/C5-6	homogénea	grão fino	rosa alaranjado	oxidante		rosa alaranjado		rosa alaranjado
Q9/C5-1	homogénea	grãos médios e grosseiros	laranja avermelhado escuro	oxidante		laranja avermelhado escuro	aguada	negra*
Q9/C5-3	homogénea	grão fino e, alguns, grosseiros	castanho rosado	oxidante	aguada	negra*	aguada	negra*

Quadro 28 - Caracterização dos fabricos do Grupo 3

	Peça	Q3/C5-6	Q9/C5-1	Q9/C5-3
	alt.			
Perfil	diâm.	97 mm, b		108 mm, b
	Tipo	indefinido	descontínuo	indefinido
	Lábio	boleado	ausente	direito
	Bordo	vertical, espessado externamente, secção triangular	ausente	divergente, espessado externamente, secção oval
	Colo	vertical, convexo	ausente	divergente, direito
	Bojo	ausente	vertical, convexo	ausente
	Fundo	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente	ausente

Quadro 29 - Caracterização morfológica do Grupo 3

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q3/C5-2	pintura a laranja avermelhado escuro	SE: bojo	duas bandas horizontais paralelas; na banda superior, mais larga, foi desenhado um reticulado de linhas oblíquas

Q3/C5-6	incisão	SE: bojo	duas linhas horizontais e paralelas sob o bordo
Q9/C5-1	pintura a branco	SE: bojo	motivo reticulado desenhado entre uma banda, por cima, e uma linha, por baixo, horizontais e paralelas; este desenho situa-se imediatamente sob o ponto de inflexão com o colo; por baixo observa-se outra banda, paralela ao motivo anterior.
Q9/C5-3	sem decoração		

Quadro 30 - Caracterização da decoração do Grupo 3

As cerâmicas deste grupo pertencem a tipos de pasta diferentes, que se distinguem sobretudo pelo tamanho dos seus elementos não plásticos, mas todas foram cozidas em ambiente oxidante e apresentam aguada na superfície externa. Duas delas estão decoradas com pintura monocroma e outra com incisões. Estas peças apresentam motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q3/C5-2	P6	indeterminada	Aguada	pintura monocroma
Q9/C5-1	P30	BŠ∞,∞,2,∞, ∞		
Q9/C5-3	P26	BŠ∞,4,∞, ∞,243		sem decoração
Q3/C5-6	P14	BŠ∞,2,∞, ∞,142	Sem descrição	incisão

Quadro 31 - Caracterização global do Grupo 3

4.4 GRUPO 4

4.4.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As cerâmicas que formam o Grupo 4 foram recolhidas na Camada 4 do Castelo de Silves (Gomes, 2003, 412-415) e provêm do quadrado 3 daquele sítio arqueológico. A Camada 4 sobrepõe-se à Camada 5 (idem, 468, fig. 265), portanto este conjunto de cerâmicas é estratigraficamente posterior ao Grupo 3.

O quadrado 3 é atravessado por dois muros grosseiramente perpendiculares, a que estão associados “restos de pavimento, em massa de areia e cal”. Estes muros pertencem a uma habitação que se desenvolve para Oeste (idem, 413, fig. 240). A Camada 4 “embala” estas estruturas, o que aqui é interpretado como “cobrir” as referidas estruturas. Presume-se que os muros que atravessam este quadrado tivessem sido construídos sobre a Camada 5, da mesma forma que o muro que atravessa os quadrados 4, 6, 38 e 61 e que também se encontrava embalado pela Camada 4 (idem, 433, fig. 250).

Estes muros dividem o quadrado em quatro compartimentos, portanto é possível que as peças deste grupo procedam de diferentes espaços habitacionais. Neste quadrado a Camada 4 integrava fragmentos de estuque, assim, pelo menos neste quadrado, a formação da Camada 4 deu-se após o abandono destas estruturas, resultando do processo de degradação das mesmas. Os materiais que integram a camada terão tido origem no período de utilização destas estruturas, mas não se encontravam no seu contexto de utilização por “não terem sido recuperados claramente *in situ*” (idem, 415).

Nesta camada foram exumados 84 fragmentos de púcaros e 350 fragmentos de jarros/jarras (idem, 415, Quadro VI), num total de 434 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 6 fragmentos, ou seja 0,9%, que formam o Grupo 4.

4.4.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

A Camada 4 forneceu uma amostra de carvão datada pelo método de radiocarbono, ICN-1184, que oferece o intervalo a dois sigma entre 972 a 1230 cal. d. C (Gomes, 2002, 50; 2003, 421). Não se encontra identificada a proveniência destas amostras, o quadrado de origem, ou as eventuais estruturas a que estariam associadas. Assim não é possível avaliar a relação que eventualmente poderiam ter com os materiais do Grupo 4. Também não é fornecida informação acerca das espécies que as constituem, levantando-se os mesmos problemas discutidos no ponto 3.1.2.

De qualquer forma o intervalo cronológico fornecido por esta amostra abarca 258 anos, o que a torna inútil para datar a Camada 4. A única conclusão que permite, que a Camada 4 se terá formado após 972, já era possível estabelecer, e com maior rigor com os intervalos cronológicos obtidos para a Camada 5. Se a formação da Camada 5 não pode ser anterior á morte das amostras ICN-1185, ou seja a 1025, a Camada 4, que se formou posteriormente será ainda mais tardia. Será , portanto, do séc. XI ou posterior.

4.4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 4 apresenta seis peças, das quais três são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q3/C4-4	muito homogénea	grão finíssimo	rosa alaranjado	oxidante		rosa alaranjado		rosa alaranjado
Q3/C4-8	homogénea	grão fino	núcleo: cinzento rosado claro; paredes: vermelho alaranjado pálido	reduzida com arrefecimento oxidante	aguada	branca*	aguada	branca*
Q3/C4-9	homogénea	grão fino	castanho avermelhado o claro	oxidante		castanho avermelhado o claro	aguada	negra*
Q3/C4-10	homogénea	grão fino	castanho avermelhado o claro	oxidante		castanho avermelhado o claro		castanho avermelhado o claro
Q3/C4-11	homogénea	grão fino	castanho avermelhado o claro	oxidante		castanho avermelhado o claro		castanho avermelhado o claro
Q3/C4-12	muito homogénea	grão finíssimo	laranja pálido	oxidante		laranja pálido		laranja pálido

Quadro 32 - Caracterização dos fabricos do Grupo 4

	Peça	Q3/C4-9	Q3/C4-11	Q3/C4-12
	alt.			
Perfil	diâm.	160 mm, b		124 mm, b
	Tipo	indefinido	descontínuo	indefinido
	Lábio	boleado	ausente	boleado
	Bordo	convergente, convexo	ausente	horizontal, direito, secção oval
	Colo	indefinido, convexo	ausente	convergente, convexo
	Bojo	ausente	indefinido, convexo	ausente
	Fundo	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente	ausente

Quadro 33 - Caracterização morfológica do Grupo 4

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q3/C4-4	pintura a castanho	SE: bojo	banda oval rodeada por pontilhado, aparentemente sob uma banda horizontal
Q3/C4-8	pintura negro	SE: bojo	três bandas paralelas horizontais; entre as duas bandas superiores foi desenhado um reticulado oblíquo
Q3/C4-9	pintura branco	SE: bojo	banda sob o bordo, por baixo da qual se observam linhas verticais ligeiramente onduladas
Q3/C4-10	pintura branco	SE: colo	linha grossa horizontal, da qual pendem linhas mais finas verticais e paralelas; de um dos lados destas linhas nascem traços oblíquos.
Q3/C4-11	pintura branco	SE: colo	entre os vestígios de uma linha ou banda e uma banda, horizontais e paralelas observam-se dois conjuntos de traços oblíquos; cada um destes conjuntos apresenta sentido diferente; por baixo foi pintada uma terceira banda horizontal, irregular.
Q3/C4-12	pintura a cor de laranja	bordo	banda horizontal
		SI: bojo	banda oblíqua em relação ao bordo, imediatamente sob este

Quadro 34 - Caracterização da decoração do Grupo 4 (SI = superfície interior)

Neste grupo metade das peças apresentam o mesmo tipo de pasta, e todas se encontram decoradas com pintura monocroma, com motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados. Só duas peças apresentam aguada na superfície externa, uma das quais pertencente ao conjunto das cerâmicas com pasta do tipo P16.

As peças que não pertencem a este conjunto tem todas pastas diferentes. No entanto só a cor distingue a pasta de tipo P13 com a P16, o que poderá resultar de cozeduras diferentes, pois a peça com aquela pasta foi fabricada com cozedura redutora com arrefecimento oxidante, enquanto as restantes peças deste grupo foram cozidas em ambiente oxidante. Note-se que as duas peças com aguada pertencem a estes dois tipos de pasta.

Também é só a cor que distingue as outras duas pastas identificadas neste grupo, P34 e P37.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q3/C4-8	P13	indeterminada	aguada	pintura monocroma
Q3/C4-9	P16	BŠ∞,i2,∞,∞,320	Sem descrição	
Q3/C4-10		indeterminada		
Q3/C4-11		BŠ∞,∞,i2,∞,∞		
Q3/C4-4	P34	indeterminada		
Q3/C4-12	P37	BŠ∞,8,∞,∞,413		

Quadro 35 - Caracterização global do Grupo 4

4.5 GRUPO 5

4.5.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As cerâmicas que formam o Grupo 5 foram recolhidas na Camada 3 do Castelo de Silves e provêm dos quadrados 1, 5 e 11 daquele sítio arqueológico. Estes quadrados pertencem à Unidade de Escavação 1 (quadrados 1, 2, 5 e 11), sondagem aberta por baixo do pavimento de “terra batida, argamassada com areia e cal” do Complexo de Banhos da ocupação de período almóada do Castelo de Silves (Gomes, 2003, 356 – 7), limitada nos quadrados 5 e 1, por um muro do referido complexo.

A Camada 3 da Unidade de Escavação 1, a partir de agora designada Camada 3.1, era formada por “derrubes de edificações, à mistura com terras queimadas, telhas, fragmentos de armas e cerâmicas várias”, que cobriam um esqueleto insepulto. As características da Camada 3.1 e a presença do esqueleto insepulto permitem afirmar a formação desta camada terá resultado da destruição violenta de estruturas anteriores, eventualmente provocada, face á presença de fragmentos de flecha ou de virotes de besta e de ponta de faca ou punhal (Gomes, 2003, 357), por um confronto violento.

Note-se que na Unidade de Escavação 1, a intervenção parou nesta camada e portanto não se observou o contexto sobre o qual teria ficado deposto este esqueleto. De qualquer forma a Camada 3.1 terá sido de formação rápida, para permitir as construções da fase seguinte, e os materiais arqueológicos que incorporou teriam também origem nas estruturas destruídas (idem, 99, fig. 28, Corte Q2/Q5).

Nesta camada foram exumados 50 fragmentos de púcaros e 378 fragmentos de jarros/jarras (idem, 357, Quadro IV), num total de 428 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 5 fragmentos, ou seja 1,3%, que formam o Grupo 3.

4.5.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

Foi obtida uma datação por radiocarbono para o esqueleto insepulto proveniente da Camada 3.1, OXA-5634, que calibrada a dois sigma, apresenta um intervalo cronológico entre 1013 e 1219 cal. d.C., ou seja de 206 anos. Como não se esclareceu as relações estratigráficas entre a Camada 3.1 e as camadas até agora analisadas, não é possível usar as datações por radiocarbono destas para encurtar o limite inferior deste intervalo. Ou seja o indivíduo exumado nesta camada poderá ter morrido entre 1013 e 1219, sendo a formação da camada imediatamente posterior à sua morte.

Assim, apesar da integração dos materiais arqueológicos nesta camada dever ser contemporânea à deposição deste indivíduo, o intervalo cronológico obtido só permite afirmar que serão posteriores a 1013. A informação cronológica proveniente do contexto arqueológico que lhe é imediatamente posterior (cf. Grupo 13) também não permite encurtar o limite superior deste intervalo, já que a formação da Camada 2 será posterior a 1242 (cf. ponto 4.13.2).

4.5.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 5 apresenta cinco peças, três das quais são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidad e	Componente s não plásticos	Cor	Cozedur a	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratament o	Cor	Tratament o	Cor
Q1/C3-2	homogénea	grão fino	laranja avermelhad o escuro	oxidante		laranja avermelhad o escuro		laranja avermelhad o escuro
Q5/C3-5	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante		rosa pardo		rosa pardo
Q5/C3-7	homogénea	grão fino e médio	laranja avermelhad o escuro	oxidante		laranja avermelhad o escuro		laranja avermelhad o escuro
Q5/C3-8	homogénea	grão fino e médio	rosa acinzentado escuro	reductora		rosa acinzentado escuro	aguada	negra*
Q11/C3-3	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante		rosa pardo		rosa pardo

Quadro 36 - Caracterização dos fabricos do Grupo 5

	Peça	Q1/C3-2	Q5/C3-5	Q5/C3-7	Q5/C3-8
	alt.				
	diâm.	76 mm, b	77 mm, b		132 mm, b
Perfil	Tipo	indefinido	indefinido	indefinido	indefinido
	Lábio	biselado	biselado	ausente	boleado
	Bordo	vertical, direito	divergente, direito	ausente	vertical, direito
	Colo	indeterminado, direito	divergente, direito	ausente	divergente, direito
	Bojo	ausente	ausente	ausente	ausente
	Fundo	ausente	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente	asa de secção ovóide com mamilo na superfície superior [indefinido, indefinido]	indefinido, secção oval [colo, indefinido]

Quadro 37 - Caracterização morfológica do Grupo 5

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q1/C3-2	pintura a branco	SE: colo	duas bandas horizontais e paralelas sob o bordo, com o espaço entre elas preenchido com reticulado oblíquo
Q5/C3-5	pintura a cor de laranja	SE: bordo	banda horizontal
		SE: colo	banda vertical, que encosta à banda do bordo
Q5/C3-7	sem decoração		
Q5/C3-8	pintura a branco	SE: bordo	banda horizontal
		SE: colo	linha curva junto ao arranque da asa
Q11/C3-3	pintura a negro	SE	Sobre uma banda horizontal foram desenhadas duas linhas verticais com pequenos pontos entre elas; uma das linhas é irregular, com pequenas curvas e a outra é direita; desta última, nascem várias linhas oblíquas e paralelas.

Quadro 38 - Caracterização da decoração do Grupo 5

Foram identificados quatro tipos diferentes de pastas neste grupo. Duas peças apresentam o mesmo tipo de pasta, P35. Só uma peça apresenta tratamento de superfície, aguada, enquanto todas, excepto uma, apresentam pintura monocroma, com motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados. Todas as peças foram cozidas em ambiente oxidante, exceptuando a peça fabricada com a pasta P20, cozida em ambiente redutor.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q5/C3-8	P20	BŠ∞.4.∞. ∞.110	aguada	pintura monocroma
Q1/C3-2	P17	BŠ∞.i1.∞.∞.110	Sem descrição	
Q5/C3-5	P35	BŠ∞.4.∞. ∞.310		
Q11/C3-3		indeterminada		
Q5/C3-7	P23	indeterminada		sem decoração

Quadro 39 - Caracterização global do Grupo 5

4.6 GRUPO 6

4.6.1 ORIGEM DO CONJUNTO

O Grupo 6 apresenta uma única peça, cujos fragmentos foram recuperados nos quadrados 106 e 110 da Camada 3 da Unidade de Escavação 2 (Gomes, 2003, 363), doravante designada como Camada 3.2. A Unidade de Escavação 2 (quadrados 104, 106, 108 e 110) foi aberta sob o compartimento 2 do Complexo de Banho. A Camada 3.2 apresentava “abundantes fragmentos de cerâmica e, nomeadamente, peças completas, à mistura com outro espólio, formando bolsa conservada graças a ter sido selada pela edificação ou reconstrução do Complexo de Banhos” (idem, ibidem). Aparentemente a Camada 3.2 teria resultado do despejos destes materiais, encontrando-se os mesmos em contexto de deposição primário.

Na Unidade de Escavação 2, a intervenção parou nesta camada e portanto não é possível estabelecer a relação estratigráfica desta camada, com os contextos arqueológicos até agora analisados.

Nesta camada foram exumados 4 fragmentos de púcaros e 107 fragmentos de jarros/jarras (idem, 363, Quadro V), num total de 111 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foi catalogado somente um fragmento, ou seja 0,8%, que forma o Grupo 6.

4.6.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

Não é possível discernir se algumas das amostras de carvão das quais foram obtidas datações por radiocarbono da Camada 3 foram recolhidas neste contexto (cf. ponto 4.8.2).

4.6.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 6 apresenta uma peça com perfil completamente reconstituído. Os três quadros seguintes caracterizam o seu fabrico, morfologia e decoração.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q106, 110/C3-1	homogénea	grão fino e médio	laranja avermelhado escuro	oxidante		laranja avermelhado escuro		laranja avermelhado escuro

Quadro 40 - Caracterização dos fabricos do Grupo 6

Perfil	Peça	Q106, 110/C3-1
	alt.	96 mm
	diâm.	120 mm, b; 96 mm, f; 145 mm, m
	Tipo	descontínuo
	Lábio	biselado
	Bordo	divergente, estreitado internamente
	Colo	divergente, direito
	Bojo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro
	Fundo	plano
	Base	divergente, direito
	Asa	vertical, de perfil semicircular, e secção oval com depressão longitudinal [colo, indefinido]

Quadro 41 - caracterização morfológica do Grupo 6

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q106, 110/C3-1	pintura a branco	SE: colo	Duas banda horizontais e paralelas, uma junto ao bordo e outra no ponto de inflexão com o bojo; estas duas bandas estão ligadas por traços verticais ou ligeiramente oblíquos, com distâncias irregulares entre eles.
		SE: bojo	sob cartela com motivo inciso, uma banda branca, por baixo da qual se delineia motivo fitomórfico; por baixo deste motivo, conjunto de três banda horizontais, ligeiramente curvas.
	incisão	SE: bojo	linha vertical de ponteados com formas irregulares entre duas linhas pintadas
		SE: bojo	sobre o motivo pintado, cartela com cordão ondulado em alto-relevo

Quadro 42 - Caracterização da decoração do Grupo 6

Esta peça foi fabricada com um tipo de pasta, P23, já registado nos Grupos 1 e 5 e apresenta decoração a pintura monocroma e incisão, com motivos geométricos e fitomórficos desenhados por linhas, bandas e ponteados. Foi cozida em ambiente oxidante.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q106, 110/C3-1	P23	BŞ4.4.84.0.260	Sem descrição	pintura monocroma e incisão

Quadro 43 - Caracterização global do Grupo 6

4.7 GRUPO 7

4.7.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As cerâmicas que formam o Grupo 7 foram recolhidas na Camada 3 (Gomes, 2003, 347) do Castelo de Silves e provêm dos quadrados 80 e 86 daquele sítio arqueológico, que encostam ao pano de muralha Este junto à Torre 8 do Castelo de Silves.

A Camada 3 nestes dois quadrados, doravante designada 3.0, depositou-se num espaço aberto, ou seja sem construção, junto ao pano de muralha. Apesar de não estar identificada presume-se que a camada representada no corte dos quadrados 63/45/67/15, entre a Camada 2 e a Camada 4 seja a Camada 3 (idem, 432, fig. 249). Os quadrados 63 e 45 são adjacentes ao quadrado 80, e este corte ilustra a sequência estratigráfica junto ao pano Este da muralha. A Camada 3.0 tem, no quadrado 63, cerca de um metro de profundidade, e no desenho distinguem-se duas superfícies, uma sensivelmente a meio da camada e outra abaixo da Camada 2. A presença de uma superfície a meio da camada sugere que esta tenha tido dois momentos de formação. A espessura considerável desta camada também aponta para um processo longo de formação. Será então expectável que os materiais provenientes da Camada 3.0 tenham sido depositados ao longo de um período considerável de tempo, enquanto este espaço se encontrava aberto.

A Camada 3.0 sobrepõe-se à Camada 4 no quadrado 15 (idem, ibidem), portanto este conjunto de cerâmicas é estratigraficamente posterior ao Grupo 4.

Em toda a Camada 3 foram exumados 98 fragmentos de púcaros e 381 fragmentos de jarros/jarras (idem, 348, Quadro III), num total de 479 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/şurayba*. Dois fragmentos desta população, ou seja 0,4%, formam o Grupo 7.

4.7.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

Não é possível discernir se algumas das amostras de carvão provenientes da Camada 3, das quais foram obtidas datações por radiocarbono foram recolhidas neste contexto (cf. ponto 4.8.2).

4.7.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 7 apresenta dois fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico e decoração deste grupo.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q80/C3-1	muito homogénea	grão finíssimo e fino	bege	oxidante		amarelo acinzentado pálido		amarelo acinzentado pálido
Q86/C3-1	muito homogénea	grão finíssimo e fino	rosa	oxidante	esmalte	branco*	esmalte	verde*

Quadro 44 - Caracterização dos fabricos do Grupo 7

Perfil	Peça	Q80/C3-1
	alt.	
	diâm.	
	Tipo	indefinido
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	ausente
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	Ausente
	Asa	vertical, espiralada, [indefinido, indefinido]

Quadro 45 - Caracterização morfológica do Grupo 7

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q80/C3-1	sem decoração		
Q86/C3-1	molde	SE	motivo fitomórfico (palmeta?)

Quadro 46 - Caracterização da decoração do Grupo 7

Os fragmentos do Grupo 7 apresentam pastas só identificadas neste grupo, e que só se distinguem entre si pela cor. Foram ambos cozidos em ambiente oxidante, e só uma peça apresenta tratamento de superfície. Esta peça é a única com decoração a molde registada neste trabalho.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q80/C3-1	P39	indeterminada	Sem descrição	sem decoração
Q86/C3-1	P40	indeterminada	esmalte	molde

Quadro 47 - Caracterização global do Grupo 7

4.8 GRUPO 8

4.8.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 8 foi recolhida na Camada 3 (Gomes, 2003, 347) do Castelo de Silves e provêm dos quadrados 39 daquele sítio arqueológico, que se encontra a Norte do Compartimento 4 do Complexo de Banhos

Não são explicitadas as relações estratigráficas que Camada 3, doravante designada Camada 3.4, mantém no quadrado 39 com os contextos arqueológicos envolventes, mas o Corte Q84 – Q86 (idem, 347, fig. 211), próximo deste quadrado, apresenta a Camada 3.4 por baixo da Camada 2 e subdividida na Camada

3A e na Camada 3B. A Camada 3B cobria material *in situ*, como o fogareiro Q84/C3-2. A presença de outras peças quase completas, como a Q39/C3-1, permite supor que a Camada 3.4 nesta zona se formou sobre artefactos que foram deixados no seu local de utilização, o que sugere formação rápida, e que integrou materiais contemporâneos.

Dos 479 fragmentos pertencentes a peças provenientes da Camada 3 que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*, só um, ou seja 0,2%, forma o Grupo 8.

4.8.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

A presença de uma lamparina metálica (Q84/C3-4) na Camada 3.4, cujo modelo foi fabricado no Iraque entre os séculos X e XI é o único elemento de datação inequívoco para este grupo. O material e o estado de conservação da peça sugerem que teve uma vida útil longa, e que provavelmente foi encontrada no seu contexto de utilização. Ou seja a formação desta camada pode ser bastante posterior ao séc. XI.

A única conclusão possível face à informação disponível é que a Camada 3.4 ter-se-á formado após o fabrico da lamparina metálica, ou seja durante o séc. X ou séc. XI, ou ainda posteriormente a este último século.

Na Camada 3 registaram-se pelo menos seis contextos arqueológicos distintos: os quatro agora apresentados e ainda o Compartimento 1 (*idem*, 345) e a Unidade de Escavação 3 (*idem*, 368). Esta camada ofereceu seis amostras de carvões que forneceram, por análise de radiocarbono, os seguintes intervalos cronológicos calibrados a dois sigma:

- ICN-875, 926-941 cal. d. C
- ICN-876, 891-1019 cal. d. C
- ICN-1183, 1019-1251 cal. d. C
- ICN-1186, 1036-1278 cal. d. C
- ICN-1187, 1010-1181 cal. d. C
- ICN-1189, 1050-1087, 1120-1140 e 1150-1280 cal. d. C.

Não foi no entanto fornecida qualquer informação sobre a origem espacial destas amostras, a sua associação com materiais e estruturas, e não é portanto possível associa-las aos referidos contextos da Camada 3. Também não é fornecida informação acerca das espécies que as constituem, levantando-se os mesmos problemas discutidos no ponto 3.1.2

Este conjunto de amostras pode ser dividido em dois grupos, o primeiro, refere-se a amostras cujos intervalos cronológicos se encontram entre 891 e 1019, mais antigas que o segundo, formado por amostras cujos intervalos se encontram entre 1010 e 1278. Seria fundamental conhecer como é que estas amostras se distribuem espacialmente, para perceber se esta divisão se mantêm ou se dos mesmos contextos aparecem amostras com intervalos diferentes.

Se houver consistência na distribuição das amostras, seria possível obter datações precisas para os referidos contextos. Se as amostras ICN – 875 e ICN- 876 tivessem origem no mesmo contexto, então este poderia ser datado entre 926 e 941, ou pouco depois, ou seja num intervalo de 35 anos.

Excluindo a amostra ICN-1189, que apresenta três intervalos, se as restantes amostras estiverem associadas espacialmente poderão fornecer um intervalo entre 1036 e 1181. O que esta série de datações sugere é que os vários contextos identificados na Camada 3 poderão ser de períodos diferentes.

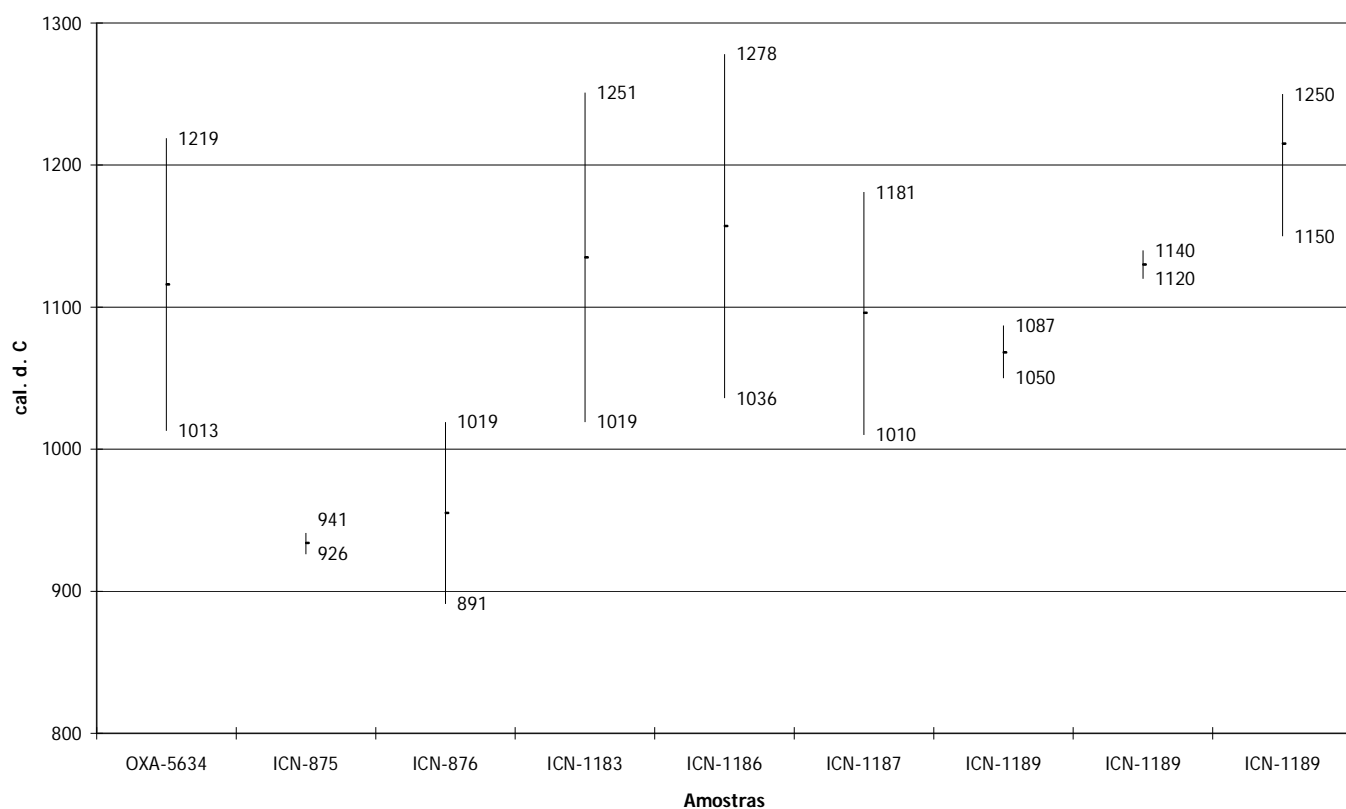


Gráfico 2 - Datações por radiocarbono (C14) obtidas das amostras provenientes da Camada 5 do Castelo de Silves, calibradas a dois sigma

4.8.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 8 apresenta uma única peça, quase completa. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração desta peça.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q39/C3-1	homogénea	grão fino	castanho avermelhado	oxidante		castanho avermelhado		castanho avermelhado

Quadro 48 - Caracterização dos fabricos do Grupo 8.

Perfil	Peça	Q39/C3-1
	alt.	144 mm
	diâm.	112 mm, b; 72 mm, f
	Tipo	descontínuo
	Lábio	boleado
	Bordo	convergente, direito
	Colo	ligeiramente divergente e convexo
	Bojo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro
	Fundo	plano
	Base	divergente, direita
	Asa	duas asas verticais de perfil semicircular e secção oval [colo, abaixo do bordo; a meio do bojo]

Quadro 49 - Caracterização morfológica do Grupo 8

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q39/C3-1	canelura	SE: entre o colo e o bojo	um sulco horizontal
	pintura a branco	SE: colo	três bandas horizontais e paralelas, entre o bordo e o arranque da asa
		SE: bojo	uma banda na canelura e outra no diâmetro máximo da peça definem espaço preenchido por linhas oblíquas, com inclinação e distancia entre elas desiguais; por baixo deste motivo duas outra banda; todas estas bandas são horizontais e paralelas
		asas	bandas verticais ao longo da s asas

Quadro 50 - Caracterização da decoração do Grupo 8

A pasta da peça do Grupo 8 só foi identificada aqui, mas apresenta o tipo de decoração mais comum das cerâmicas analisadas, pintura monocroma, com motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q39/C3-1	P12	BŠ2.5.84.0.310	Sem descrição	pintura monocroma e canelura

Quadro 51 - Caracterização global do Grupo 8

4.9 GRUPO 9

4.9.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 9 foi recolhida no Compartimento 4 da Casa A do Castelo de Silves, e integrava a Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51 e 55-58). Este compartimento seria o pátio da referida casa e a Camada 2 cobria o seu pavimento e fragmentos de estuque que tinham ruído sobre o mesmo pavimento (idem, 57). Como a escavação aqui não ultrapassou o pavimento, não há evidência sobre a relação estratigráfica deste contexto arqueológico com os contextos já discutidos.

A Camada 2 formou-se, portanto, após o abandono e destruição deste compartimento, pois cobriu estruturas já em ruínas. Dada a espessura desta camada, entre 40 e 100 cm, presume-se que a seu período de formação terá sido longo. Foram atribuídos à Camada 2 os artefactos que permaneceram neste pavimento após o seu abandono, e portanto se encontrariam em contexto de utilização, assim como aqueles que integraram esta camada enquanto as terras que a constituem se foram depositando. A presença de material de guerra, pontas de flecha e de besta e bala de catapulta neste compartimento indica que o abandono se deu após um confronto bélico.

Na Camada 2, independentemente do contexto de recolha, foram exumados 1484 fragmentos de púcaros e 6994 fragmentos de jarros/jarras (idem, 115, Quadro I), num total de 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Destes 8478, só um, ou seja 0,01%, pertence ao Grupo 9.

4.9.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No compartimento 4, a Camada 2 forneceu os seguintes indicadores cronológicos:

Peça	Tipo	Material	Cronologia	Reinado	Gomes, 2003
Q205/C2	Dinheiro	Bolhão	1223-1248	Sancho II	181

Quadro 52 - Moeda recolhida na Camada 2, Compartimento da Casa do Castelo de Silves

Peça	Paralelo	Cronologia	Gomes, 2003
Q223/C2-3	Castelo de Jubera, La Rioja	XIII, inícios XIV	162
Q223/C2-7	Navas de Tolosa	XIII	162-163
	Rougiers	XIII	
	Jardim del Moro (Córdova)	Anterior a 1260	
Q223/C2-8	Navas de Tolosa	1212	162

Quadro 53 – Pontas de flecha recolhidas na Camada 2, Compartimento da Casa do Castelo de Silves

Não se consideraram os materiais provenientes de quadrados que também abarcam outros compartimentos, já que os materiais são referidos ao quadrado de origem e não ao compartimento, não sendo portanto possível distinguir em que compartimento foram exumados.

A moeda Q205/C2 foi recuperada no pátio do compartimento 4, “sob um nível de telhas ali existente” (idem, 58). As pontas de flecha provêm do mesmo pátio. O bolhão de D. Sancho II informa que a formação da Camada 2 no Compartimento 4 da Casa A é posterior a 1223. Esta data sugere que o confronto que provocou o abandono desta estrutura foi a conquista cristã definitiva de Silves, em 1242 (Moreno *et alli*, 1984, 94). Os materiais que foram abandonados no pavimento do Compartimento 4 serão portanto anteriores a 1242, e resultam dos últimos momentos de utilização deste compartimento. A vida útil de um utensílio cerâmico não será, em geral, maior do que o de uma moeda. É possível pois considerar que as cerâmicas que estavam em uso antes do abandono não tenham sido fabricadas antes de 1223. O “conjunto vivo” de onde são originárias ter-se-ia formado nos anos imediatamente anteriores ao abandono deste espaço.

No entanto há que considerar que camada 2 poderá integrar materiais de outras proveniências durante o seu longo período de formação, após 1242.

4.9.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 9 apresenta uma peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados nos três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q223/C2-1	muito homogénea	grão finíssimo	rosa alaranjado	oxidante	esmalte	branco*	esmalte	branco*

Quadro 54 - Caracterização dos fabricos do Grupo 9

Perfil	Peça	Q223/C2-1
	alt.	
	diâm.	126 mm, b
	Tipo	indefinido
	Lábio	plano
	Bordo	vertical, espessado externamente, secção oval
	Colo	divergente, direito
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 55 - Caracterização morfológica do Grupo 9

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q223/C2-1	pintura a azul-cobalto	SE: colo	banda horizontal sob o bordo e vestígios de um outro motivo.

Quadro 56 - Caracterização da decoração do Grupo 9

O tipo de pasta desta peça também foi identificado nos Grupos 1 e 4, mas a decoração, pintura a azul-cobalto sobre esmalte é única em todas as peças analisadas. Esta peça também foi cozida em ambiente oxidante.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q223/C2-1	P34	BŠ [∞] .4.∞.∞.143	esmalte	pintura a azul-cobalto

Quadro 57 - Caracterização global do Grupo 9

4.10 GRUPO 10

4.10.1 ORIGEM DO CONJUNTO

O fragmento cerâmico que forma o Grupo 10 foi recolhido no pátio do Complexo de Banhos, mais precisamente no quadrado 32. A Camada 2 não foi removida totalmente neste quadrado (idem, 86-87, fig. 86) e portanto a informação disponível é insuficiente para avançar qualquer explicação sobre o seu processo de formação neste quadrado.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só um, ou seja 0,01%, pertence ao Grupo 10.

4.10.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No pátio do Complexo de Banhos, a Camada 2 forneceu a seguinte moeda:

Peça	Tipo	Material	Cronologia	Reinado	Gomes, 2003
Q27/C2	Dinheiro	Bolhão	1223-1248	Sancho II	179

Quadro 58 - Moeda recolhida na Camada 2, Pátio do Complexo de Banhos

Apesar de se desconhecer o processo de formação deste contexto arqueológico, a presença desta moeda indicia que a formação da Camada 2 neste compartimento será posterior a 1223.

4.10.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 10 é formado por um único fragmento, do qual não é possível reconstituição de forma, caracterizado nos dois quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q32/C2-1	muito homogénea	grão finíssimo	bege	oxidante		bege	engobe	negro*

Quadro 59 - Caracterização dos fabricos do Grupo 10

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q32/C2-1	esgrafito	SE	é visível uma linha curva no interior de um motivo formado por elementos fitomórficos e geométricos

Quadro 60 - Caracterização da decoração do Grupo 10

O fragmento do Grupo 10 foi fabricado com o tipo de pasta P35, cozido em ambiente oxidante e foi decorado com esgrafito sobre engobe com motivos fitomórficos e geométricos.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q32/C2-1	P35	indeterminada	engobe	esgrafito

Quadro 61 - Caracterização global do Grupo 10

4.11 GRUPO 11

4.11.1 ORIGEM DO CONJUNTO

O fragmento cerâmico que forma o Grupo 11 foi recolhido no quadrado 108 e provém da Camada 2. Este quadrado divide-se entre o Compartmento 2 e o Compartmento 3 do Complexo de Banhos. Conforme se pode observar no Corte Q21/24/42¹⁸ (idem, 98, fig. 97), a Camada 2, com cerca de 40 cm de espessura, depositou-se sobre o pavimento do Compartmento 2, encostada às paredes daquele compartimento. As paredes deste compartimento foram cobertas pela Camada 1B. A Camada 2 formou-se após o abandono destes compartimento, e terá sido relativamente lento, dada a sua espessura e já que não há evidência ter resultado de uma acção premeditada. A presença de material de guerra, ponta de flecha, num destes compartimento, á semelhança dos compartimentos anteriormente referidos, sugere que também aqui o abandono se deu após um confronto bélico. Esta camada abarcou os artefactos que permaneceram neste pavimento após o seu abandono, e portanto se encontrariam em contexto de utilização, assim como aqueles que integraram enquanto as terras que a constituem se foram depositando.

O quadrado 108 encontra-se entre os quadrados 106 e 110, de onde é originário o Grupo 6, que integrava a Camada 3.2. Esta camada encontrava-se por baixo do pavimento do Compartmento 2 (idem, 363). O Grupo 11 é então estratigraficamente posterior ao Grupo 6.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só um, ou seja 0,01%, pertence ao Grupo 11.

4.11.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No Compartmentos 3, a Camada 2 forneceu os seguintes indicadores cronológicos:

Peça	Forma	Paralelo	Cronologia	Gomes, 2003
Q42/C2-3	Pendente	Inglaterra	XIII	161
Q104/C2-3	Insígnia	Mértola	XIII	160

Quadro 62 – Artefactos de metal recolhidos na Camada 2, Compartmento 3 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves

Esta informação permite supor que a Camada 2 se formou, pelo menos no Compartmento 3, sensivelmente na mesma altura que no compartimento 5 (cf. *infra*), que lhes é contínuo. Note-se que já não existia, aquando da formação da Camada 2, qualquer divisão entre o compartimento 2 e o compartimento 5.

4.11.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 11 é formado por um único fragmento, do qual não é possível reconstituição de forma, caracterizado nos dois quadros seguintes. Este fragmento é em tudo semelhante ao fragmento do Grupo 10.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q108/C2-1	muito homogénea	grão finíssimo	bege	oxidante		bege	engobe	negro*

Quadro 63 - Caracterização dos fabricos do Grupo 11

¹⁸ O quadrado 42 é adjacente ao quadrado 108

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q108/C2-1	esgrafito	SE	motivo fitomórfico, possível palmeta

Quadro 64 - Caracterização da decoração do Grupo 11

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q108/C2-1	P35	indeterminada	engobe	esgrafito

Quadro 65 - Caracterização global do Grupo 11

4.12 GRUPO 12

4.12.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peças que formam o Grupo 12 foram recolhidas no quadrado 33 e integravam a Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51) do Castelo de Silves. Este quadrado é atravessado, a Sul, pelo patamar mais baixo do corredor de acesso à latrina do Compartimento 4 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves (idem, e 91-94). No Corte Q29 / Q33 / Q36 (idem, 99, fig. 98) observa-se que este pavimento não se encontra coberto pela Camada 2, mas sim pela Camada 1B, e que a Camada 2 cobre o restante quadrado, a Norte do pavimento, onde se deveria encontrar o muro Norte deste compartimento. É possível, que a maior profundidade, restos do muro ainda estejam preservados, visto que a Camada 2 não foi totalmente removida neste quadrado. De qualquer forma estará mais destruído que os restantes muros do compartimento, inclusive com aquele com que faria cunhal, a Este.

Assim a Camada 2 neste local formou-se após a destruição do referido muro, ou seja após o abandono e desmantelamento do Compartimento 4. Portanto os materiais que constituem o Grupo 12 são provenientes do exterior, a Norte, do Complexo de Banhos. Não é possível esclarecer qual será o contexto de utilização dos mesmo materiais.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só quatro, ou seja 0,05%, pertencem ao Grupo 12.

4.12.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 12 apresenta quatro peças, das quais três permitem reconstituição parcial da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q33/C2-2	homogénea	grão fino	rosa pálido	oxidante	esmalte	verde clara amarelada*	esmalte	verde intenso*, mais escuro sobre o bordo e na parte superior da asa
Q33/C2-6	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante	aguada	bege muito claro*	aguada	bege muito claro*
Q33/C2-7	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante		rosa pardo		rosa pardo
Q33/C2-8	homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante		rosa pardo		rosa pardo

Quadro 66 - Caracterização dos fabricos do Grupo 12

Perfil	Peça	Q33/C2-2	Q33/C2-6	Q33/C2-7
	alt.			
	diâm.	105 mm, b	102 mm, b	116 mm, b
	Tipo	indefinido	descontínuo	descontínuo
	Lábio	boleado	boleado	boleado
	Bordo	convergente, direito	divergente, direito	obliquo, direito
	Colo	divergente, convexo em cima, concavo em baixo	divergente, direito	divergente, direito
	Bojo	ausente	ombro convergente e convexo	ombro convergente e convexo
	Fundo	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente
	Asa	vertical de perfil oval alongado e secção trapezoidal [colo, indefinido]	ausente	ausente

Quadro 67 - Caracterização morfológica do Grupo 12

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q33/C2-2	sem decoração		
Q33/C2-6	pintura digital a cor-de-laranja	SE: bordo ----- SE: colo ----- SE: bojo	linhas verticais contínuas e paralelas
Q33/C2-7	pintura a cor-de-laranja	SE: bojo	banda horizontal no ponto de inflexão com o colo; banda perpendicular, com sentido descendente da qual partem traços oblíquos, rodeados por pontilhado
Q33/C2-8	pintura a cor-de-laranja	SE	motivo reticulado de linhas verticais e horizontais preenchido por pontilhado

Quadro 68 - Caracterização da decoração do Grupo 12

Todas esta peças foram cozidas em ambiente oxidante, apresentando, duas delas, o mesmo tipo de pasta. As outras foram fabricadas com tipos diferentes de pasta. Uma das peças foi coberta com esmalte verde e não apresenta outras técnicas decorativas. Das restantes, só uma apresenta aguada mas todas foram decoradas com pintura monocroma, com motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados. Note-se que das duas peças com o mesmo tipo de pasta, P35, apresentam diferentes tratamentos de superfícies e técnica de pintura. Este tipo de pasta já foi identificado nos Grupos 2, 5, 10 e 11.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q33/C2-2	P18	B\$∞.56.∞.∞.310	esmalte	sem decoração
Q33/C2-6	P35	B\$∞.4.8∞.∞.210	aguada	pintura digital monocroma
Q33/C2-7		B\$∞.4.8∞.∞.510	sem descrição	pintura monocroma
Q33/C2-8	P7	indeterminada		

Quadro 69 - Caracterização global do Grupo 12

4.13 GRUPO 13

4.13.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 13 foram recolhidas no Compartimento 5 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves, e integravam a Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51 e 94 -103). Este compartimento seria o jardim do referido complexo e a Camada 2 cobria aqui um pavimento de “massa de cal e areia” (idem, 98, fig. 97, Corte Q21 / Q24 /Q42), por baixo do qual se encontrava a Camada 3. Assim, o Grupo 13 é estratigraficamente posterior ao Grupo 5.

No Compartimento 5, a Camada 2 cobria esqueleto insepulto cuja morte terá sido provocada por ferimento de tiro de besta. Na mesma camada “observou-se espesso nível de incêndio, onde se misturavam numerosos

fragmentos de telha (...) com fragmentos de peças de cerâmica, algumas quase completas, assim como restos de objectos de vidro e outros artefactos.” (idem, 96). Neste camada foram ainda exumadas duas balas para funda. A Camada 2 formou-se portanto após um episódio violento, provavelmente uma batalha, que resultou no incêndio e destruição do jardim do Complexo de Banhos. Os materiais que integram esta camada terão sido originários deste compartimento e estariam em uso na altura da sua destruição.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só quatro, ou seja 0,05%, pertencem ao Grupo 13.

4.13.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No compartimento 5, a Camada 2 forneceu os seguintes indicadores cronológicos:

Peça	Tipo	Material	Oficina	Cronologia	Reinado	Gomes, 2003
Q22/C2	Direme	Prata	Qurtuba		Almóada	178
Q42/C2	Dinheiro	Bolhão		1223-1248	Sancho II	181

Quadro 70 - Moedas recolhida na Camada 2, Compartimentos 5 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves

Peça	Forma	Paralelo	Cronologia	Gomes, 2003
Q1/C2-2	Ponta	Navas de Tolosa	1212	162
Q11/C2-3	Ponta	Castelo de Jubera, La Rioja	XIII, inícios XIV	162
Q24/C2-1	Ponta	Navas de Tolosa	1212	162
Q24/C2-2	Ponta	Castelo de Jubera, La Rioja	XIII, inícios XIV	162
Q24/C2-3	Ponta	Castelo de Salir	XIII	162
		Rougiers	XIII	162
Q42/C2-1	Ponta	Castelo de Salir	XIII	162
		Rougiers	XIII	162

Quadro 71 – Artefactos de metal recolhidos na Camada 2, Compartimentos 2 e 3 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves

A presença do dinheiro de Sancho II fornece uma datação *post quem*, 1223, para a formação deste contexto arqueológico, confirmado pelos artefactos em metal. Esta data sugere que a batalha que provocou o abandono desta estrutura foi a conquista cristã definitiva de Silves, em 1242. Assim no Compartimento 5, a formação da Camada 2 será posterior a 1242.

4.13.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 13 apresenta quatro peças, das quais duas são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q5/C2-22	homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante	alisada	rosa pardo	alisada	rosa pardo
Q11/C2-11	muito homogénea	grão finíssimo	rosa pardo	oxidante	esmalte	verde*	esmalte	verde*
Q14/C2-8	muito homogénea	grão finíssimo	laranja pálido	oxidante		laranja pálido	aguada	quase branca*
Q18/C2-15	homogénea	grão fino a grosseiro	castanho avermelhado claro	oxidante	vidrado	castanho*	vidrado	castanho*

Quadro 72 - Caracterização dos fabricos do Grupo 13

Perfil	Peça	Q11/C2-11	Q18/C2-15
	alt.		
	diâm.	85 mm, b	58 mm, p
	Tipo	indefinido	contínuo
	Lábio	biselado	ausente
	Bordo	vertical, direito	ausente
	Colo	divergente, direito	ausente
	Bojo	ausente	divergente, direito; ombro ausente
	Fundo	ausente	concavo
	Base	ausente	divergente, convexo, com pé em anel, de perfil vertical, marcado por uma carena
	Asa	ausente	ausente

Quadro 73 - Caracterização morfológica do Grupo 13

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q5/C2-22	incisão	SE	alinhamento horizontal de traços oblíquos e paralelos sobre duas linhas horizontais e paralelas
Q11/C2-11	incisão	SE: colo	linhas incisadas horizontais e paralelas
Q14/C2-8	pintura a castanho	SE: bojo	banda horizontal no ponto de inflexão com o colo, da qual descem grupos de três bandas oblíquas e paralelas; estes grupos têm sentidos diferentes formando triângulos
Q18/C2-15	sem decoração		

Quadro 74 - Caracterização da decoração do Grupo 13

Este grupo é bastante heterogéneo, já que todas as peças apresentam diferentes tipos de pasta e tratamento de superfície. Duas peças no entanto apresentam a mesma técnica decorativa, incisão. Das restantes peças, uma não se encontra decorada, para além do vidrado e outra apresenta pintura monocroma. Independentemente da técnica decorativa os motivos pertencem ao grupo dos motivos geométricos desenhados por linhas, bandas e ponteados. A pasta P7 também foi identificada no Grupo 12, a pasta P35 está também representada nos Grupos 2, 10, 11 e 12 e a pasta P37 também se encontrou no Grupo 4.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q5/C2-22	P7	indeterminado	alisamento	incisão
Q11/C2-11	P35	BŠ∞.4. ∞.∞.110	esmalte	
Q14/C2-8	P37	indeterminada	aguada	pintura monocroma
Q18/C2-15	P28	BŠ∞.∞.∞.4.1C.∞	vidrado	sem decoração

Quadro 75 - Caracterização global do Grupo 13

4.14 GRUPO 14

4.14.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que constitui o Grupo 14 foi recolhida no Compartimento 6 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves, e integrava a Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51 e 103). Neste compartimento a Camada 2 cobria os restos do pavimento do compartimento e uma bancada. Sobre o pavimento conservavam-se numerosos artefactos, nomeadamente restos de um almofariz de arenito vermelho e “abundantes fragmentos de panelas” o que permitiu considerar este compartimento como uma cozinha. Estes materiais estarão portanto no seu contexto de utilização e foram atribuídos à Camada 2, que se terá formado após o abandono do compartimento, podendo integrar materiais posteriores. Com a informação disponível não é possível especular sobre a rapidez da sua formação.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só um, ou seja 0,01%, pertence ao Grupo 14.

4.14.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No compartimento 6, a Camada 2 forneceu o seguinte indicador cronológico:

Peça	Tipo	Material	Cronologia	Reinado	Gomes, 2003
Q31/C2	Dinheiro	Bolhão	1185-1212	Sancho I	179

Quadro 76 - Moeda recolhida na Camada 2, Compartimentos 6 do Complexo de Banhos do Castelo de Silves

A presença desta moeda permite afirmar que no Compartimento 6 a Camada 2 formou-se após 1185. A informação disponível não esclarece o local exacto de recolha desta moeda, nem se se encontrava associado aos materiais arqueológicos encontrados sobre o pavimento do dito compartimento. Em caso positivo poderá esta data servir, não só para fornecer uma datação *post quem* para a formação da camada, como ser usada com mais precisão para datar esse conjunto artefactual. Se esta moeda não está associada aos ditos materiais e integrou a Camada 2 enquanto esta se formava, então a evidência material não permite concluir se a deposição deste conjunto é anterior à data de produção da moeda ou lhe será contemporâneo.

4.14.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 14 é formado por um único fragmento, do qual não é possível reconstituição de forma, caracterizado nos dois quadros seguintes. O tipo de pasta que este fragmento apresenta só foi registado neste grupo.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q37/C2-3	homogénea	grão fino a grosseiro	amarelo rosado pálido	oxidante		amarelo rosado pálido		amarelo rosado pálido

Quadro 77 - Caracterização dos fabricos do Grupo 14

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q37/C2-3	pintura a negro	SE: bojo	dois pares de bandas horizontais e paralelas; o espaço entre os dois pares está parcialmente preenchido por um reticulado de linhas oblíquas

Quadro 78 - Caracterização da decoração do Grupo 14

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q37/C2-3	P29	indeterminada	sem descrição	pintura monocroma

Quadro 79 - Caracterização global do Grupo 14

4.15 GRUPO 15

4.15.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peças que formam o Grupo 15 foram recolhidas no Compartimento 2 da Casa B do Castelo de Silves, e integrava a Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51 e 109). A Camada 2 cobria o “pavimento com massa de terra e cal” deste compartimento. Como esta cobre o muro Sul do compartimento (idem, 99, fig. 98, Corte Q2 Q5 / Q7 Q4), é possível concluir que se formou após as paredes do mesmo terem ruído, tendo possivelmente integrado tanto materiais originários da última utilização do compartimento, como materiais que tenham sido descartados durante o período, provavelmente longo, de formação desta camada. Note-se também aqui a presença de material de guerra, nomeadamente uma ponta de flecha ou besta.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só quatro, ou seja 0,05%, pertencem ao Grupo 15.

4.15.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No compartimento 2, a Camada 2 forneceu o seguinte indicador cronológico:

Peça	Forma	Paralelo	Cronologia	Gomes, 2003
Q8/C2-8	Ponta	Castelo de Jubera, La Rioja	XIII, inícios XIV	162

Quadro 80 - Ponta recolhida na Camada 2, Compartimentos 2 da Casa B do Castelo de Silves

Esta informação permite supor que a Camada 2 se formou, pelo menos neste compartimento, sensivelmente na mesma altura que no compartimento 5 do Complexo de Banhos (cf. supra), que lhes é contínuo.

4.15.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 15 apresenta quatro peças, das quais duas são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q7/C2 -6	homogénea	grão finíssimo	amarelo rosado	oxidante		amarelo rosado		amarelo rosado
Q8/C2-1	homogénea	grão finíssimo	amarelo rosado	oxidante		amarelo rosado		amarelo rosado
Q8/C2-4	homogénea	grão finíssimo	amarelo rosado	oxidante		amarelo rosado		amarelo rosado
Q34/C2-3	muito homogénea	grão finíssimo	amarelo rosado	oxidante		amarelo rosado	engobe	negro*

Quadro 81 - Caracterização dos fabricos do Grupo 15

	Peça	Q8/C2-1	Q8/C2-4
	alt.	125 mm	153 mm
Perfil	diâm.	90 mm, b; 122 mm, m; 122 mm, p	107 mm, b; 144 mm, m; 50 mm, pé
	Tipo	descontínuo	descontínuo
	Lábio	boleado	bisel
	Bordo	divergente, direito	vertical, direito
	Colo	divergente, ligeiramente convexo	divergente, direito
	Bojo	ligeiramente divergente, convexo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro
	Fundo	plano, com superfície irregular	ligeiramente concavo
	Base	divergente, plana, com pé em anel, de perfil convergente	divergente, plana com pé em anel de perfil convergente e ligeira carena
	Asa	duas asas verticais, de perfil semi-circular e secção subrectangular, com dois mamilos aplicados na superfície superior [colo, ombro]	quatro asas verticais, de perfil semi-circular e de secção oval [base do colo, ombro]

Quadro 82 - Caracterização morfológica do Grupo 15

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q7/C2 -6	incisão	SE	dois conjuntos de linhas horizontais e paralelas, um formado por duas linhas e outro por três
	estampilhagem		alinhamento de flores com doze pétalas entre os conjuntos de linhas incisas.
Q8/C2-1	decoreação plástica	ligação entre o bordo e o colo	cordão com triângulos isósceles desenhados por incisão
		asas	botões cónicos na parte superior
	canelura	asas	três pequenos sulcos
Q8/C2-4	caneluras	SE: bojo	três sulcos horizontais e paralelos sob as asas
		asas	sulcos verticais e paralelos
Q34/C2-3	esgrafito	SE	motivo composto por elementos epigráficos rodeado por elementos fitomórficos sobre duas linhas horizontais e paralelas

Quadro 83 - Caracterização da decoração do Grupo 15

Todas as peças deste grupo apresentam o mesmo tipo de pasta, reconhecido só no Grupo 15. Só uma peça apresenta tratamento de superfície, engobe. A mesma peça encontra-se decorada com esgrafito. Cada peça apresenta uma técnica decorativa diferente. Note-se a ausência, neste grupo, da técnica decorativa mais comum, a pintura monocroma.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q7/C2 -6	P9	indeterminado	sem descrição	incisão e estampilhagem
Q8/C2-1		BŠ2.5.5.3.210		decoreação plástica e canelura
Q8/C2-4		BŠ4.4.84.3C.110		caneluras
Q34/C2-3		indeterminado	engobe	esgrafito

Quadro 84 - Caracterização global do Grupo 15

4.16 GRUPO 16

4.16.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 16 foi recolhidas na Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51) do Castelo de Silves e provêm dos quadrados 39 daquele sítio arqueológico, que se encontra a Norte do Compartimento 4 do Complexo de Banhos. O Corte Q84 – Q86 (idem, 347, fig. 211), próximo deste quadrado, apresenta a Camada 2 sobre a Camada 3. Assim o Grupo 16 é estratigraficamente posterior ao Grupo 8. A informação disponível é insuficiente para caracterizar melhor o processo de formação da Camada 2 a Norte do Complexo de Banhos.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só um, ou seja 0,01%, pertence ao Grupo 16.

4.16.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 16 é formado por um único fragmento, do qual não é possível reconstituição de forma, caracterizado nos dois quadros seguintes. O tipo de pasta que este fragmento apresenta só foi registado neste grupo.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q39/C2-2	homogénea	grão finíssimo	laranja pálido	oxidante	aguada	bege quase branco*	aguada	bege quase branco*

Quadro 85 - Caracterização dos fabricos do Grupo 16

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q39/C2-2	incisão pintura a castanho-escuro	SE	dois pares de linhas horizontais e paralelas duas bandas horizontais e paralelas ladeiam o par inferior de linhas incisas; sobre a banda superior, dispõem-se dois alinhamentos horizontais de traços verticais, irregulares; da banda superior nascem dois arcos com sentido contrário.

Quadro 86 - Caracterização da decoração do Grupo 16

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q39/C2-2	P8	Indeterminada	Aguada	pintura monocroma e incisão

Quadro 87 - Caracterização global do Grupo 16

4.17 GRUPO 17

4.17.1 ORIGEM DO CONJUNTO

O Grupo 17 é formado por fragmentos cerâmicos provenientes dos quadrados que limitam a Casa B, a Norte e Noroeste, e o Complexo de Banhos a Norte e que integravam a Camada 2 (Gomes, 2003, 49 – 51). Alguns destes fragmentos, com diferentes quadrados de proveniência (62, 75, 76, 84, 86), pertencem a uma única peça. Note-se que os quadrados 76 e 75 encontram-se ainda no interior do Compartmento 6 da Casa B, que não está totalmente definido, que o quadrado 86 se encontra no exterior do Compartmento 5 da mesma casa, mas onde há indícios de haver outro compartimento e que os quadrados 62 e 84 encontram-se a Norte do Complexo de Banhos. Os outros dois fragmentos que compõem este grupo foram exumados nos quadrados 82 e 86. O quadrado 82 também se encontra a Norte do Complexo de Banhos. Assim este grupo é formado por fragmentos provenientes da Casa B e do espaço habitacional que se encontra a Norte do Complexo de Banhos, e que não é descrito com pormenor.

No quadrado 84, a Camada 2 cobre a Camada 3 (idem, 347, fig. 211, Corte Q84 – Q86), o que torna este grupo estratigraficamente posterior ao Grupo 8.

A dispersão da peça Qs62,75,76,84,86/C2-1 indica que pelo menos alguns dos materiais que integraram a Camada 2 não se encontravam no seu contexto de utilização quando foram integrados na referida camada, podendo portanto não ser provenientes das habitações onde foram localizados. Podem ser materiais contemporâneos da formação da Camada 2, e não da utilização das mesmas habitações.

Note-se que também aqui a Camada 2 forneceu material de guerra, como a ponta de flecha proveniente do quadrado 62.

Dos 8478 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba* recolhidos na Camada 2, só três, ou seja 0,03%, pertence ao Grupo 17.

4.17.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

Nos quadrados de proveniência desta peça, a Camada 2 forneceu os seguintes indicadores cronológicos:

Peça	Tipo	Material	Reinado	Gomes, 2003
Q75/C2	Direme	Prata	Almóada	179

Quadro 88 - Moeda recolhida na Camada 2, quadrado 75, do Castelo de Silves.

Peça	Forma	Paralelo	Cronologia	Gomes, 2003
Q62/C2-3	Ponta	Castelo de Salir	XIII	162
		Rougiers	XIII	162
Q84/C2-4	Insígnia	Europa	XI - XIII	160-161
Q86/C2-5	Tampa	Torre Grossa (Jijona)	XIII	160

Quadro 89 – Artefactos de metal recolhidos na Camada 2, quadrados 62, 84 e 86, do Castelo de Silves

Esta informação indica que a formação da Camada 2 nestes quadrados se terá dado durante o séc. XIII. A presença da ponta de flecha e a sua cronologia aponta para que também aqui este fenómeno deva ser posterior ao confronto de 1242, a conquista cristã definitiva de Silves.

4.17.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 17 apresenta três peças, das quais duas são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidad e	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Qs62,75,76, 84,86/C2-1	muito homogénea	grão fino	rosa alaranjado	oxidante	esmalte	branco*	esmalte	branco*
Q82/C2-3	muito homogénea	grão finíssimo	amarelo acinzentado pálido	oxidante		amarelo acinzentado pálido	engobe	negro*
Q86/C2-4	muito homogénea	grão finíssimo	amarelo acinzentado pálido	oxidante		amarelo acinzentado pálido	engobe	negro*

Quadro 90 - Caracterização dos fabricos do Grupo 17

Perfil	Peça	Qs62,75,76, 84,86/C2-1
	alt.	193 mm
	diâm.	150 mm, b/m; 66 mm, p
	Tipo	descontínuo
	Lábio	boleado
	Bordo	divergente, direito sobre rebordo horizontal e direito
	Colo	divergente, ligeiramente côncavo
	Bojo	vertical, convexo
	Fundo	ligeiramente côncavo
	Base	divergente, direita, com pé em anel de perfil convergente
	Asa	duas asas verticais, de perfil quase recto e secção triangular [colo, abaixo do rebordo; a meio do bojo]

Quadro 91 - Caracterização morfológica do Grupo 17

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Qs62,75,76, 84,86/C2-1	reflexo metálico	SE: colo SE: bojo asas	grandes cartelas rectangulares definidas por bandas, com motivos fitomórficos no seu interior motivos fitomórficos
	caneluras	SE: colo SE: bojo	um sulco horizontal sensivelmente a meio um sulco horizontal abaixo das asas
Q82/C2-3	esgrafito	SE	dois conjuntos de três linhas horizontais e paralelas, entre os quais sucessão de motivo formado por círculos grosseiramente concêntricos
Q86/C2-4	esgrafito	SE	dois conjuntos de linhas horizontais e paralelos, entre os quais se observa um motivo em ziguezague; por cima deste conjunto observa-se outro motivo com elementos epigráficos e fitomórficos

Quadro 92 - Caracterização da decoração do Grupo 17

Este grupo apresenta dois tipos de pasta, que não foram identificados em nenhum outro grupo. As peças que apresentam a mesma pasta apresentam também o mesmo tipo de tratamento de superfície e a mesma técnica decorativa, esgrafito sobre engobe. A técnica decorativa, reflexo metálico sobre esmalte, que caracteriza a terceira peça também só foi identificada neste grupo.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Qs62,75,76, 84,86/C2-1	P44	BŠ2.6.2.3.210R4	esmalte	caneluras e reflexo metálico
Q82/C2-3	P36	indeterminada	engobe	esgrafito
Q86/C2-4		indeterminada		

Quadro 93 - Caracterização global do Grupo 17

4.18 GRUPO 18

4.18.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peças que formam o Grupo 18 foram recolhidas na Camada 3, quadrados 11 e 14, do Sector 2 do Salão Paroquial de Silves (CNS 11529, Gomes, 2006, 129). Esta camada depositou-se sobre o substrato rochoso e encostava, naqueles quadrados, a um muro com sentido NW – SE, construído sobre o dito substrato, que na extremidade SE parece fazer canto com outro muro (idem, 116, fig. 2.4 e 136, 2.14). Este muro e a Camada 3 encontravam-se cobertos pela Camada 2. A informação disponível não é suficiente para discutir o processo de formação desta camada, se este é contemporâneo ou posterior á utilização deste muro.

Nestes dois quadrados a Camada 3 forneceu 45 fragmentos de púcaros e 27 fragmentos de jarros/jarras (idem, 138, Quadro 2.VI), num total de 72 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 3 fragmentos, ou seja 4,2%, que formam o Grupo 18.

4.18.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 18 apresenta três peças, uma das quais é um fragmento de asa que não permite qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q11/C3-1	muito homogênea	grão fino	cinzento	reduzida?	esmalte	verde*	esmalte	verde*
Q14/C3-1	homogênea	grão fino e médio	castanho avermelhado pálido	oxidante		castanho avermelhado pálido		castanho avermelhado pálido
Q14/C3-3	muito homogênea	grão fino	rosa alaranjado	oxidante	aguada	rosa alaranjado	aguada	rosa alaranjado

Quadro 94 - Caracterização dos fabricos do Grupo 18

	Peça	Q11/C3-1	Q14/C3-1	Q14/C3-3
	alt.			
Perfil	diâm.		84 mm, b	84 mm, m
	Tipo	indefinido	contínuo	descontínuo
	Lábio	ausente	biselado	ausente
	Bordo	ausente	vertical, direito	ausente
	Colo	ausente	não se distingue do bojo	ausente
	Bojo	ausente	vertical, ligeiramente côncavo	divergente, direito, com ligação à base vertical, convexa
	Fundo	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente
	Asa	vertical com perfil indefinido e secção oval e dois botões plásticos [indefinido, indefinido]	ausente	ausente

Quadro 95 - Caracterização morfológica do Grupo 18

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q11/C3-1	sem decoração		
Q14/C3-1	incisão	SE: bojo	duas linhas horizontais e paralelas
	pintura a branco		uma banda sobre cada uma das linhas incisadas; três bandas horizontais e paralelas na extremidade inferior do bojo.
Q14/C3-3	pintura a castanho-escuro	SE: bojo	segmento de círculo com pontilhado no interior, sob o qual se encontram duas bandas paralelas e horizontais que delimitam teoria de losangos com um ponto no centro; o exterior dos losangos foi preenchido por ponteados muito finos.

Quadro 96 - Caracterização da decoração do Grupo 18

Cada peça deste grupo foi fabricada com um tipo diferente de pasta e de tratamento de superfície e a pintura monocroma e incisão são as duas técnicas decorativas presentes. Note-se que a pasta tipo P44 também foi identificada no Grupo 17.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q11/C3-1	P21	indeterminada	sem descrição	pintura monocroma e incisão
Q14/C3-3	P44	BŠ.0.0.42.∞.∞	aguada	pintura monocroma
Q14/C3-1	P43	BŠ.0.0.3.∞.110	esmalte	sem decoração

Quadro 97 - Caracterização global do Grupo 18

4.19 GRUPO 19

4.19.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 19 foi recolhida na Camada 4 da Estrutura 2 (quadrado 7) da Residência Paroquial de Silves. Esta estrutura, “em grande parte escavada no substrato rochoso”, era uma vala de

“forma subcilíndrica, com fundo plano e cantos arredondados” (Gomes, 2006, 166). A boca desta vala encontrava-se rodeada por blocos de pedra, junto a um muro exterior da habitação identificada neste sítio, no meio da rua que a ladeava a Norte (idem, 146, fig. 2.20). Esta estrutura deveria servir de fossa séptica à mesma habitação (idem, 177). A Camada 4 é um dos depósitos de enchimento desta fossa, que cobria a Camada 5 e estava por baixo da Camada 3 (idem, 164, fig. 2.21). Esta camada forneceu, além de cerâmicas, restos osteológicos e malacológicos, ou seja desperdícios domésticos. Os materiais arqueológicos identificados nesta camada são o resultado do uso da referida habitação durante um dado intervalo de tempo, de duração desconhecida, mas que não deverá ser muito longa, tendo em conta que a fossa serviria para recolher os dejectos domésticos e deveria, portanto, ser limpa com alguma regularidade.

Nesta camada foram exumados 30 fragmentos de púcaros e 139 fragmentos de jarros/jarras (idem, 169, Quadro 2.12), num total de 169 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foi catalogado um fragmento, ou seja 0,7%, que forma o Grupo 19.

4.19.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 19 apresenta uma peça com perfil parcialmente reconstituído. Os três quadros seguintes caracterizam o seu fabrico, morfologia e decoração.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
RES. P Q7/E2/C4-6	homogénea	grão finíssimo e fino	rosa alaranjado	oxidante	aguada	rosa alaranjado	aguada	rosa alaranjado

Quadro 98 - Caracterização dos fabricos do Grupo 19

Perfil	Peça	RES. P Q7/E2/C4-6
	alt.	76 mm, c
	diâm.	107 mm, m
	Tipo	contínuo?
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	ausente
	Bojo	vertical, convexo
	Fundo	convexo
	Base	divergente, convexo, com pé em anel, ligeiramente convergente
	Asa	ausente

Quadro 99 - Caracterização morfológica do Grupo 19

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
RES. P Q7/E2/C4-6	pintura a branco	SE: bojo	duas bandas horizontais que se tocam na extremidade, coincidindo mais ou menos com o diâmetro máximo da peça, sobre as quais foi desenhado um alinhamento de traços verticais ligeiramente oblíquos e paralelos; um traço curvo em redor do arranque inferior da asa.

Quadro 100 - Caracterização da decoração do Grupo 19

O tipo de pasta desta peça só foi identificado neste grupo. No entanto apresenta a técnica decorativa mais comum nos conjuntos cerâmicos em análise.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
RES. P Q7/E2/C4-6	P10	B ∞ . ∞ .2.3. ∞	aguada	pintura monocroma

Quadro 101 - Caracterização global do Grupo 19

4.20 GRUPO 20

4.20.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 20 foram recolhidas no exterior Norte da habitação registada na Residência Paroquial de Silves, quadrados 6, 7, 11 e 16, e provêm da Camada 3 (Gomes, 2006, 147-8 e 155). A Camada 3, “com potência que variava entre 0,10 m e 0,25 m (...) assentava directamente no substrato rochoso” (idem, 147) e cobriria a azinhaga que ladeava a Norte a habitação aqui identificada e as estruturas negativas que aí se encontravam. Assim a Camada 3 depositou-se já depois da Estrutura 2 (cf. ponto anterior) estar completamente entulhada, o que significa que o Grupo 20 é estratigraficamente posterior ao Grupo 19.

Quando a Camada 3 se formou a Estrutura 2 já estaria, portanto, desactivada. A formação da Camada 3, que não é muito espessa poderá resultar do uso desta azinhaga após a desactivação da Estrutura 2, durante um período relativamente longo.

Nos quadrados 6, 7, 11 e 16, a Camada 3 forneceu 58 fragmentos de púcaros e 868 fragmentos de jarros/jarras (idem, 156, Quadro 2.VIII), num total de 936 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 3 fragmentos, ou seja 0,3%, que formam o Grupo 20.

4.20.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 20 apresenta três peças, todas elas permitindo reconstituição parcial de forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
RES. P Q7/C3-3	muito homogénea	grão fino e, alguns, médio e grosseiro	rosa pardo	oxidante		rosa pardo		rosa pardo
RES. P Q11/C3-4	homogénea	grão fino e, alguns, de grão médio	laranja avermelhado escuro	oxidante		laranja avermelhado escuro		laranja avermelhado escuro
RES. P Q16/C3-1	homogénea	grão fino e, alguns, de grão médio	núcleo: cinzento muito escuro; paredes: castanho rosado	reductora com arrefecimento oxidante	aguada	cinzento muito escuro	aguada	cinzento muito escuro

Quadro 102 - Caracterização dos fabricos do Grupo 20

	Peça	RES. P Q7/C3-3	RES. P Q11/C3-4	RES. P Q16/C3-1
	alt.			
	diâm.	152 mm	63 mm, m; 52 mm, f	44 mm, f
Perfil	Tipo	descontínuo	contínuo	descontínuo
	Lábio	direito	ausente	ausente
	Bordo	vertical, direito	ausente	ausente
	Colo	vertical, ligeiramente convexo	ausente	divergente, direito
	Bojo	indefinido, convexo	divergente, convexo em cima, concavo junto à base	divergente e direito em baixo, convergente e direito no ombro; com carena na ligação ao colo e no diâmetro máximo
	Fundo	ausente	plano	plano
	Base	ausente	convergente e convexa, direita no assento	divergente, direito
	Asa	vertical, de perfil semicircular e secção oval [bordo, meio do bojo]	ausente	ausente

Quadro 103 - Caracterização morfológica do Grupo 1

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
RES. P Q7/C3-3	canelura	SE: colo	três sulcos horizontais: um sob o bordo, outro a meio e outro na ligação ao bojo
	pintura a negro	SE: bordo	banda horizontal irregular
		SE: colo	banda horizontal irregular sob o bordo e no ponto de inflexão com o bojo
		SE: bojo	duas bandas horizontais e irregulares junto à asa; alinhamento de traços verticais irregulares no espaço entre estas bandas e a banda inferior do colo
RES. P Q11/C3-4	sem decoração	asa	linha vertical
RES. P Q16/C3-1	pintura a branco	SE: bojo	linha horizontal no ponto de inflexão com o colo, de onde nasce um grupo de linhas oblíquas com sentido descendente

Quadro 104 - Caracterização da decoração do Grupo 20

Cada peça deste conjunto apresenta um tipo de pasta diferente. O tipo de pasta P19 foi também identificado no Grupo 1, enquanto as pastas P24 e P52 são exclusivas deste grupo. Metade das peças tem tratamento de superfície e três foram decoradas com pintura monocroma. Numa destas peças a pintura monocroma está associada a outras duas técnicas decorativas, incisão a pente e caneluras.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
RES. P Q16/C3-1	P19	BŞ∞.4.74C2.0.∞.	aguada	pintura monocroma
RES. P Q7/C3-3	P52	BŞ4.2.i2. ∞.110	sem descrição	pintura monocroma e canelura
RES. P Q11/C3-4	P24	BŞ∞.∞.56.0.∞		sem decoração

Quadro 105 - Caracterização global do Grupo 20

4.21 GRUPO 21

4.21.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 21 foi recolhida no quadrado 25, que se divide entre o vestíbulo e a latrina da habitação identificada no Salão Paroquial de Silves, e provém da Camada 3 (Gomes, 2006, 147-9 e 155).

Esta camada depositou-se no interior da habitação, sobre o substrato rochoso, e aparentemente encontrava-se por baixo de pavimentos que foram por sua vez cobertos pela Camada 2 (idem, 149). Esta cobria também os muros da mesma habitação, e portanto formou-se após o abandono e destruição desta (idem, 147). Foram considerados como pertencentes à Camada 3 o espólio que no interior da habitação se encontrava “sobre o substrato rochoso, ou integrando os pavimentos de massa de cal e areia, pertencente à ocupação medieval portuguesa” (idem 149). A formação da Camada 3 pode resultar da fase de ocupação desta habitação anterior à construção dos referidos pavimentos, que teria o substrato rochoso como superfície de circulação. A maioria dos materiais provenientes desta camada estariam assim em contexto de deposição primário, ou mesmo em contexto de utilização. O que não impede a presença de materiais residuais, como o “fragmento de terra sigillata, com aspecto rolado” (idem, 149) que se encontrava sobre o substrato rochoso.

Os materiais classificados nesta camada que se encontravam nos pavimentos, poderão também ter a mesma origem, tendo integrado os mesmos no momento da sua construção, ou terão a mesma proveniência das areias usadas na construção dos pavimentos¹⁹. Neste caso estarão em contexto de deposição secundária, e poderão não ser contemporâneos dos materiais em contexto de deposição primário.

No interior da habitação, a Camada 3 forneceu 59 fragmentos de púcaros e 228 fragmentos de jarros/jarras (idem, 150, Quadro 2.VII), num total de 287 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foi catalogado um fragmento, ou seja 0,3%, que forma o Grupo 21.

4.21.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

No interior da habitação a Camada 3 forneceu uma moeda de prata almóada (idem, 219-220, RES. P Q22/C3). O quadrado 22, de onde provém esta moeda, divide-se pelo vestíbulo, compartimento norte e pátio da habitação, e o seu canto NE contacta com o Canto SW do quadrado 25. A presença desta moeda informa que a Camada 3 no interior da habitação ter-se-á formado durante o período almóada. Esta informação é reforçada pela presença de uma moeda de D. Afonso III (Q18/C2) na Camada 2. O quadrado 18 divide-se entre o compartimento Norte e o pátio da habitação. A presença desta moeda na Camada 2 significa que a mesma se formou após 1248, ou seja após a conquista cristã de Silves em 1242.

4.21.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 21 apresenta uma peça, com a forma parcialmente reconstituída. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
RES. P Q25/C3-3	muito homogénea	grão fino a médio	cinzento alaranjado muito claro	reduzida com arrefecimento oxidante	aguada	laranja pálido	aguada	laranja pálido

Quadro 106 - Caracterização dos fabricos do Grupo 21

¹⁹ Esta questão poderia ser resolvida verificando se há ou não colagem entre as cerâmicas que se encontravam sobre o substrato rochoso e as que integravam os pavimentos.

Perfil	Peça	RES. P Q25/C3-3
	alt.	
	diâm.	72 mm, f
	Tipo	descontínuo
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	ausente
	Bojo	vertical, direito
	Fundo	plano
	Base	divergente, direita
	Asa	Só resta o arranque inferior [indefinido, bojo, junto á base]

Quadro 107 - Caracterização morfológica do Grupo 21

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
RES. P Q25/C3-3	pintura a castanho-escuro	SE: bojo	duas bandas horizontais paralelas rodeiam motivo formado por duas bandas onduladas e entrelaçadas

Quadro 108 - Caracterização da decoração do Grupo 21

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
RES. P Q25/C3-3	P47	BŠ ∞ . ∞ .1.0. ∞	aguada	pintura monocroma

Quadro 109 - Caracterização global do Grupo 21

4.22 GRUPO 22

4.22.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 22 foram recolhidas no lado Ocidental da Torre Albarrã de Silves e provêm da Camada 5 (Gomes, 2006, 56-58 e 73). Esta camada foi cortada pela vala de fundação da Torre Albarrã (idem, 57, fig. 1.52, 58 e 70) e assentava sobre a Camada 6. A presença de “ossos, conchas, pequenos objectos metálicos e carvões” (idem, 70) sugere que esta camada se formou com despejos domésticos, estando possivelmente os seus materiais arqueológicos em contexto de deposição primário.

A Ocidente da Torre Albarrã, a Camada 5 forneceu 25 fragmentos de púcaros e 44 fragmentos de jarros/jarras (idem, 74, Quadro 2.IV), num total de 69 fragmentos pertencentes a peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogados 4 fragmentos, ou seja 5,8%, que formam o Grupo 22.

4.22.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 22 apresenta quatro peças, das quais duas são fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
SILV. 2-OC./C5-11	muito homogénea	grão finíssimo, fino e médio	rosa	oxidante	aguada	rosa pardo	aguada	rosa pardo
SILV. 2-OC./C5-13	muito homogénea	grão fino e médio	rosa	oxidante	aguada	rosa pardo	aguada	rosa pardo
SILV. 2-OC./C5-14	homogénea	grão fino e médio	cinzento muito escuro	reductor com arrefecimento oxidante		castanho rosado		castanho rosado
SILV. 2-OC./C5-19	muito homogénea	grão finíssimo e fino	bege	oxidante		bege		bege

Quadro 110 - Caracterização dos fabricos do Grupo 22

	Peça	SILV. 2-OC./C5-11	SILV. 2-OC./C5-14
	alt.		
Perfil	diâm.	102 mm, b	146 mm, m
	Tipo	contínuo	descontínuo
	Lábio	bisel	ausente
	Bordo	convergente, direito	ausente
	Colo	vertical, convexo	ausente
	Bojo	indefinido, convexo	indefinido, convexo
	Fundo	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente

Quadro 111 - Caracterização morfológica do Grupo 22

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
SILV. 2-OC./C5-11	incisão	SE: colo	duas linhas horizontais e paralelas, uma sob o bordo, a outra a meio do colo
	pintura a cor de laranja	SE: bordo	banda horizontal, que cobre a linha incisa superior
		SE: colo	duas bandas horizontais e paralelas que rodeiam a linha incisa inferior; entre a banda superior e a banda do bordo, paralelas entre si, foi desenhado um reticulado de linhas oblíquas
		SE: linha de inflexão entre o colo e o bojo	banda horizontal
SILV. 2-OC./C5-13	canelura	SE	sulco horizontal
	pintura a castanho-escuro		três bandas horizontais e paralelas, uma sobre a canelura, outra adjacente a esta, e a terceira do lado oposto, um pouco abaixo da canelura; sobre a segunda banda encontra-se um alinhamento de pontos ovais; por cima destes, outro alinhamento formado por semicírculos com pontos no seu interior, alinhados na vertical; a terceira banda, mais fina, aparentemente sobrepõe-se a traços verticais

SILV. 2-OC./C5-14	incisão	SE: linha de inflexão entre o colo e o bojo	duas linhas horizontais e paralelas
		SE: bojo	duas linhas horizontais e paralelas
	pintura a branco	SE: linha de inflexão entre o colo e o bojo	banda sobre as linhas incisas
		SE: bojo	duas bandas horizontais, mas irregulares, uma por cima das linhas incisas, a outra por baixo; sobre a banda superior alinhamento de traços verticais irregulares.
SILV. 2-OC./C5-19	corda seca parcial	SE: colo	duas linhas horizontais paralelas ligadas por uma linha vertical de cor negra; entre as quais distingue-se uma banda ondulada também a manganês; o lado superior das curvas desta linha encontra-se pontilhado por manchas de vidro verde

Quadro 112 - Caracterização da decoração do Grupo 22

Cada peça deste grupo foi fabricada com um tipo de pasta diferente. Uma das peças apresenta cozedura em ambiente redutor com arrefecimento oxidante e as restantes foram cozidas em ambiente oxidante. Metade das peças apresentam aguada nas superfícies e o tratamento de superfície da outra metade não foi descrita. A maioria das peças foi decorada com pintura monocroma e incisão. Um exemplar associa ainda a esta decoração, uma canelura. Uma peça encontra-se ornada com corda seca parcial.

A pasta de tipo P19 foi também identificada nos Grupos 1 e 20 e a pasta P39 foi igualmente registada no Grupo 7. As restantes pastas só se reconheceram neste grupo.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
SILV. 2-OC./C5-13	P51	indeterminado	aguada	pintura monocroma e canelura
SILV. 2-OC./C5-11	P42	BŠ _{∞.2.i2.∞.310}		pintura monocroma e incisão
SILV. 2-OC./C5-14	P19	BŠ _{∞.∞.i2.∞.∞}	sem descrição	
SILV. 2-OC./C5-19	P39	indeterminado		corda seca parcial

Quadro 113 - Caracterização global do Grupo 22

4.23 GRUPO 23

4.23.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 23 foram recolhidas no lado Oriental da Torre Albarrã de Silves e provêm da Camada 5 (Gomes, 2006, 56-58 e 70). A Camada 5 do lado Oriental encontra-se a cota mais elevada do que a Camada 5 do lado Ocidental e aparentemente formou-se encostada à Torre Albarrã. (idem, 57, fig. 1.51). Ou seja formou-se após a construção desta e não resulta do despejo de resíduos domésticos, como o reduzido número de fragmentos cerâmicos recuperados demonstra²⁰. O que significa que este grupo é estratigraficamente posterior ao Grupo 22, porque encosta à Torre Albarrã, que por sua vez foi construída num buraco aberto na camada de origem do Grupo 22.

É possível que a sua formação, que terá resultado de acumulação de sedimentos contra a Torre Albarrã, que teria necessariamente um perímetro sem construções, tenha sido mais lenta do que a Camada 5 do lado Ocidental. É provável que os materiais arqueológicos provenientes desta camada estejam em contexto secundário de deposição.

A Oriente da Torre Albarrã, a Camada 5 forneceu 4 fragmentos de jarros/jarras (idem, 70, Quadro 2.III), que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Estes 4 fragmentos foram todos catalogados e formam o Grupo 23.

²⁰ 75 contra os 1384 identificados na Camada 5 do lado Ocidental (cf. quadros 1.III e 1.IV).

4.23.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

Não se apresenta nenhum elemento de datação intrínseco à Camada 5 no lado Oriental da Torre Albarrã, para além das cerâmicas, datadas a partir de paralelos formais.

4.23.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 23 apresenta quatro fragmentos demasiado pequenos para permitirem qualquer reconstituição da forma. Os dois quadros seguintes caracterizam o fabrico e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
SILV. 2-OR./C5-3	muito homogénea	grão fino e médio	núcleo: amarelo acinzentado pálido; paredes: rosa	oxidante	esmalte	amarelo esverdeado*	esmalte	branco, ligeiramente acastanhado*
SILV. 2-OR./C5-10	muito homogénea	grão finíssimo e médio	branco acinzentado	reductora com arrefecimento oxidante?	aguada	laranja acastanhado pardo	aguada	laranja acastanhado pardo
SILV. 2-OR./C5-11	muito homogénea	grão fino e médio	rosa pardo	oxidante		rosa pardo	aguada	cinzento esbranquiçado
SILV. 2-OR./C5-21	muito homogénea	grão fino e médio	cinzento amarelado muito claro	oxidante		cinzento amarelado muito claro	esmalte	branco, algo esverdeado*

Quadro 114 - Caracterização dos fabricos do Grupo 23

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
SILV. 2-OR./C5-3	pintura a verde e manganês	SE	banda horizontal verde; banda vertical negra perpendicular à primeira; motivo formado por dois cordões entrelaçados delineados a negro e preenchidos a verde.
SILV. 2-OR./C5-10	pintura a negro	SE: bojo	de um lado da pega três linhas sinusoidais que se entrelaçam, pontilhadas no interior; do outro lado da pega, banda vertical, de onde pendem motivos fitomórficos
		pega	banda sobre a aresta da pega
SILV. 2-OR./C5-11	pintura a negro	SE: bojo	três bandas horizontais e paralelas, a inferior das quais termina na pega; entre as duas bandas superiores observam-se traços oblíquos e ponteados
	incisão?		três linhas horizontais e paralelas entre as duas bandas pintadas superiores
SILV. 2-OR./C5-21	pintura a verde e manganês	SE: bojo	duas bandas verticais e paralelas; um cordão entrelaçado entre as bandas; vestígios de outro motivo

Quadro 115 - Caracterização da decoração do Grupo 23

Duas das peças deste grupo são semelhantes quanto ao tipo de pasta, P49, tratamento de superfície, esmalte, e técnica decorativa, pintura a verde e manganês. Os outros dois exemplares apresentam tipos de pasta diferentes, mas o mesmo tratamento de superfície, aguada e a mesma técnica decorativa, pintura monocroma. Um deles associa pintura monocroma com incisão. Este apresenta um tipo de pasta, P48, que só difere do tipo P49 pela cor. Os tipos de pasta deste grupo só se registaram aqui.

Peça	Pasta	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
SILV. 2-OR./C5-3	P49	esmalte	pintura a verde e manganês
SILV. 2-OR./C5-21			
SILV. 2-OR./C5-10	P41	aguada	pintura monocroma
SILV. 2-OR./C5-11	P48		pintura monocroma e incisão

Quadro 116 - Caracterização global do Grupo 23

4.24 GRUPO 24

4.24.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 24 também foram recolhidas no lado Oriental da Torre Albarrã de Silves e provêm da Camada 4 (Gomes, 2006, 56-58 e 68). Esta camada depositou-se sobre a Camada 5 e aparentemente formou-se encostada à Torre Albarrã. (idem, 57, fig. 1.51). O Grupo 24 é pois, estratigraficamente posterior ao Grupo 23. O processo de formação da Camada 4 é aparentemente parecido ao da Camada 5. Não resulta do despejo de resíduos domésticos, como o reduzido número de fragmentos cerâmicos recuperados, 20 fragmentos na Camada 4 do lado Ocidental (cf. quadro 1.II), demonstra a sua formação, resultado de acumulação de sedimentos contra a Torre Albarrã, terá sido lenta. Os materiais arqueológicos provenientes desta camada estarão com maior probabilidade em contexto secundário de deposição.

A Camada 4 forneceu 13 fragmentos de jarros/jarras (idem, 68, Quadro 2.II), que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogadas 3 fragmentos, ou seja 23%, que formam o Grupo 24.

4.24.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 24 apresenta três peças que permitem reconstituição parcial de forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
SILV. 2-OR./C4-1	homogénea	grão fino e médio	castanho-escuro	oxidante		castanho-escuro	aguada	cinzento alaranjado escuro
SILV. 2-OR./C4-4	homogénea	grão fino e médio	laranja avermelhado escuro	oxidante		laranja avermelhado escuro	aguada	cinzento escuro*
SILV. 2-OR./C4-5	homogénea	grão fino, médio e grosseiro	castanho pálido	oxidante		castanho pálido	aguada	castanho pálido

Quadro 117 - Caracterização dos fabricos do Grupo 24

	Peça	SILV. 2-OR./C4-1	SILV. 2-OR./C4-4	SILV. 2-OR./C4-5
	alt.			
Perfil	diâm.	102 mm, b	76 mm, m	80 mm, m
	Tipo	descontínuo	indefinido	indefinido
	Lábio	direito	ausente	ausente
	Bordo	divergente, espessado externamente, secção triangular	ausente	ausente
	Colo	vertical, direito	vertical, ligeiramente convexo	vertical, ligeiramente convexo
	Bojo	indefinido, convexo, com ligeira carena na ligação ao colo	ausente	ausente
	Fundo	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente	ausente

Quadro 118 - Caracterização morfológica do Grupo 24

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
SILV. 2-OR./C4-1	pintura a branco	SE: bordo	alinhamento de pequenos traços verticais
		SE: colo	banda horizontal imediatamente sob o bordo
		SE: bojo	duas bandas horizontais, estando a superior imediatamente abaixo do colo; entre as bandas alinhamento de traços verticais, agrupados aos pares
SILV. 2-OR./C4-4	pintura a branco	SE: bojo	série de losangos, divididos ao meio por uma banda vertical, o interior de cada metade encontra-se preenchido por dois triângulos concêntricos; os triângulos não são simétricos: por baixo é visível banda horizontal
SILV. 2-OR./C4-5	incisão	SE: bojo	quatro linhas horizontais e paralelas
	pintura a branco		sobre as linhas incisas grupo de linhas verticais e alinhamento vertical de linhas oblíquas

Quadro 119 - Caracterização da decoração do Grupo 24

Cada peça deste grupo apresenta um tipo de pasta diferente. As pastas P20 e P23 só se distinguem pela cor, enquanto a pasta P25 distingue-se das outras duas não só pela cor, como pela presença de elementos não plásticos grosseiros. Todos os exemplares apresentam superfícies com aguada e pintura monocroma. Um deles além da pintura monocroma, também se encontra decorado com incisão.

A pasta P20 também foi reconhecida no Grupo 5, a pasta P23 também foi identificada nos Grupos 1, 5 e 6, mas a pasta P25 só se reconheceu neste grupo.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
SILV. 2-OR./C4-1	P20	SB ∞ .1.i2C. ∞ .242	aguada	pintura monocroma
SILV. 2-OR./C4-4	P23	SB ∞ .2. ∞ . ∞ . ∞ .		
SILV. 2-OR./C4-5	P25	SB ∞ .2. ∞ . ∞ . ∞ .		pintura monocroma e incisão

Quadro 120 - Caracterização global do Grupo 24

4.25 GRUPO 25

4.25.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 25 foi recolhidas no Nível 4, canalização que atravessa o Compartimento O (quadrado Q6) do Castelo Velho de Alcoutim (CNS 2649), “sob a camada argilosa que caracterizava o solo de ocupação” (Catarino, 1997-1998, 330). Este compartimento seria uma latrina, como o buraco na canalização indica. A formação deste nível deve resultar do uso da canalização, que servia para escoar não só os dejectos da latrina, como de outros compartimentos deste povoado. Como durante a sua vida útil a canalização terá provavelmente sido objecto de limpeza, este nível formou-se nos últimos momentos de utilização deste esgoto. Assim deverá integrar materiais contemporâneos a esses últimos momentos.

Este fragmento, atribuído ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1048), é o único exemplar do Nível 4 do Compartimento O integrável no grupo *barrada/šurayba*.

4.25.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 25 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes plásticos não	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q6-4-22	muito homogénea	grão fino	rosa pardo	oxidante	alisada	bege	alisada	bege

Quadro 121 - Caracterização dos fabricos do Grupo 25

Perfil	Peça	Q6-4-22
	alt.	
	diâm.	150 mm
	Tipo	indefinido
	Lábio	bisel
	Bordo	obliquo, direito sobre rebordo divergente e convexo
	Colo	indefinido
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 122 - Caracterização morfológica do Grupo 25

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q6-4-22	pintura monocroma	SE: bordo	bandas transversais sobre o lábio

Quadro 123 - Caracterização da decoração do Grupo 25

O mesmo tipo de pasta identificado neste grupo foi também identificado no Grupo 2, mas com diferente tratamento de superfície e técnica decorativa.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q6-4-22	P45	BŠ∞.i1.∞.∞.510R2	alisamento	pintura monocroma

Quadro 124 - Caracterização global do Grupo 25

4.26 GRUPO 26

4.26.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 26 foram recolhidas no Nível 4, quadrados Q2 e R2, no interior do canto Nordeste da muralha interna do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 341 – 342). Este nível “assenta directamente sobre os topos dos muros da fase mais antiga, é bastante homogéneo, com terra e argila compactada” e “continha pequenas lascas de xisto e telhas muito trituradas” (idem, 342). Sobre este nível construíram-se os muros da segunda fase de ocupação (idem, 1094, Est. VIII.3). Este nível forma o primeiro pavimento do Compartimento P da segunda fase de ocupação, e serviu para regularizar o solo após desmoronamento ou desmontagem das estruturas da fase mais antiga. Os materiais que o integram podem ser contemporâneos deste pavimento, integrando-o no momento da sua construção, ou podem ser materiais mais antigos, que teriam a mesma origem dos sedimentos usados na construção do pavimento.

No Compartimento P, o Nível 4 forneceu 5 peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1048), peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*²¹. Desta população foram catalogadas 2 peças, ou seja 40%, que formam o Grupo 26.

4.26.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 26 apresenta duas peças, que permitirem reconstituição parcial da forma, mas uma delas, que se encontra ilustrada (Q2-4-52), não é descrita no Inventário de Cerâmicas (idem, 1048), e portanto só é possível descrever a forma e técnica decorativa desta peça. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

²¹ Os números apresentados para o Castelo Velho de Alcoutim, o Castelo das Relíquias e o Castelo de Salir, baseiam-se no Inventário de Cerâmicas, apresentado na obra da Prof. Dr.^a Helena Catarino (1997-98, 1033 – 1087). Apesar de alguns indícios contrários (cf. infra) considerou-se que este inventário considerava todo o conjunto cerâmico recolhido até à data do trabalho.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
R2-4-44	muito homogénea	grão fino e médio	amarelo rosado pardo	oxidante	alisada	amarelo rosado pardo	alisada	amarelo rosado pardo

Quadro 125 - Caracterização dos fabricos do Grupo 26

Perfil	Peça	Q2-4-52	R2-4-44
	alt.		
	diâm.		110 mm, b
	Tipo	continuo	indefinido
	Lábio	ausente	biselado
	Bordo	ausente	divergente, direito
	Colo	ausente	divergente, direito
	Bojo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro	ausente
	Fundo	plano	ausente
	Base	divergente, ligeiramente convexo	ausente
	Asa	ausente	ausente

Quadro 126 - Caracterização morfológica do Grupo 26

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q2-4-52	canelura	SE: bojo	quatro sulcos horizontais
R2-4-44	pintura monocroma	SE: colo	séries de bandas e traços

Quadro 127 - Caracterização da decoração do Grupo 26

O único tipo de pasta identificado neste grupo também foi reconhecido no Grupo 21.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q2-4-52	sem informação	BŠ _{∞.∞.84.0.∞}	sem informação	canelura
R2-4-44	P47	BŠ _{∞.4.∞.∞.210}	alisamento	pintura monocroma

Quadro 128 - Caracterização global do Grupo 26

4.27 GRUPO 27

4.27.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 27 foi recolhida no Nível 3, quadrado J5, no interior do Compartimento A do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 324 – 326). Os materiais arqueológicos atribuídos ao Nível 3 foram identificados “sobre o solo do *habitat*, dividido em duas subcamadas (3a e 3b)” (idem, 324). A divisão das subcamadas deve-se á presença de lareiras, integradas no Nível 3, a profundidades diferentes. Assim a subcamada 3a refere-se às “terras que de um modo geral, se acumularam em todos os quadrados após o abandono”, e a subcamada 3b nomeia a “área de envolve as estruturas de lareira” e que integra as cinzas provenientes destas (idem, 340)²². Os materiais arqueológicos não são referidos a estas subcamadas, mas unicamente ao Nível 3.

Estas lareiras localizavam-se sobre “um solo de terra batida” (idem, 325), encontrando-se a Lareira 2 a uma cota mais profunda do que a Lareira 1 (idem, 326). Esta diferença topográfica dever-se-á a um

²² No entanto as duas amostras retiradas das lareiras deste compartimento são referidas a subcamadas diferentes: a amostra proveniente da Lareira 1 é referida ao Nível 3a (idem, 325) e a amostra proveniente da Lareira 2 é referida ao Nível 3b (idem, 326).

desnível da superfície do referido solo de terra batida, com diferenças de “altimetria variando ente os 20 e 30 cm” (idem, 324).

Face à informação disponível, presume-se a existência de um pavimento no Compartimento A, de terra batida, onde se terá construído a Lareira 1, sobre a qual havia “muito poucos fragmentos cerâmicos” (idem, 325), e a Lareira 2, construída numa fossa escavada na rocha de base, no interior da qual se recuperaram restos alimentares e fragmentos cerâmicos e que foi selado com “uma espessa camada de telhas e restos de rebocos de cal” (idem, 326).

Por cima do mesmo pavimento estariam depositados os materiais arqueológicos exumados no Nível 3, deixados aquando do abandono deste compartimento. O Nível 3 ter-se-á formado integrando as cinzas provenientes da últimas utilizações destas lareiras, subcamada 3b, sobre o pavimento, as lareiras e os materiais arqueológicos. A peça que forma o grupo 27 encontrava-se junto à Lareira 2 (idem, Est. V).

No Compartimento A, o Nível 3 forneceu 2 peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1042), peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foi catalogada uma peça, ou seja 50%, que forma o Grupo 27.

4.27.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

De cada uma das lareiras foi retirada uma amostra de madeira carbonizada que forneceu datação por radiocarbono, com os seguintes intervalos calibrados a dois sigma (idem, 325-326):

- Lareira 1, ICN-1009, 449-445 (sic)²³, 499-525, 530-661 cal. d. C.
- Lareira 2, ICN-1010, 656 – 891 cal. d. C.

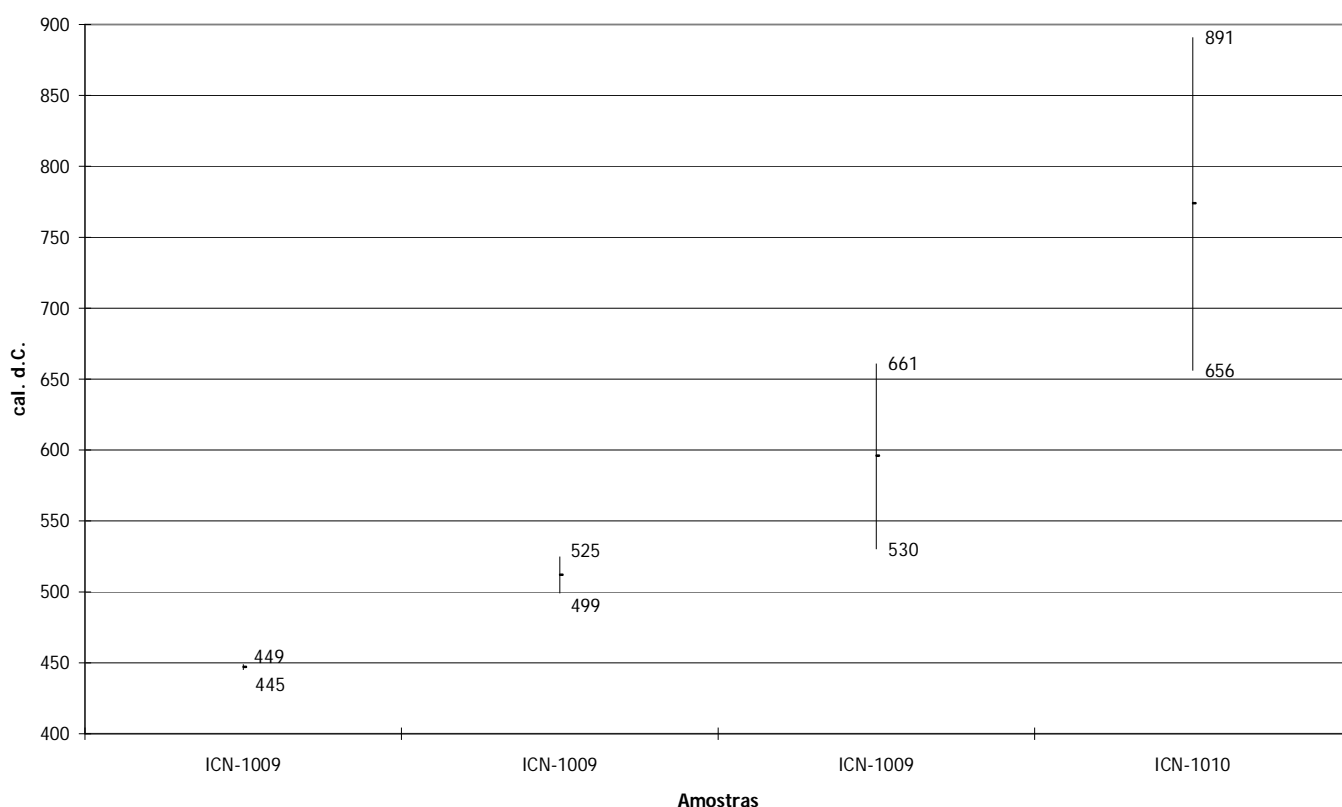


Gráfico 3 - Datações por radiocarbono (C14) obtidas das amostras provenientes do Nivel 3, Compartimento A do Castelo Velho de Alcoutim, calibradas a dois sigma

²³ Presume-se que se trata de um engano na ordem das datas.

A calibração da data fornecida pela amostra da Lareira 1 fornece três intervalos distintos, mas consecutivos. Assim o espécimen em questão pode ter morrido em meados do séc. V, no primeiro quartel do séc. VI, ou em qualquer momento entre 530 e 661 cal. d. C. Todos estes intervalos são anteriores ao intervalo fornecido pela amostra da Lareira 2. A amostra da Lareira 2 é um espécimen que morreu entre 656 e 891 cal. d. C., o que perfaz um intervalo de 235 anos. Os intervalos das duas amostras coincidem unicamente entre 656 e 661, ou seja no limite superior da amostra ICN-1009 e no limite inferior da amostra ICN-1010.

A última combustão destas lareiras utilizou, no caso da Lareira 1, um espécimen que terá morrido entre 445 e 661 cal. d. C., e no caso da Lareira 2, um espécimen que terá morrido entre 556 e 891. A presença de cerâmica islâmica associada a estas lareiras (idem, 326) torna a amostra ICN-1009 inutilizável para datar a última combustão da Lareira 1, já que essa madeira morreu antes da data da conquista islâmica, 711. Ou seja na Lareira 1 foi usada lenha muito antiga (idem, 325). Por outro lado a ocorrência de cerâmica islâmica associada à Lareira 2 (idem, 326) permite encurtar o limite inferior do intervalo fornecido pela amostra ICN-1010 para 711, reduzindo o intervalo cronológico para 180 anos. Assim esta datação informa que a última combustão da Lareira 2 se deu após 711, mas que poderá ser posterior a 891 cal. d. C. O que permite considerar que se situará em algum momento do séc. VIII ou IX. Assim a última ocupação do Compartimento A terá sido no séc. VIII ou IX, o que também data os materiais do Nível 3 neste compartimento.

4.27.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 27 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
J5-3-61	homogénea	grão fino e médio	castanho alaranjado	oxidante	rugosa	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 129 - Caracterização dos fabricos do Grupo 27

Perfil	Peça	J5-3-61
	alt.	
	diâm.	98 mm, b
	Tipo	indefinido
	Lábio	bisel
	Bordo	vertical, direito
	Colo	vertical, direito
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 130 - Caracterização morfológica do Grupo 27

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
J5-3-61	canelura	SE: colo	três sulcos horizontais

Quadro 131 - Caracterização da decoração do Grupo 27

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
J5-3-61	P22	B ∞ .1. ∞ . ∞ .110	alisamento	canelura

Quadro 132 - Caracterização global do Grupo 27

4.28 GRUPO 28

4.28.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 28 foi recolhidas no Nível 3, quadrado K4, no interior do Compartimento C do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 320 – 321). Aparentemente o Nível 3, “camada do momento de abandono” (idem, 339) depositou-se aqui sobre os “restos de um pavimento de ladrilhos” (idem, 320). Apesar de não ser explicitamente referido, presume-se que este pavimento terá sido construído sobre o Nível 4. Aqui o Nível 3 também incorporou cerâmicas em conexão que foram abandonadas sobre o Compartimento C (idem, 321), ou seja em contexto de utilização.

No Compartimento C, o Nível 3 forneceu uma peça atribuída ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos e outra atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1041), num total de 3 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Uma foi catalogada só uma peça desta população, ou seja 33,3%, que forma o Grupo 28. Esta peça encontrava-se junto à parede Norte do compartimento, ao lado da porta de acesso ao Compartimento A (idem, Est. V).

4.28.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 28 é formado por uma única peça, sem decoração. O fabrico e morfologia da mesma são caracterizados nos dois quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
K4-3-15	homogénea	grão fino	castanho rosado	oxidante	rugosa	castanho rosado	rugosa	castanho rosado

Quadro 133 - Caracterização dos fabricos do Grupo 28

Perfil	Peça	K4-3-15
	alt.	
	diâm.	76 mm, f
	Tipo	continuo
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	vertical, concavo
	Bojo	ligeiramente divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro
	Fundo	plano
	Base	divergente, direito
	Asa	indefinido, secção oval [indefinido, meio do bojo]

Quadro 134 - Caracterização morfológica do Grupo 28

O tipo de pasta identificado neste grupo também se registou nos Grupos 5 e 24.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
K4-3-15	P20	BŠ∞.3.84.0.∞	rugosa	sem decoração

Quadro 135 - Caracterização global do Grupo 28

4.29 GRUPO 29

4.29.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 29 foram recolhidas no Nível 3, quadrados K3, L4 e M3, no interior do Compartimento E do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 327). O Nível 3, “camada do momento de abandono” (idem, 339) também incorporou cerâmicas em conexão que foram abandonadas sobre o Compartimento E (idem, 327), ou seja em contexto de utilização. Presume-se que também aqui o Nível 3 se tenha depositado sobre um “solo de habitat”, o Nível 4 (idem, 340).

No Compartimento E, o Nível 3 forneceu 3 peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), uma peça atribuída ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos e outra atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1041-1042), num total de 5 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Foram catalogada 4 peças desta população, ou seja 80%, que formam o Grupo 29.

As peças K3-3-25 e K3-3-26 encontravam-se junto à parede Oeste do compartimento, a peça L4-3-39 localizava-se junto à parede Sul e a peça M3-3-54 situava-se junto da parede Norte (idem, Est. V)

4.29.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 29 apresenta quatro peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
K3-3-25	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	rugosa	castanho rosado	alisada	castanho rosado
K3-3-26	homogénea	grão fino	cinzento muito escuro	cozedura redutora com arrefecimento oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado
L4-3-39	homogénea	grão finíssimo	cinzento muito escuro	redutora	rugosa	castanho rosado	alisada	castanho rosado
M3-3-54	homogénea	grão fino e médio	castanho alaranjado	oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 136 - Caracterização dos fabricos do Grupo 29

	Peça	K3-3-25	K3-3-26	L4-3-39	M3-3-54
	alt.				
	diâm.	102 mm, b; 74 mm, f	104 mm, b	98 mm, f	105 mm, b; 95 mm, f
Perfil	Tipo	descontínuo	indefinido	indefinido	contínuo
	Lábio	direito	boleado	ausente	direito
	Bordo	vertical, direito	vertical, direito	ausente	vertical, direito
	Colo	divergente, direito	vertical, direito abaixo do bordo, divergente, concavo junto ao bojo	ausente	vertical abaixo do bordo, divergente acima do bojo, direito
	Bojo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro, com carena baixa	ausente	indefinido, convexo	vertical, convexo
	Fundo	concavo, irregular	ausente	plano	plano
	Base	divergente, direito	ausente	divergente, ligeiramente convexo	divergente, direita
	Asa	duas, verticais de perfil oval alargado e secção triangular [colo, bojo]	duas, verticais, perfil indefinido, secção oval, [bordo, indefinido]	indefinido, de secção oval, [indefinido; a meio do bojo]	duas, verticais, perfil semi-circular [bordo, meio do bojo]

Quadro 137 - Caracterização morfológica do Grupo 29

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
K3-3-25	sem decoração		
K3-3-26	canelura	SE: colo	Sulco horizontal
L4-3-39	sem decoração		
M3-3-54	pintura monocroma	SE: bordo	banda horizontal
		SE: colo	duas bandas horizontais
	incisão	SE: colo	uma incisão horizontal
		SE: bojo	uma incisão horizontal
	canelura	SE: colo	três sulcos horizontais

Quadro 138 - Caracterização da decoração do Grupo 29

Cada peça deste conjunto apresenta um tipo de pasta diferente. No entanto as pastas P20 e P22 só se distinguem pela cor. A pasta P20 foi também identificada nos Grupos 5, 24 e 28 e a pasta P22 foi identificada no Grupo 27. Por outro lado a pasta P5 não se registou em nenhum outro grupo.

Todas as peças mostram pelo menos uma superfície alisada, e a maioria não se encontra decorada. Numa única peça encontram-se associadas as três principais técnicas decorativas registadas nos conjuntos cerâmicos estudados: pintura monocroma, incisão, caneluras.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
K3-3-25	P20	BŞ2.4.84C.0.110	alisamento	sem decoração
L4-3-39	P5	BŞ∞.∞.i2.0.∞		
K3-3-26	P11	BŞ∞.19.∞.∞.110		canelura
M3-3-54	P22	BŞ2.14.2.0.110		pintura monocroma, incisão, caneluras

Quadro 139 - Caracterização global do Grupo 29

4.30 GRUPO 30

4.30.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 30 foram recolhidos no Nível 3, quadrados M3 e M4, no interior do Pátio L do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 323 – 324). O Nível 3, “camada do momento de abandono” (idem, 339) depositou-se aqui sobre o Nível 4 (idem, Est. VI), cuja superfície seria o “solo de habitat”, mas não integrava “materiais arqueológicos em conexão” (idem, 324).

No Pátio L, o Nível 3 forneceu 7 peças de atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1042-1044), peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/şurayba*. Desta população foram catalogados 3 peças, ou seja 42,8%, que formam o Grupo 30.

Não foi possível distinguir a localização das peças deste grupo na “Planta geral com localização dos recipientes cerâmicos e artefactos de metal” (idem, Est. V).

4.30.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 30 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
M3-3-108	homogénea	grão fino	bege	oxidante	alisada	bege	alisada	bege
M3-3-111	pouco homogénea	grão fino e médio	ocre muito escuro	oxidante	rugosa	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado
M4-3-170	muito homogénea	grão finíssimo	castanho rosado	oxidante	alisada	amarelo rosado pardo	alisada	amarelo rosado pardo

Quadro 140 - Caracterização dos fabricos do Grupo 30

	Peça	M3-3-108	M3-3-111	M4-3-170
	alt.			
Perfil	diâm.	80 mm, b	100 mm, b	80 mm, b
	Tipo	indefinido	indefinido	indefinido
	Lábio	direito	boleado	boleado
	Bordo	vertical, espessado internamente, secção triangular	vertical, direito	divergente, direito
	Colo	Divergente, direito	divergente, direito	divergente, direito
	Bojo	ausente	ausente	ausente
	Fundo	ausente	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente	ausente
	Asa	ausente	ausente	ausente

Quadro 141 - Caracterização morfológica do Grupo 30

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
M3-3-108	sem decoração		
M3-3-111	sem decoração		
M4-3-170	canelura	SE: colo	dois sulcos horizontais

Quadro 142 - Caracterização da decoração do Grupo 30

A pasta tipo P3 só foi identificadas neste grupo, enquanto a pasta P31 também se registou no Grupo 1. Já o tratamento de superfície e técnica decorativa características destes exemplares são comuns aos Grupos 25 e 27.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
M3-3-108	P15	BŠ∞.4.∞.∞.152	alisamento	sem decoração
M3-3-111	P3	BŠ∞.4.∞.∞.110		
M4-3-170	P31	BŠ∞.4.∞.∞.210		canelura

Quadro 143 - Caracterização global do Grupo 30

4.31 GRUPO 31

4.31.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 31 foi recolhidas no Nível 3, quadrado Q2, no interior do Compartimento P do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 331). O Compartimento P encontrava-se pavimentado, “junto da porta (...) com grandes lajes de xisto (...) e o resto do solo era de terra batida com características argilosas, sobre o qual se teriam colocado esteiras (...). Sobre este solo, havia uma lareira estruturada (...)” (idem, ibidem). O Nível 3, neste compartimento seria o “solo no momento de abandono, com abundante espólio, uma lareira, lajes junto da porta e terras compactas com coloração castanho claro” (idem, 342).

Esta informação permite pressupor que o Nível 4 (cf. Grupo 26) seria o solo sobre o qual se construiu a lareira e que foi coberto de esteiras. Sobre esta superfície e as estruturas e artefactos nela largados, após abandono, formou-se o Nível 3 (idem, 1094, Est. VIII.3), que incorporou os referidos materiais. Estes foram recuperados em contexto de utilização, e reflectem o conjunto em uso no último momento de ocupação deste compartimento. O Grupo 31 é estratigraficamente posterior ao Grupo 26.

No Compartimento P, o Nível 3 forneceu 2 peças atribuídas ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1046), peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foi catalogado uma peça, ou seja 50%, que forma o Grupo 31. Esta peça encontrava-se junto à muralha, mais ou menos a meio do compartimento P (idem, Est. V).

4.31.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 31 é formado por uma única peça, sem decoração. O fabrico e morfologia da mesma são caracterizados nos dois quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q2-3-290	homogénea	grão fino e médio	castanho alaranjado	oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 144 - Caracterização dos fabricos do Grupo 31

Perfil	Peça	Q2-3-290
	alt.	
	diâm.	90 mm, b.
	Tipo	indefinido
	Lábio	direito
	Bordo	horizontal, direito
	Colo	vertical, direito
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 145 - Caracterização morfológica do Grupo 31

O tipo de pasta identificado neste grupo também se encontra nos Grupos 27 e 29.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q2-3-290	P22	BŠ∞.1.∞.∞.410	alisamento	sem decoração

Quadro 146 - Caracterização global do Grupo 31

4.32 GRUPO 32

4.32.1 ORIGEM DO CONJUNTO

O Grupo 32 é formado por duas peças recolhidas no Nível 3, no interior do Compartimento S do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 333 – 334). No entanto uma das peças integra fragmento proveniente do Pátio Q (idem, 376), com o qual aquele compartimento comunica por porta na parede Oeste.

O Nível 3, “camada do momento de abandono” (idem, 339) depositou-se sobre o Nível 4 (idem, 334), onde foi construída uma lareira, junto à parede Oeste (idem, 333). Neste compartimento o Nível 3 incorporou um grande conjunto de espólio arqueológico, incluindo cerâmicas em conexão. Este conjunto encontrava-se portanto, em contexto de utilização, e reflecte o “conjunto vivo” em uso no último momento de ocupação deste compartimento.

No Compartimento S, o Nível 3 forneceu uma peça atribuída ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), duas peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos, e outra atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1046-1047), num total de quatro peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogada duas peças, ou seja 50%, que formam o Grupo 32. A peça R3-3-306 encontrava-se junto à lareira, que encostava à parede Oeste (idem, Est. V), parte da peça R3-3-308/Q3-3-270 encontrava-se junto à parede Este do compartimento S e a outra parte no Pátio Q, junto da parede Oeste do Compartimento S.

4.32.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 32 apresenta duas peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
R3-3-306	muito homogénea	grão finíssimo	bege	oxidante	alisada	bege	alisada	bege
R3-3-308 / Q3-3-270	muito homogénea	grão finíssimo	amarelo rosado pardo	oxidante	alisada	bege	engobe	bege

Quadro 147 - Caracterização dos fabricos do Grupo 32

Perfil	Peça	R3-3-306	R3-3-308 / Q3-3-270
	alt.		
	diâm.	110 mm, b; 85 mm, f	100 mm, b
	Tipo	continuo	descontinuo
	Lábio	bisel	bisel
	Bordo	vertical, concavo	divergente, estreitado internamente
	Colo	vertical, concavo	divergente, direito
	Bojo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro	ombro convergente e convexo
	Fundo	ligeiramente concavo e irregular	ausente
	Base	divergente, convexa	ausente
	Asa	duas, verticais, perfil semicircular, secção ovóide [colo, abaixo do bordo; a meio do bojo]	ausente

Quadro 148 - Caracterização morfológica do Grupo 32

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
R3-3-306	pintura monocroma	SE: bojo	séries de bandas e traços de pintura a cru
	canelura		cinco sulcos horizontais
R3-3-308 / Q3-3-270	corda seca parcial	SE: colo	duas bandas horizontais e paralelas com decoração fitomórfica
		SE: bojo	uma banda com decoração fitomórfica

Quadro 149 - Caracterização da decoração do Grupo 32

Os tipos de pasta das peças deste grupo só diferem quanto à cor. No entanto estas peças apresentam, sobre superfícies alisadas, técnicas bastante diferentes de decoração, pintura monocroma associada a caneluras e corda seca parcial. A pasta P34 foi também identificada nos Grupos 1, 4 e 9 e a pasta P35 foi identificada nos Grupos 2, 5, 10, 11, 12 e 13.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
R3-3-306	P35	BŠ2.3.84.0.130	alisamento	pintura monocroma e caneluras
R3-3-308 / Q3-3-270	P34	BŠ∞.4.8∞.∞.270	alisamento / engobe	corda seca parcial

Quadro 150 - Caracterização global do Grupo 32

4.33 GRUPO 33

4.33.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 33 foi recolhida no Nível 1, no quadrado Q6 do castelo Velho de Alcoutim, que abarca o Compartmento O e parcialmente a divisão que se encontra entre aquele compartimento e a Cisterna (Catarino, 1997-1998, 339 e Est. IV). O Nível 1 “corresponde aos entulhos provocados pelos derrubes das muralhas e das estruturas habitacionais”, e resulta portanto de um longo processo de formação. No interior dos compartimentos o Nível 1 cobriu a o Nível 2, “derrube dos telhados”, que por sua vez cobriu o Nível 3, “camada de abandono” (idem, 339). Como no Compartmento O, o Nível 3 cobria a canalização de onde é originário o Grupo 25, este é estratigraficamente anterior ao Grupo 33.

Os materiais que integram o Nível 1, que resultou do derrube das estruturas, podem ter várias proveniências. Poderão eventualmente ter integrado o Nível 1, enquanto este se estava a formar, resultando de uma ocupação esporádica deste espaço durante o intervalo de tempo em que as estruturas ruíram. Neste caso estão em contexto primário de deposição e a são contemporâneos da formação do Nível 1.

Poderão ter a mesma origem dos outros constituintes do Nível 1, as paredes e muralhas do castelo, no caso de estarem originalmente acondicionados naquelas estruturas, como a presença de vestígios de armários sugere (idem, 334) ou no interior de algum piso superior (idem, 316). Neste caso os materiais estão em contexto primário de deposição e são contemporâneos à última ocupação dos compartimentos de origem, anterior à formação do Nível 1.

Podem ainda ser materiais residuais, provenientes dos níveis subjacentes, ou intrusivos, originalmente depositados sobre a superfície do Nível 1, que por um algum processo pós-deposicional não identificado, como por exemplo, a presença de raízes, integraram o Nível 1. Neste caso tanto podem ser posteriores como anteriores à formação deste nível.

O facto da maioria dos materiais recolhidos no Nível 1 se encontrarem “na transição para a camada 2” (idem, 339) sugere que estes materiais não sejam intrusivos, nem tenham tido origem numa ocupação esporádica do sítio após o abandono. A melhor hipótese é a que estes materiais tenham estado acondicionados nas paredes ou em algum piso superior, provavelmente na torre interna adjacente ao Compartmento O. Estes materiais serão portanto contemporâneos da última utilização dos compartimentos confinantes ao local onde foram recuperados.

No quadrado Q6, o Nível 3 forneceu duas peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1041), que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população, foi catalogada uma peça, ou seja 50%, que forma o Grupo 33.

4.33.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 33 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q6-1b-126	homogénea	grão fino	castanho alaranjado	oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 151 - Caracterização dos fabricos do Grupo 33

Perfil	Peça	Q6-1b-126
	alt.	
	diâm.	90 mm, b
	Tipo	indeterminado
	Lábio	boleado
	Bordo	divergente, direito
	Colo	vertical, direito
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 152 - Caracterização morfológica do Grupo 33

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q6-1b-126	canelura	SE: colo	três sulcos horizontais

Quadro 153 - Caracterização da decoração do Grupo 33

O tipo de pasta identificada neste grupo foi também reconhecido no Grupo 3.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q6-1b-126	P14	BŠ∞,1.∞.∞.210	alisamento	canelura

Quadro 154 - Caracterização global do Grupo 33

4.34 GRUPO 34

4.34.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 34 foram recolhidas no Nível 1 do quadrado Q4, que se localiza no interior do Compartmento R do Castelo Velho de Alcoutim. Neste compartimento o Nível 1 é também formado por entulhos resultantes do derrube de estruturas adjacentes, e os materiais arqueológicos que o integravam, pelos mesmos motivos discutidos no ponto anterior, terão origem nas paredes envolventes ou no piso superior do compartimento T, que se encontra imediatamente a Este (Catarino, 1997-1998, 333). Estes materiais serão portanto contemporâneos da última utilização dos compartimentos nas imediações do local onde foram recuperados.

No quadrado Q4, o Nível 1 forneceu uma peça atribuída ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas) e duas peças atribuídas ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1040), num total de 3 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população, duas peças (66,7%) foram catalogada e formam o Grupo 34.

4.34.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 29 apresenta duas peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
Q4-1b-151	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho rosado	alisada	castanho rosado
Q4-1b-161	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho rosado	engobe	ocre muito escuro

Quadro 155 - Caracterização dos fabricos do Grupo 34

Perfil	Peça	Q4-1b-151	Q4-1b-161
	alt.		
	diâm.	90 mm, b; 74 mm, f	
	Tipo	descontínuo	contínuo
	Lábio	boleado	ausente
	Bordo	convergente, direito	ausente
	Colo	divergente, convexo	ausente
	Bojo	Divergente e direito em baixo, convergente e direito no ombro, com carena	vertical, convexo
	Fundo	plano	ausente
	Base	divergente, direito	ausente
	Asa	vertical, de perfil semicircular e secção ovóide [colo abaixo do bordo, a meio do bojo]	ausente

Quadro 156 - Caracterização morfológica do Grupo 34

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
Q4-1b-151	canelura	SE: colo	Sulco horizontal abaixo do bordo e na ligação ao bojo
Q4-1b-161	pintura monocroma	SE: bojo	quatro bandas horizontais e paralelas entre o ponto de inflexão com o colo e o diâmetro máximo; entre a primeira e segunda banda observa-se linhas onduladas; entre a segunda e a terceira banda desenharam-se conjuntos de reticulados formados por linhas oblíquas

Quadro 157 - Caracterização da decoração do Grupo 34

Todas as peças deste grupos foram fabricadas com o mesmo tipo de pasta, P20, que também foi reconhecido nos Grupos 5, 24, 28 e 29 e apresentam superfícies alisadas, com a particularidade, numa delas, da superfície interna ter recebido camada de engobe. A pintura monocroma e canelura são as técnicas decorativas presentes neste grupo.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
Q4-1b-151	P20	BŠ2.5.74C.0.310	alisamento	canelura
Q4-1b-161		BŠ∞,∞.2.∞,∞	alisamento e engobe	pintura monocroma

Quadro 158 - Caracterização global do Grupo 34

4.35 GRUPO 35

4.35.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 35 foi recolhidas no Nível 1 do quadrado R3, que abarca o Compartmento S e parte do pano de muralha Este do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 333 – 334). Nesta divisão o Nível 1, entulhos provocados pela ruína das paredes envolventes, também cobriria o Nível 2, derrube do telhado, que estava por cima do Nível 3, camada formada após o abandono do compartimento (idem, 339). Portanto o Grupo 35 é estratigraficamente posterior ao Grupo 32.

No entanto, neste compartimento o Nível 1 é também formado por entulhos resultantes do derrube de estruturas adjacentes, e os materiais arqueológicos que o integravam, pelos mesmos motivos discutidos no ponto 3.33.1, terão origem nas paredes envolventes ou no piso superior do compartimento T, que se encontra imediatamente a Sul (Catarino, 1997-1998, 333). Estes materiais serão portanto contemporâneos da última utilização dos compartimentos nas imediações do local onde foram recuperados.

No quadrado R3, o Nível 1 forneceu duas peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1038), que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foi catalogada uma peça, ou seja 50%, que forma o Grupo 35.

4.35.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 35 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
R3-1b-71	homogénea	grão fino e médio	castanho alaranjado	oxidante	alisada	ocre muito escuro	alisada	ocre muito escuro

Quadro 159 - Caracterização dos fabricos do Grupo 35

Perfil	Peça	R3-1b-71
	alt.	
	diâm.	110 mm
	Tipo	indefinido
	Lábio	boleado
	Bordo	vertical, direito
	Colo	vertical, direito
	Bojo	ausente
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 160 - Caracterização morfológica do Grupo 35

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
R3-1b-71	canelura	SE: colo	cinco sulcos horizontais

Quadro 161 - Caracterização da decoração do Grupo 35

O tipo de pasta identificado neste grupo foi também registado nos Grupos 27, 29 e 31.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
R3-1b-71	P22	BŠ∞.1.∞.∞.110	alisamento	canelura

Quadro 162 - Caracterização global do Grupo 35

4.36 GRUPO 36

4.36.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 36 foram recolhidas no Nível 3, quadrados F19 e F20 da Sondagem 2, no interior e exterior da Casa 3 do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997-1998, 344). A peça F19-3-44 foi retirada do interior da Casa 3, enquanto a peça F20-3-3 localizava-se no “exterior junto da porta” (idem, ibidem).

O Nível 3, “ fina camada de terra argilosa, com 10 a 20 cm” depositou-se aqui sobre o Nível 4a, “solo de habitat (...), fina camada de barro compactado” (idem, 345). Não é referido se este pavimento terá sido construído sobre o Nível 4. Presume-se, face à informação disponível, que o Nível 3 se tenha formado devido à acumulação de detritos após o abandono da casa, já que integra recipientes cerâmicos quase completos e por encontrar por baixo do Nível 2, “camada com derrube de telhas” (idem, ibidem).

Na Casa 3, o Nível 3 forneceu uma peça atribuída ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1052), que potencialmente se integra no grupo *barrada/šurayba*. Esta peça encontra-se catalogada e foi incluída no Grupo 36. Na área do quadrado F20 que abarca a rua a Norte da Casa 3 recolheram-se quatro peças também atribuídas ao tipo 9. Foi catalogada uma destas quatro peças, ou seja 25%, que também integrou o Grupo 36.

4.36.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 36 apresenta duas peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F19-3-44	muito homogénea	grão finíssimo	castanho rosado	oxidante	rugosas	ocre muito escuro	alisada	ocre muito escuro
F20-3-3	homogénea	grão fino e médio	laranja acinzentado escuro	oxidante	alisada	ocre muito escuro	alisada	ocre muito escuro

Quadro 163 - Caracterização dos fabricos do Grupo 36

	Peça	F19-3-44	F20-3-3
	alt.		
Perfil	diâm.	96 mm, b	90 mm, b; 80 mm, f
	Tipo	indefinido	descontínuo
	Lábio	boleado	biselado
	Bordo	divergente, direito	obliquo, direito
	Colo	convergente, direito	divergente, direito
	Bojo	ausente	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro
	Fundo	ausente	ligeiramente concavo
	Base	ausente	divergente, direita
	Asa	duas, verticais, perfil indefinido e secção circular [colo, indefinido]	duas, verticais, perfil indefinido e secção circular [colo abaixo do bordo, a meio do bojo]

Quadro 164 - Caracterização morfológica do Grupo 36

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
F19-3-44	sem decoração		
F20-3-3	canelura	SE: bojo	sulco horizontal à altura do diâmetro máximo

Quadro 165 - Caracterização da decoração do Grupo 36

As duas peças deste grupo foram fabricadas com tipos diferentes pastas, mas ambas apresentam as superfícies alisadas. Só uma peça se encontra decorada, com caneluras. O tipo de pasta P31 também foi identificada nos Grupos 1 e 30.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F19-3-44	P31	BŠ∞.7.∞.∞.210	alisamento	sem decoração
F20-3-3	P2	BŠ2.4.84.0.510		caneluras

Quadro 166 - Caracterização global do Grupo 36

4.37 GRUPO 37

4.37.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 37 foi recolhida no Nível 6, quadrado F13, no interior do Compartimento A do Castelo das Relíquias (Catarino, 1997-1998, 411 – 414, 418, 1062, 1159. Est. LXXV). O Nível 6, formado sobre o Nível 7, “camada sobre rocha, para nivelamento do solo” (idem, 417), foi dividido no Nível 6a, “apresentava terras misturadas com cinzas e carvões”, e que integrava “um conjunto muito homogéneo de peças cerâmicas” e no Nível 6b, “mancha de cinzas e carvões” (idem, ibidem). O Nível 6 foi selado “pelos derrubes de um telhado” (idem, 413), o Nível 5. O Nível 6 formou-se portanto após o abandono do compartimento e antes do derrube do telhado, tendo integrado os artefactos usados neste compartimento, no momento anterior ao abandono. As cinzas presentes no Nível 6, já que existe um local de maior concentração das mesmas, Nível 6b, podem resultar de uma lareira não estruturada, feita directamente sobre o solo.

No Compartimento A, o Nível 6 forneceu uma peça atribuída ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), seis peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos e outra atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1062), num total de 8 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Destas população foi catalogada uma peça, ou seja 12,5%, que forma o Grupo 37.

4.37.2 INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA

Do Nível 6b do Compartimento A foi recolhida uma amostra de madeira carbonizada (idem, 413 e 418), que forneceu, através de análise de radiocarbono, a seguinte datação, calibrada a dois sigma:

- ICN 1008, 664 – 889 cal. d.C.

Esta cronologia informa-nos que um espécimen usado na presumível lareira do Compartimento A morreu entre 664 e 889 cal. d.C., ou seja num qualquer momento ao longo da segunda metade do séc. VII e dos sécs. VIII e IX, tendo sido depois usado na referida lareira. Esse uso, tendo em conta a presença de cerâmicas islâmicas no Nível 6 só poderá ser posterior a 711. É portanto admissível que a combustão da lareira que usou este espécimen se terá dado ao longo do séc. VIII ou IX. Os materiais arqueológicos encontrados no Nível 6 serão contemporâneos da referida combustão.

4.37.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 37 é formado por uma única peça, sem decoração. O fabrico e morfologia da mesma são caracterizados nos dois quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F13-6-11	pouco homogénea	grão médio e grosso	cinzento muito escuro	reduzida com arrefecimento oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 167 - Caracterização dos fabricos do Grupo 37

Perfil	Peça	F13-6-11
	alt.	
	diâm.	80 mm, f
	Tipo	contínuo
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	ausente
	Bojo	divergente e concavo em baixo, convexo e convergente no ombro
	Fundo	plano
	Base	convergente, direita
	Asa	duas, verticais, perfil indefinido e secção oval [indefinido; bojo]

Quadro 168 - Caracterização morfológica do Grupo 37

O tipo de pasta deste grupo não foi registado em nenhum outro conjunto.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F13-6-11	P4	BŠ∞.∞.86.0.∞	alisamento	sem decoração

Quadro 169 - Caracterização global do Grupo 37

4.38 GRUPO 38

4.38.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 38 foi recolhidas no Nível 3, quadrado F14, no interior do Compartmento A do Castelo das Relíquias (CNS 765, Catarino, 1997-1998, 411 – 414, 418, 1057, 1159, Est. LXXV). O Nível 3, neste compartimento, formou-se sobre o Nível 4, “camada de derrubes”, que por sua vez cobria o Nível 5, os derrubes do telhado que selavam o Nível 6 (idem, 418). Assim o Grupo 38 é estratigraficamente posterior ao Grupo 37. Sobre o Nível 4 foi construído um novo muro que substituiu no Compartmento A, a parede Sudoeste da anterior fase de ocupação (idem, 414 e 1159, Est. LXXV). O Nível 3, “terras compactas e argilosas, com alguns fragmentos de telha e ladrilhos, misturados com cerâmica”, depositou-se no Compartmento A, imediatamente, sobre a camada de entulhos, sem que se tivesse identificado um pavimento entre ambos. A superfície deste nível inclina de Norte para Sul (idem, 1159, Est. LXXV), como se resultasse de despejos com origem a Norte do Compartmento A. Não há pois indícios de que após o seu entulhamento (Níveis 4 e 5), o compartimento A continuasse em uso. O Nível 3 ter-se-á formado com materiais e sedimentos provenientes de uma qualquer actividade a Norte do Compartmento A, que terá decorrido após o referido entulhamento. O Compartmento A, após o seu abandono e ruína poderá ter servido como zona de despejos.

No Compartmento A, o Nível 3 forneceu três peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), seis peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos e uma atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1057), num total de 10 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Destas população só uma peça foi catalogada, ou seja 10%, que forma o Grupo 37.

4.38.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 38 é formado por uma única peça, sem decoração. O fabrico e morfologia da mesma são caracterizados nos dois quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F14-3-5	muito homogénea	grão finíssimo	bege	oxidante	alisada	bege	alisada	bege

Quadro 170 - Caracterização dos fabricos do Grupo 38

Perfil	Peça	F14-3-5
	alt.	
	diâm.	62 mm, f
	Tipo	indefinido
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	ausente
	Bojo	Divergente, convexo em baixo
	Fundo	plano
	Base	divergente, direita
	Asa	ausente

Quadro 171 - Caracterização morfológica do Grupo 38

O tipo de pasta P35 identificado neste grupo também se registou nos Grupos 2, 5, 10, 11, 12, 13 e 32.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F14-3-5	P35	BŠ∞,∞,∞5.0.∞	alisamento	sem decoração

Quadro 172 - Caracterização global do Grupo 38

4.39 GRUPO 39

4.39.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 39 foram recolhidas no Nível 3, quadrado F12, no interior do Compartimento B do Castelo das Relíquias (Catarino, 1997-1998, 414 – 415, 418, 1057-1058, 1159, Est. LXXV). Presumivelmente, sobre Nível 4, “camada de derrubes”, (idem, 414 e 1159, Est. LXXV), cuja superfície se encontrava regularizada, identificou-se, “apenas a um canto do Compartimento B”, o Nível 3b, “fina camada de terra de cor castanha que correspondia ao solo de habitat” (idem, 419 e 1159, Est. LXXV). Assim, no compartimento B registou-se um nível (Nível 3b) que resulta da sua ocupação após o desmoronamento das estruturas originais. Não é claro se no resto do Compartimento B, onde não se reconheceu o Nível 3b, se tivesse depositado o Nível 3, “terras compactas e argilosa” (idem, 418), e se este também cobria o Nível 3b. A grande quantidade de fragmentos cerâmicos atribuídos ao Nível 3 neste compartimento sugere que aqui também se tenha depositado o referido nível, após o abandono final do compartimento. Assim ao Nível 3 do Compartimento B podem ter sido atribuídos materiais arqueológicos contemporâneos da última utilização do compartimento, se relacionados com o Nível 3b, ou posteriores a essa utilização, que tenham aí sido descartados após o abandono do compartimento.

No Compartimento B, o Nível 3 forneceu 3 peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas) e 27 peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1057 - 1060), num total de 30 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogadas 2 peças, ou seja 6,7%, que formam o Grupo 39.

4.39.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 39 apresenta duas peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F12-3-49	homogénea	grão fino	bege	oxidante	alisada	amarelo rosado pardo	alisada	amarelo rosado pardo
F12-3-54	homogénea	grão fino e médio	castanho alaranjado	oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 173 - Caracterização dos fabricos do Grupo 39

	Peça	F12-3-49	F12-3-54
	alt.		
Perfil	diâm.	50 mm, f	120 mm, b
	Tipo	continuo	indefinido
	Lábio	ausente	biselado
	Bordo	ausente	divergente, direito
	Colo	ausente	divergente, direito
	Bojo	divergente e acentuadamente convexo	ausente
	Fundo	concavo	ausente
	Base	divergente, convexo, com pé em anel de perfil vertical	ausente
	Asa	duas, verticais, perfil indefinido e secção oval [indefinido meio do bojo]	duas, verticais, perfil oval alongado [bordo, indefinido]

Quadro 174 - Caracterização morfológica do Grupo 39

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
F12-3-49	corda seca parcial	SE: bojo	duas bandas paralelas, com um motivo, formado por duas linhas onduladas e entrecruzadas, entre ambas
F12-3-54	canelura	SE: colo	seis sulcos horizontais

Quadro 175 - Caracterização da decoração do Grupo 39

Cada uma das peças deste grupo foi fabricada com um tipo diferente de pasta. A pasta P15 foi também identificada no Grupo 30, enquanto a pasta P22 foi reconhecida nos Grupos 27, 29, 31, 35 e 39.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F12-3-49	P15	BŠ∞.∞.5.1.∞	alisamento	corda seca parcial
F12-3-54	P22	BŠ∞.4.∞.∞.210		caneluras

Quadro 176 - Caracterização global do Grupo 39

4.40 GRUPO 40

4.40.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 40 foi recolhida no Nível 2, quadrado F13, do Castelo das Relíquias (Catarino, 1997-1998, 417, 1159, Est. LXXV). Este quadrado abarca o espaço D e o adarve entre a muralha e o compartimento A (idem, Est. LXXII). O Nível 2 é formado pelos “derrubes dos muros mais superficiais (...) construídos em taipa sobre uma base em pedra” (idem, 417) e os materiais arqueológicos que o integravam devem ter origem nas paredes cujos derrubes formaram este nível ou então foram descartados enquanto as paredes ruíam. A relação temporal de cada objecto exumado com este nível é diferente conforme estas situações. O objecto é contemporâneo à formação do nível, se tiver sido descartado enquanto este se formava, mas é mais antigo que o nível se tiver origem nas paredes. Neste último caso pode ser

contemporâneo da utilização das referidas paredes se tivesse ficado abandonada em alguma prateleira, ou pode ser anterior se integrasse a taipa das paredes.

No quadrado F13, o Nível 2 forneceu 4 peças atribuíveis ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1057 - 1060), que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população só uma peça foi catalogada, ou seja 25%, que forma o Grupo 40.

4.40.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 38 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F13-2-119	homogénea	grão fino	rosa pardo	oxidante	alisada	amarelo rosado pardo	alisada	amarelo rosado pardo

Quadro 177 - Caracterização dos fabricos do Grupo 40

Perfil	Peça	F13-2-119
	alt.	
	diâm.	90 mm, b
	Tipo	continuo
	Lábio	biselado
	Bordo	vertical, direito
	Colo	vertical tornando-se divergente na extremidade superior, direito
	Bojo	indefinido
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 178 - Caracterização morfológica do Grupo 40

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
F13-2-119	corda seca parcial	SE: colo	indistinto
	incisão	SE: colo	linha horizontal

Quadro 179 - Caracterização da decoração do Grupo 40

O tipo de pasta identificado neste grupo foi também reconhecido nos Grupos 30 e 39.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F13-2-119	P15	BŠ ∞ .41. ∞ . ∞ .110	alisamento	corda seca parcial e incisão

Quadro 180 - Caracterização global do Grupo 40

4.41 GRUPO 41

4.41.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 41 foram recolhidas no Silo 3, situado no quadrado H10, do Castelo de Salir (CNS 1012, Catarino, 1997-1998, 475-477, 483-484 e 1183, Est. CII). Sobre a boca deste silo foi construído um dos muros do Espaço Habitacional 3 registado neste sítio arqueológico. A boca do silo foi selada com uma “camada de pedras e fragmentos de lajes de xisto (...) encaixadas umas nas outras, de modo a selar a abertura do silo”. Esta camada, Nível 6a, era arqueologicamente estéril. Por baixo deste nível

encontrava-se o Nível 6b, de “terras bastante soltas (...) [com] fragmentos de cerâmica manual, cerâmica comum não vidrada e pedaços de carvões”. O Nível 6b sobrepunha-se ao Nível 6c, “camada de desagregação da rocha” sem espólio arqueológico, que por sua vez cobria o Nível 6d, o mais profundo, composto por terras “misturadas com ossos de animais, conchas e carvões”, assim como fragmentos cerâmicos. Alguns destes materiais colavam com os materiais provenientes do Nível 6b (idem, 484).

Os níveis 6b e 6d foram compostos por lixos domésticos, o que significa que Silo 3 serviu como lixeira no seu último momento de utilização. A formação dessa lixeira terá sido relativamente rápida, ainda que com um episódio de “desagregação das paredes laterais do silo” (idem, ibidem) pelo meio, já que as cerâmicas de níveis diferentes colam entre si. O enchimento deste silo testemunha uma fase de ocupação anterior à construção do Espaço Habitacional 3.

O Silo 3 forneceu duas peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), duas peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos e uma atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1086-1087), num total de 5 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*.. Desta população foram catalogadas 4 peças, ou seja 80%, que formam o Grupo 41.

4.41.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 41 apresenta quatro peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
H10-6-30	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho rosado	alisada	castanho rosado
H10-6-31	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho rosado	alisada	castanho rosado
H10-6-37	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho rosado	engobe	cinzento muito escuro
H10-6-70	homogénea	grão finíssimo	amarelo rosado pardo	oxidante	alisada	amarelo rosado pardo	alisada	amarelo rosado pardo

Quadro 181 - Caracterização dos fabricos do Grupo 41

	Peça	H10-6-30	H10-6-31	H10-6-37	H10-6-70
	alt.				
Perfil	diâm.	88 mm, f	110 mm, b; 70 mm, f	110 mm, b	125 mm, b; 52 mm, f.
	Tipo	contínuo	descontínuo	descontínuo	descontínuo
	Lábio	ausente	boleado	boleado	boleado
	Bordo	ausente	vertical, estreitado externamente	divergente, ligeiramente convexo	divergente, direito
	Colo	ausente	vertical, convexo	divergente, convexo	divergente, direito
	Bojo	Divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro	indefinido, convexo	divergente, convexo
	Fundo	plano, superfície irregular	ausente	ausente	convexo
	Base	divergente, direita	divergente, indefinido	ausente	divergente, convexo com pé em anel de perfil convergente
	Asa	ausente	duas, verticais, de perfil oval e secção arredondada [colo; meio do bojo]	duas, verticais, de perfil semi-circular e secção arredondada [colo, abaixo do bordo; meio do bojo]	quatro, verticais, perfil oval, secção ovóide, [colo; meio do bojo]

Quadro 182 - Caracterização morfológica do Grupo 41

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
H10-6-30	pintura monocroma	SE: bojo	duas bandas horizontais e paralelas; sobre a banda superior foram desenhados cinco bandas verticais , com a extremidade superior bifurcada; banda curva por baixo destes motivos
H10-6-31	pintura monocroma	SE: bordo SE: colo	banda horizontal três bandas horizontais e paralelas, duas imediatamente abaixo do bordo, a terceira no ponto de inflexão com o bojo
		SE: bojo	três bandas horizontais, ligeiramente curvas, cujas extremidades se confundem numa mancha
H10-6-37	pintura monocroma	SE: bordo SE: bojo	duas bandas horizontais curtas e paralelas três bandas horizontais curtas e paralelas
		asas	três bandas oblíquas curtas e paralelas
H10-6-70	canelura	SE: bojo	um sulco horizontal no ponto de inflexão com o bordo
	incisão	SE: bojo	um sulco horizontal no ponto de inflexão com o colo; três sulcos horizontais entre a primeira e o arranque inferior das asas

Quadro 183 - Caracterização da decoração do Grupo 41

A maioria das peças deste grupo apresenta o mesmo tipo de pasta, P20, que também foi registado nos Grupos 5, 24, 28, 29 e 34. Só uma peça foi fabricada com o tipo de pasta P6, que também foi identificado no Grupo 3. Todas as peças mostram superfícies alisadas, mas numa a superfície externa recebeu engobe. As peças com o tipo de pasta P20 foram decoradas com pintura monocroma, enquanto a peça com o tipo de pasta P6 foi decorada com caneluras e incisão.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
H10-6-70	P6	BŞ4.4.5.3.210	alisamento	caneluras e incisão
H10-6-30	P20	BŞ∞.∞.84.0.∞	alisamento e engobe	pintura monocroma
H10-6-31		BŞ3.2.84.∞.160		
H10-6-37		BŞ∞.5.i2.∞.220		pintura monocroma e canelura

Quadro 184 - Caracterização global do Grupo 41

4.42 GRUPO 42

4.42.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 42 foram recolhidas no Nível 6 do quadrado F11 do Castelo de Salir (Catarino, 1997-1998, 478-480, 1183, Est. XCIX). O Nível 6, “camada relativamente homogénea e nivelada, com fragmentos de telhas e terras muito queimadas” com espólio arqueológico, encontra-se por baixo dos muros do Espaço Habitacional 2 e cobria o Nível 7, “enchimento da rocha junto da sapata (...) da muralha” (idem, 480). O Nível 6 terá servido para nivelar o interior do castelo após a construção da muralha (idem, 513). Os materiais arqueológicos que integra serão portanto contemporâneos da fase de construção da muralha, que incluí os Níveis 6 e 7.

No quadrado F11, o Nível 6 forneceu 3 peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), 3 peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1086) e uma atribuída ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas, num total de 7 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/şurayba*. Desta população foram catalogadas 4 peças, ou seja 57,1%, que formam o Grupo 42.

4.42.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 42 apresenta quatro peças que permitem, pelo menos, reconstituição parcial de forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes	Cor	Cozedura	Superfície Interna	Superfície externa
------	---------------	-------------	-----	----------	--------------------	--------------------

		não plásticos			Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F11-6-3	homogénea	grão fino	laranja acinzentado escuro	reductora com arrefecimento oxidante	alisada	ocre muito escuro	alisada	ocre muito escuro
F11-6-5	homogénea	grão fino	laranja acinzentado escuro	reductora com arrefecimento oxidante	alisada	ocre muito escuro	alisada	ocre muito escuro
F11-6-17	pouco homogénea	grão fino e médio	cinzento muito escuro	reductora	alisada	cinzento muito escuro	alisada	cinzento muito escuro
F11-6-27	homogénea	grão fino	amarelo rosado pardo	oxidante	alisada	amarelo rosado pardo	alisada	amarelo rosado pardo

Quadro 185 - Caracterização dos fabricos do Grupo 42

	Peça	F11-6-3	F11-6-5	F11-6-17	F11-6-27
	alt.				
	diâm.	110 mm, b	100 mm, b	120 mm, b	85 mm, b; 70 mm, f.
Perfil	Tipo	indefinido	indefinido	indefinido	descontinua
	Lábio	boleado	boleado	boleado	boleado
	Bordo	vertical, estreitado externamente	divergente, ligeiramente espessado externamente, com um ressalto na ligação ao colo	vertical, estreitado externamente	convergente, espessado externamente
	Colo	indefinido, direito	indefinido, concavo	indefinido, ligeiramente côncavo	convergente, convexo
	Bojo	ausente	ausente	ausente	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro, com um ressalto na ligação ao colo
	Fundo	ausente	ausente	ausente	concavo
	Base	ausente	ausente	ausente	divergente, direito
	Asa	ausente	ausente	duas, verticais, de perfil indeterminado e secção oval [colo, abaixo do bordo; indefinido]	duas, verticais, de perfil indeterminado e secção circular [indefinido; a meio do bojo]

Quadro 186 - Caracterização morfológica do Grupo 42

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
F11-6-3	pintura monocroma	SE: colo	banda sob o bordo
F11-6-5	sem decoração		
F11-6-17	sem decoração		
F11-6-27	pintura monocroma	SE: colo	três bandas horizontais e paralelas; entre as duas bandas superiores, conjunto de três traços verticais
		SE: bojo	três bandas horizontais e paralelas; entre as duas bandas superiores, conjunto de quatro traços verticais
	caneluras	SE: colo	duas bandas horizontais e paralelas: na ligação ao bordo e sensivelmente a meio

Quadro 187 - Caracterização da decoração do Grupo 42

Neste grupo registaram-se três diferentes tipos de pasta, P2, P11 e P14, todas já identificadas noutros grupos. O tipo P2 também se encontra no Grupo 36. Para além das duas peças deste grupo, a pasta de tipo P11 também foi reconhecido no Grupo 29 e o tipo P14 foi identificado nos Grupos 3 e 33. Todas as peças

deste grupo foram alisadas nas superfícies, e metade foi decorada com pintura monocroma. A outra metade não apresenta decoração.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F11-6-3	P11	BŠ∞.i1.∞.∞.160	alisamento	pintura monocroma
F11-6-27	P14	BŠ2.8.84.0.340		pintura monocroma e canelura
F11-6-5		BŠ∞.i3.∞.∞.240		sem decoração
F11-6-17	P2	BŠ∞.i3.∞.∞.160		

Quadro 188 - Caracterização global do Grupo 42

4.43 GRUPO 43

4.43.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 43 foi recolhida no Nível 3 do quadrado E10 do Castelo de Salir (Catarino, 1997-1998, 481-483, 1182, Est. XCVIII). Este quadrado abarca a compartimento Norte do Espaço Habitacional 1 e o espaço a Norte do mesmo (idem, 468 – 469, Est. XCV). Como aparentemente no exterior daquele compartimento não se atingiu o Nível 3 (idem, 1182, Est. XCVIII), supõe-se que os materiais arqueológicos atribuídos a este nível e a este quadrado tenham origem no referido compartimento.

Este compartimento é “uma pequena cozinha” onde foi identificada uma lareira, Nível 3b (idem, 468-469), que assentava sobre o Nível 4a, “terras muito duras e compactadas, para a preparação do solo de *habitat* que antecede a rocha” (idem, 482). Sobre o solo e lareira formou-se o Nível 3, camada de terras pouco compactas, “caracterizado por grandes concentrações de cinzas e carvões, misturados com abundante espólio” (idem, 469). A formação do Nível 3 resultou de um incêndio, como a presença de estruturas de madeira carbonizadas (mobiliário ou travejamento) ainda em conexão sobre o chão do pavimento comprovam (idem, 469), e do abandono posterior do compartimento. A sua formação terá sido relativamente rápida e integrou os artefactos que estavam em uso no compartimento no momento em que se deu o incêndio. O Nível 3 encontrava-se coberto pelo Nível 2c, derrube do telhado (idem, 482).

A peça do Grupo 43, atribuída ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1077), foi o único exemplar integrável no grupo *barrada/šurayba* exumado no Nível 3 do quadrado E10.

4.43.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 43 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
E10-3-52	pouco homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	rugosa	castanho rosado	alisada	ocre muito escuro

Quadro 189 - Caracterização dos fabricos do Grupo 43

Perfil	Peça	E10-3-52
	alt.	
	diâm.	60 mm, f.
	Tipo	descontínuo
	Lábio	ausente
	Bordo	ausente
	Colo	indefinido
	Bojo	divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro
	Fundo	convexo
	Base	divergente, irregular
	Asa	duas, verticais, com perfil e secção indeterminada [indeterminado; a meio do bojo]

Quadro 190 - Caracterização morfológica do Grupo 43

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
E10-3-52	canelura	SE: inflexão entre colo e bojo	um sulco horizontal
	pintura monocroma	SE: bojo	três bandas horizontais e paralelas

Quadro 191 - Caracterização da decoração do Grupo 43

A pasta registada neste grupo também foi identificada no Grupo 33.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
E10-3-52	P3	BŜ∞.84.0.∞	alisamento	canelura e pintura monocroma

Quadro 192 - Caracterização global do Grupo 43

4.44 GRUPO 44

4.44.1 ORIGEM DO CONJUNTO

A peça que forma o Grupo 44 foi recolhida no Nível 3, do quadrado F11 do Castelo de Salir (Catarino, 1997-1998, 478-480, 1183, Est. XCIX). O quadrado F11 abarca o compartimento Norte e o compartimento Central do Espaço Habitacional 2 (idem, 469-470, Est. XCV). No entanto aquando da formação do Nível 3, o compartimento central ainda não existia e esta área pertencia ao compartimento Sul do Espaço Habitacional 2 (idem, 470). O muro que dividirá o Compartimento Sul em dois foi construído por cima de uma “área com cinzas, carvões e muita quantidade de sementes de trigo carbonizado”, identificada nos quadrados F11 e G11 e que se considerou integrar o Nível 3 (idem, 470 e 479). Assim os materiais do Nível 3 registados no quadrado F11 terão origem nos dois compartimentos originais do Espaço Habitacional 2, e alguns deles serão provenientes da referida área de cinzas.

O Nível 3, com pouca potência e formado por “terras misturadas com cerâmicas”, depositou-se sobre o Nível 4, “camadas de barro bem pisado, para nivelar o solo”, no interior destes dois compartimentos (idem, 479). O Nível 3 formou-se antes da construção do muro que dividirá o compartimento Sul em dois e a sua superfície terá servido de chão dos dois compartimentos assim formados, antes do derrube do telhado, de que se registou alguns vestígios no quadrado F11 (Nível 2c), e dos derrubes da muralha e paredes envolventes (Níveis 2a e 2b) (idem, 479). O Nível 3 incorporou assim os artefactos em uso naqueles compartimentos antes da construção do referido muro. No entanto, se serviu de solo de circulação, e tendo em conta ser composto por “terras soltas” (idem, 479) poderá ter integrado também materiais arqueológicos usados no compartimento Central, após a construção do referido muro.

O Nível 4 foi construído sobre o Nível 5, que por sua vez cobria o Nível 6, o que torna o Grupo 44 estratigraficamente posterior ao Grupo 42.

No quadrado F11, o Nível 3 forneceu duas peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas) e outras duas atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1076), num total de quatro peças que

potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população quatro foi catalogada uma peça, ou seja 25%, que forma o Grupo 44.

4.44.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 44 é formado por uma única peça, cujo fabrico, morfologia e decoração são caracterizados no três quadros seguintes.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
F11-3-44	pouco homogénea	grão médio e grosso	laranja acinzentado escuro	reduzida com arrefecimento oxidante	rugosa	castanho rosado	alisada	castanho rosado

Quadro 193 - Caracterização dos fabricos do Grupo 44

Perfil	Peça	F11-3-44
	alt.	
	diâm.	104, b
	Tipo	indefinido
	Lábio	boleado
	Bordo	vertical, convexo, com secção triangular
	Colo	vertical, direito, com um ressalto na ligação ao bojo
	Bojo	indefinido, ombro convexo
	Fundo	ausente
	Base	ausente
	Asa	ausente

Quadro 194 - Caracterização morfológica do Grupo 44

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
F11-3-44	pintura monocroma	SE: bordo SE: colo	manchas horizontais

Quadro 195 - Caracterização da decoração do Grupo 44

O tipo de pasta registado neste grupo foi também identificado nos Grupos 36 e 42.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
F11-3-44	P2	BŠ∞.1.i2∞.∞.122	alisamento	pintura monocroma

Quadro 196 - Caracterização global do Grupo 44

4.45 GRUPO 45

4.45.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 45 foram recolhidas no Nível 3 do quadrado H10 do Castelo de Salir (Catarino, 1997-1998, 481-483, 1182, Est. XCVIII). O quadrado H10 abarca três compartimentos diferentes, que se localizam no canto Nordeste do Espaço Habitacional 3 e ainda a Rua que divide esta casa dos Espaços Habitacionais 1 e 2 (idem, 470 – 473).

O Nível 3 divide-se em várias subcamadas. O Nível 3a identificou-se em toda a área do quadrado H10 “seja no interior ou no exterior das estruturas habitacionais”, com abundante espólio arqueológico (idem, 482). Na sala Norte do Espaço Habitacional 3, que ocupa grande parte do quadrado H10, o Nível 3a, “nunca ultrapassou os 5 cm a 8cm de espessura” e o “espólio recolhido apresentava-se bastante fragmentado” (idem, 471). Por baixo do Nível 3a encontrou-se uma estrutura de lareira, Nível 3b, no canto Noroeste da referida sala, já no quadrado H11. Por baixo do Nível 3b encontrava-se o Nível 3c, “fina

camada de terra argilosa e compacta” que se sobrepunha ao Nível 4, “terras muito duras e compactadas, para a preparação do solo de *habitat* que antecede a rocha” (idem, 482). Não é claro se o Nível 3c se estendia por todo a sala, ou se se restringia ao seu topo Oeste. De qualquer forma, no canto Sudoeste, no nível 3c identificou-se outra estrutura de lareira, cerca de 8 cm abaixo da primeira.

A informação disponível permite concluir que nesta sala o Nível 3 representa a seguinte sucessão de episódios posterior à construção do Nível 4. Sobre o Nível 4 foi formado um “segundo solo” associado a uma lareira (Nível 3c), sobre o qual se construiu posteriormente uma segunda lareira (Nível 3b). Esta última foi coberta pelo Nível 3a, que por sua vez foi coberto pelo Nível 2c, derrube de telha bastante homogéneo (idem, 471). O Nível 3a formou-se assim entre a última combustão da segunda lareira e a queda do telhado deste compartimento. A sua formação terá resultado do abandono do mesmo, e integrado os artefactos do último momento de ocupação deixados no compartimento. Presume-se que o Nível 3b só foi identificada no quadrado H11, e que o Nível 3c não forneceu materiais arqueológicos, já que não se menciona a sua existência quando se descreve este nível (idem, 471). Assim os materiais do quadrado H10, provenientes desta sala e atribuídos ao Nível 3, tem origem no Nível 3a.

Neste compartimento, sob o Nível 4 e a parede Sul, foi identificado o Silo 3. O Grupo 45 é portanto estratigraficamente posterior ao Grupo 41.

Nos outros compartimentos que ocupam a área do quadrado H10 só foi identificado o Nível 3a. Na rua, também sob o Nível 2c, “uma camada espessa e argamassada com barro e cal, misturada com telhas bem compactadas” (idem, 467) encontrava-se o Nível 3, “terras castanhas bastante soltas e arenosas”, que integrava materiais arqueológicos. Também na rua o Nível 3 se formou antes do derrube de um telhado, mas sobre um nível de incêndio, a “camada 4” (idem, 467).

Os materiais arqueológicos atribuídos ao Nível 3, provenientes do quadrado H10 podem, portanto, ter quatro contextos diferentes de origem, um dos quais é estratigraficamente posterior ao Grupo 41.

No quadrado H10, o Nível 3 forneceu uma peça atribuída ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas) e 8 peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos (idem, 1080-1081), num total de 9 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Destes população foram catalogadas 3 peças, ou seja 33,3%, que formam o Grupo 45.

4.45.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 45 apresenta três peças que permitem reconstituição parcial da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
H10-3-244	heterogénea	grão fino	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho alaranjado	polida	castanho alaranjado
H10-3-246	homogénea	grão fino e médio	ocre muito escuro	reduzora	alisada	cinzento muito escuro	alisada	cinzento muito escuro
H10-3-259	homogénea	grão fino e médio	ocre muito escuro	reduzora com arrefecimento oxidante	alisada	castanho rosado	alisada	cinzento muito escuro

Quadro 197 - Caracterização dos fabricos do Grupo 45

	Peça	H10-3-244	H10-3-246	H10-3-259
	alt.			
	diâm.	55 mm, f	90 mm, f	130 mm, b
Perfil	Tipo	descontínuo	descontínuo	descontínuo
	Lábio	ausente	ausente	boleado
	Bordo	ausente	ausente	divergente, com estreitamento externo
	Colo	ausente	ausente	divergente, direito
	Bojo	Divergente e direito em baixo, convergente e convexo no ombro	indefinido; convexo e convergente, concavo na ligação à base.	indefinido, convexo
	Fundo	concavo	plano	ausente
	Base	divergente, convexa, com pé anelar de perfil convergente	divergente, ligeiramente convexa	ausente
	Asa	duas, verticais, perfil e secção indeterminada [indefinido; meio do bojo]	ausente	duas, verticais, perfil e secção indeterminada [indefinido; meio do bojo]

Quadro 198 - Caracterização morfológica do Grupo 45

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
H10-3-244	canelura	SE: ponto de inflexão entre o colo e o bojo	um sulco horizontal
		SE: bojo	dois sulcos horizontais, um por cima e outro por baixo do arranque inferior das asas
	pintura monocroma	SE: bojo	uma banda horizontal por cima da canelura superior; por baixo da mesma banda ligeiramente curva; o espaço entre estas duas bandas está preenchido por traços e bandas verticais e oblíquos de diferentes espessuras, que cobrem parcialmente a canelura superior
H10-3-246	sem decoração		
H10-3-259	pintura monocroma	SE: colo	[a decoração não foi desenhada]; “bandas e traços”

Quadro 199 - Caracterização da decoração do Grupo 45

O tipo de pasta P1 só foi identificado no Grupo 45, enquanto o tipo P22 se registou nos grupos 27, 29, 31, 35, 39 e 45. A associação de alisamento e polimento no tratamento de superfícies, na mesma peça fabricada com o tipo de pasta P1, também é exclusiva deste grupo. Nas restantes peças o tratamento de superfície é comum nos conjuntos analisados, assim como a técnica decorativa das duas peças decoradas.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
H10-3-244	BŠ _{∞.∞.84.0.∞}	P1	alisamento e polimento	pintura monocroma e canelura
H10-3-259	BŠ _{∞.4.∞.∞.260}	P22	alisamento	pintura monocroma
H10-3-246	BŠ _{∞.∞.i29.0.∞}			sem decoração

Quadro 200 - Caracterização global do Grupo 45

4.46 GRUPO 46

4.46.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam o Grupo 46 foram recolhidas no Nível 3 do quadrado I11 do Castelo de Salir (Catarino, 1997-1998, Est. XCV). O quadrado I11 abarca o compartimento Oeste do Espaço Habitacional 3, que poderá ter sido uma cozinha, e a azinhaga que o separa do troço de muralha a Oeste (idem, 470 – 473). Como na azinhaga só se escavou até ao Nível 2b (idem, 1181, Est. XCVII), presume-se que os materiais arqueológicos atribuídos ao Nível 3 do quadrado I11 sejam provenientes do referido compartimento.

O pavimento deste compartimento encontrava-se revestido com uma fina camada de argila, Camada 4, na qual foram construídas duas lareiras (Nível 3b). Sobre as cinzas de uma das lareiras (Lareira II) foram

recolhidos fragmentos de cerâmica (idem, 472). Sobre este pavimento e as lareiras formou-se o Nível 3a, que foi coberto pelo derrube do telhado, Nível 2c (idem, 482 e 1181, Est. XCVII). O Nível 3a formou-se portanto entre a última combustão das duas lareiras e o derrube do telhado do pavimento, e terá integrado os artefactos que, usados no último momento de utilização do compartimento, foram abandonados no mesmo. Os materiais atribuídos ao Nível 3 do quadrado I11 terão origem tanto no Nível 3a como no Nível 3b.

No quadrado I11, o Nível 3 forneceu 2 peças atribuídas ao tipo 8, pucarinhas (jarrinhas), 2 peças atribuídas ao tipo 9, púcaros ou pucarinhos e peças atribuídas ao tipo 10, infusas, cantarinhas ou bilhas (idem, 1081-1082), num total de 6 peças que potencialmente se integram no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogadas 2 peças, ou seja 33,3%, que formam o Grupo 46.

4.46.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

O Grupo 46 apresenta duas peças que permitem reconstituição da forma. Os três quadros seguintes caracterizam o fabrico, morfologia e decoração destas peças.

Peça	Homogeneidade	Componentes não plásticos	Cor	Cozedura	Superfície Interna		Superfície externa	
					Tratamento	Cor	Tratamento	Cor
I11-3-290	homogénea	grão fino e médio	castanho rosado	oxidante	alisada	castanho rosado	alisada	castanho rosado
I11-3-327	homogénea	grão fino e médio	castanho alaranjado	oxidante	alisada	castanho alaranjado	alisada	castanho alaranjado

Quadro 201 - Caracterização dos fabricos do Grupo 46

	Peça	I11-3-290	I11-3-327
	alt.		
Perfil	diâm.	100 mm	100 mm
	Tipo	descontínuo	indefinido
	Lábio	biselado	direito
	Bordo	convergente, estreitado externamente	convergente, estreitado externamente
	Colo	divergente, convexo	divergente, direito
	Bojo	indefinido, convexo	ausente
	Fundo	ausente	ausente
	Base	ausente	ausente
	Asa	duas, verticais, perfil semi-circular, secção arredondada	duas, verticais, perfil indeterminado, secção oval

Quadro 202 - Caracterização morfológica do Grupo 46

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
I11-3-290	pintura monocroma	SE: bordo	uma banda horizontal
		SE: colo	duas bandas horizontais e paralelas; uma imediatamente abaixo do bordo; a outra no ponto de inflexão com o bojo
		SE: bojo	duas bandas horizontais e paralelas; entre estas e a banda inferior do colo, conjunto de cinco bandas oblíquas
I11-3-327	pintura monocroma	SE: bordo	uma banda horizontal
		SE: colo	uma banda horizontal

Quadro 203 - Caracterização da decoração do Grupo 46

As duas peças deste grupo foram fabricadas com tipos diferentes de pasta, mas ambas apresentam o mesmo tratamento de superfície e a mesma técnica decorativa. O tipo de pasta P20 identificado no Grupo 46

também se reconheceu nos Grupos 5, 24, 28, 29,34, e 41, enquanto o tipo P22 foi registado nos grupos 27, 29, 31, 35, 39, 45 e 46.

Peça	Pasta	Forma	Tratamento de Superfície	Técnica decorativa
I11-3-290	P20	BŠ∞.5.i2.∞.360	alisamento	pintura monocroma
I11-3-327	P22	BŠ∞.4.∞.∞. 360		

Quadro 204 - Caracterização global do Grupo 46

5 ANÁLISE DA INFORMAÇÃO

5.1 VALOR DA INFORMAÇÃO

Os dados usados na presente análise são uma amostra, que não se baseia em critérios estatísticos da população inquirida, que por sua vez é uma amostra de valor desconhecido, dos vários conjuntos vivos que estiveram em uso entre o séc. VIII e a 2ª metade do séc. XIII na alcáçova e medina de Silves, no Castelo Velho de Alcoutim, no Castelo das Relíquias e no Castelo de Salir, a população objectivo.

Foram considerados 109 indivíduos, distribuídos por 46 grupos, tendo em conta a sua proveniência estratigráfica, com diferentes valores como amostra das populações originais²⁴. Os grupos provenientes do Castelo de Silves e da Residência Paroquial de Silves são os menos representativos da sua população inquirida, com valores de amostra praticamente irrisórios, com o valor máximo de c. de 1,4%. O valor apresentado para o grupo proveniente do Salão Paroquial de Silves é já mais representativo (4,2%). Os grupos dos restantes sítios já apresentam valores de amostragem bastante bons, na sua maioria iguais ou superiores a 10%. Treze destes grupos apresentam um valor de amostra igual ou superior a 50%. No Anexo I desenvolve-se com mais pormenor este raciocínio.

Ou seja como amostra dos fragmentos recolhidos os grupos provenientes da Torre Albarrã de Silves, do Castelo Velho de Alcoutim, do Castelo das Relíquias e do Castelo de Salir são bastante mais representativas do que os grupos provenientes do Castelo, Salão e Residência Paroquial de Silves.

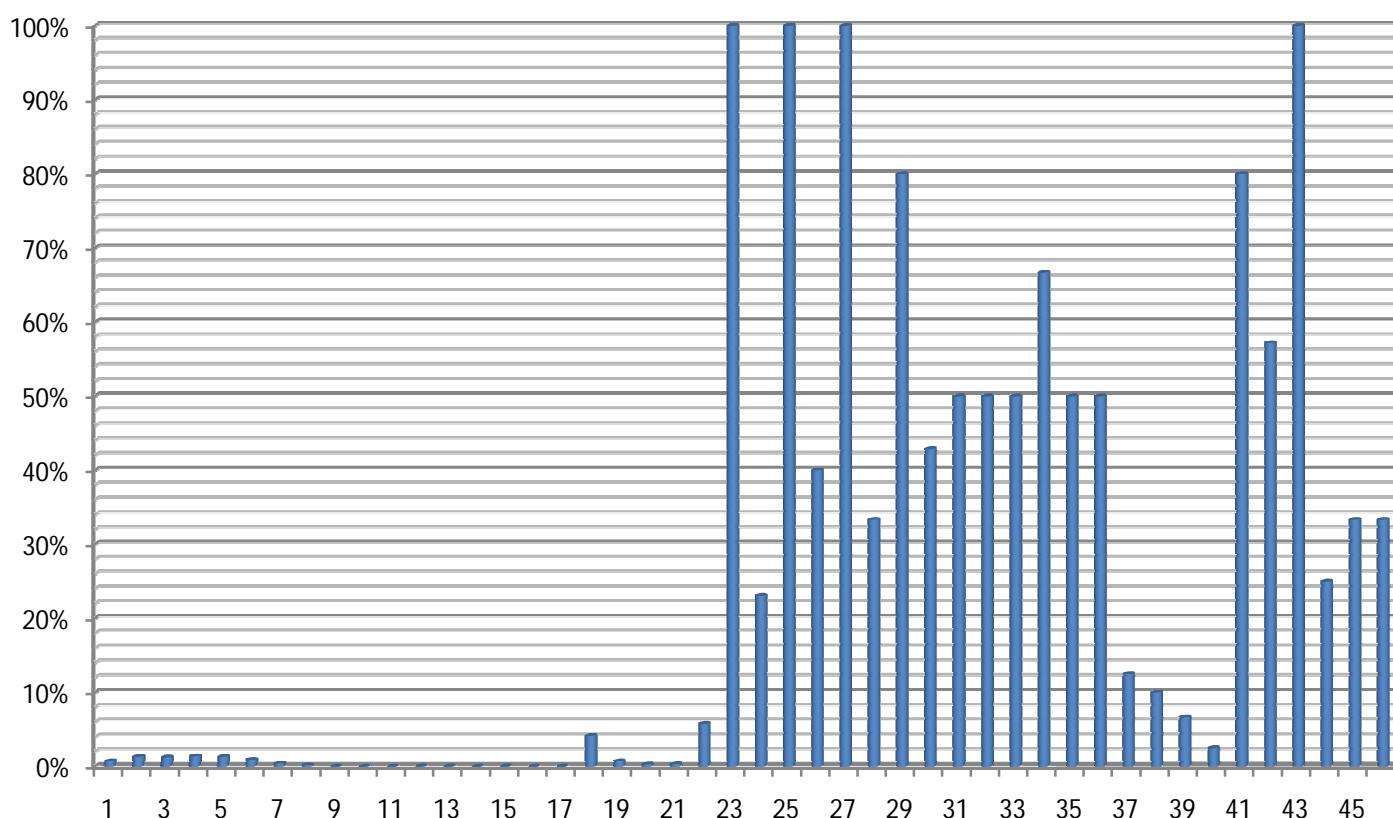


Figura 3 – Representatividade de cada grupo (percentagem) em relação à população de origem

²⁴ As várias técnicas estatísticas usadas nesta análise são descritas em Shennan, 1988.

	Contexto de deposição					Total
	utilização	primário	secundário	vários	indeterminado	
< 0,1%	13, 14	17		9, 11, 15	10, 12, 16	9
≥ 0,1%, < 1%	6, 7, 8	1, 19		21	20	7
≥ 1%, < 10%	2, 3, 4, 5	22		39, 40	18	8
≥ 10%, < 25%	37, 38		24			4
≥ 25%, < 50%	28, 46	30		26, 44, 45		5
≥ 50%, < 100%	29, 31, 32, 36	33, 35, 41			42	8
= 100%	27, 43	25, 34	23			5
Total	19	10	2	9	6	46

Quadro 205 - Distribuição dos grupos tendo em conta a sua representatividade e contexto de deposição dos materiais

Se se considerar ainda que a maioria dos materiais, 80%, provenientes dos grupos com valor de amostra igual ou superior a 25% se encontrava, tanto quanto foi possível estabelecer neste trabalho, em contexto de utilização ou de deposição primário, é possível concluir que os grupos provenientes da Torre Albarrã de Silves, do Castelo Velho de Alcoutim, do Castelo das Relíquias e do Castelo de Salir não são só representativos das populações exumadas no seu contexto de origem, como fornecem informação fiável acerca dos conjuntos vivos de onde são originários.

Os materiais provenientes dos grupos com valor de amostra inferior a 25% também se encontram maioritariamente (c. 64%) em contexto de utilização ou de deposição primário. Apesar desta maioria ser menos expressiva, permite supor que as inferências sobre os conjuntos vivos que se façam acerca destes materiais serão fiáveis, mas será sempre necessário ter em conta que não são generalizáveis a todos os materiais exumados nos mesmos contextos arqueológicos e que provavelmente representam uma proporção mínima dos conjuntos vivos que os originaram. Ou seja as populações do Castelo, do Salão e da Residência Paroquial de Silves permanecerão largamente desconhecidas.

5.2 RELAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS E CRONOLOGIA

A caracterização da origem dos grupos de *barrada/šurayba* levada a cabo no capítulo 3, assim como a discussão da informação cronológica disponível para cada um dos grupos, permite propor uma periodização relativa entre grupos provenientes do mesmo sítio arqueológico, assim como uma periodização geral para alguns dos 46 grupos aqui analisados. Note-se, mais uma vez, que nesta análise não se considerou a informação cronológica proveniente de paralelos cerâmicos, não porque tal método não seja legítimo e profícuo, mas porque a presente análise pretende usar unicamente informação cronológica independente das cerâmicas.

5.2.1 CASTELO DE SILVES (CX)

Os Grupos 1 a 17, 37% dos conjuntos considerados nesta análise, tem origem no Castelo de Silves. Os Grupos 1, 2, 3, 4 e 7 são estratigraficamente sequenciais, ou seja cada um destes grupos tem origem num contexto arqueológico que se formou após o contexto do grupo anterior. A informação cronológica discutida para os grupos do Castelo de Silves, assim como a sua posição estratigráfica, informa que o Grupo 1 é o conjunto mais antigo exumado neste sítio arqueológico e ter-se-á formado no séc. VIII ou IX. É sucedido, por esta ordem, pelos Grupos 2, 3, 4 e 7. A informação disponível permite atribuir o Grupo 3 ao séc. XI e o Grupo 4 ao séc. XI ou a um período posterior. Outros dois grupos, que estratigraficamente não se relacionam directamente com os grupos desta sequência, são também atribuíveis ao séc. XI, ou a um período posterior. Trata-se dos Grupos 5 e 8. O Grupo 13 é estratigraficamente posterior ao Grupo 5, e os Grupos 16 e 17, são estratigraficamente posteriores ao Grupo 8. A formação dos contextos de origem dos grupos 9, 11, 12, 13, 15 e 17 deve ser posterior a 1242, mas terão integrado os artefactos em uso no momento da conquista e que

foram abandonado sobre os pavimentos. É assim provável que estes grupos representem as formas de *barrada/šurayba* em uso no momento da conquista cristã do Castelo de Silves.

Destes, os grupos 9, 12 e 15 não mantêm nenhuma relação estratigráfica directa com os restantes grupos, enquanto o Grupo 11 é estratigraficamente posterior ao Grupo 6. Outros dois grupos estratigraficamente isolados, os Grupos 10 e 14 apresentam informação cronológica associada. O Grupo 14 tem origem num contexto formado após 1185 e o contexto arqueológico de onde o Grupo 10 é originário constituiu-se após 1223. Não foi possível associar ao Grupo 6, estratigraficamente anterior ao Grupo 11, qualquer informação cronológica. Só é possível afirmar que este grupo é anterior ao momento de ocupação que precede a conquista cristã definitiva. Também não há elementos cronológicos que permitam datar o Grupo 16. Este é posterior ao Grupo 8, sendo portanto posterior ao séc. XI.

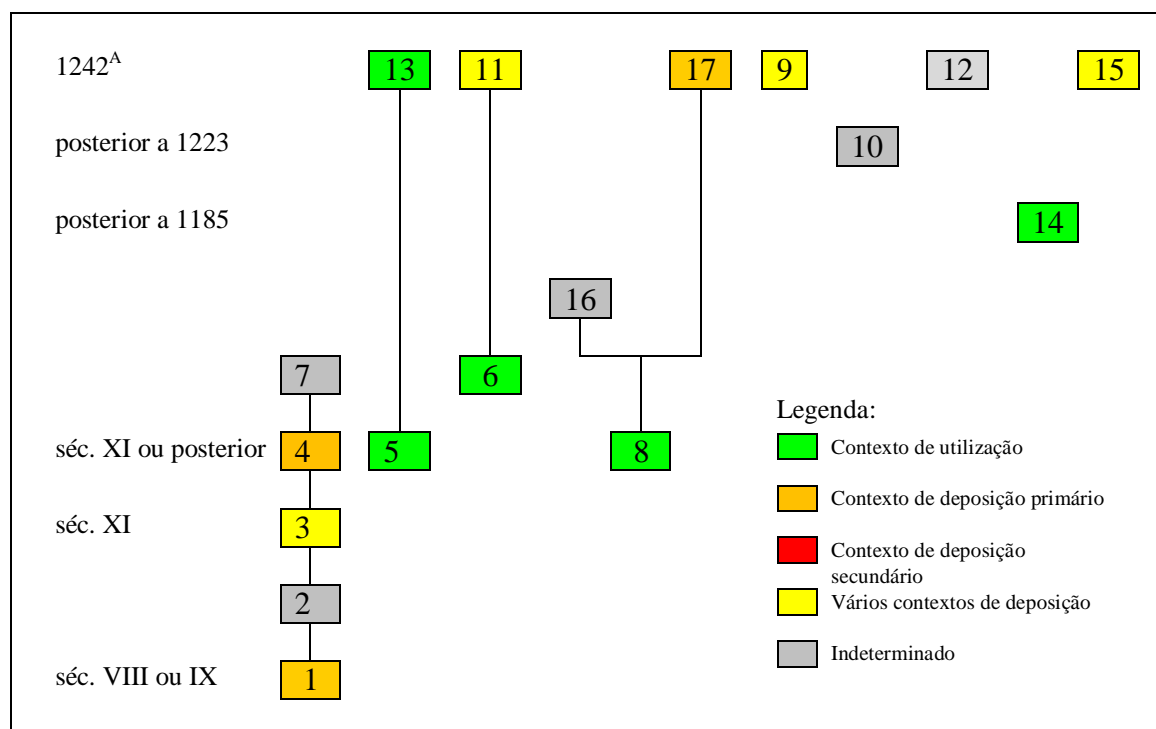


Figura 4 - Relações estratigráficas dos grupos provenientes do Castelo de Silves (^A = refere a data provável do último momento em que os recipientes deste grupo se encontram em uso, e não o período de formação dos contextos de origem, que deverá ser posterior e mais longo)

5.2.2 SECTOR 2 DO SALÃO PAROQUIAL DE SILVES (SPS)

O Grupo 18, que perfaz 2% dos conjuntos considerados nesta análise, é o único proveniente do Sector 2 do Salão Paroquial de Silves. O contexto arqueológico de origem deste Grupo não forneceu evidência cronológica independente das cerâmicas que permita qualquer proposta de datação para o mesmo.

5.2.3 RESIDÊNCIA PAROQUIAL DE SILVES (RPS)

Os Grupos 19 a 21, 6% dos conjuntos considerados nesta análise, foram recolhidos no Residência Paroquial de Silves. O Grupo 20 é estratigraficamente posterior ao Grupo 19. O contexto de proveniência do Grupo 21 não tinha nenhuma relação estratigráfica directa com os outros dois contextos. No entanto a informação cronológica disponível permitiu estabelecer que este contexto representa a última ocupação almóada daquela habitação, sendo portanto provavelmente anterior a 1242.

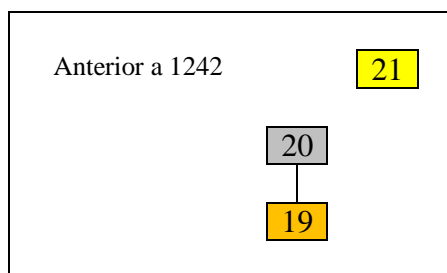


Figura 5 - Relações estratigráficas dos grupos provenientes da Residência Paroquial de Silves

5.2.4 TORRE ALBARRÃ DE SILVES (TAS)

Os Grupos 22 a 24, 6% dos conjuntos considerados nesta análise, foram recolhidos na Torre Albarrã de Silves. Estes conjuntos são estratigraficamente sequenciais, ou seja o Grupo 22 tem origem num contexto que se formou antes da construção da Torre Albarrã, enquanto o Grupo 23 tem origem num contexto que se formou após a construção da mesma estrutura. O contexto de origem do Grupo 24 formou-se sobre o contexto de origem do Grupo 23. Apesar de se ter estabelecido uma periodização relativa entre estes três grupos, nenhum deles se encontrava associado a materiais datantes não cerâmicos.

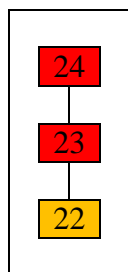


Figura 6 - Relações estratigráficas dos grupos provenientes da Torre Albarrã de Silves

5.2.5 CASTELO VELHO DE ALCOUTIM (CVA)

Os Grupos 25 a 36, 26% dos conjuntos considerados nesta análise, foram recolhidos no Castelo Velho de Alcoutim. Os contextos de origem da maioria destes conjuntos formaram-se após o abandono final das estruturas exumadas neste sítio arqueológico, assim os Grupos 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 36 são originários de depósitos que se formaram no interior de compartimentos e que cobriram os materiais arqueológicos aí abandonados. A informação cronológica proveniente do contexto do Grupo 27 permite supor que os materiais que o integram sejam do séc. VIII ou IX. O Grupo 25 provém de um contexto contemporâneo dos últimos momentos de utilização de um esgoto do referido castelo. O Grupo 31 é posterior ao Grupo 26, cujo contexto de origem, um pavimento de argila, foi coberto pelo contexto arqueológico do Grupo 31. Os contextos de origem dos Grupos 33, 34 e 35 são os derrubes das habitações do Castelo Velho de Alcoutim, que integraram também artefactos que estariam acondicionados nas paredes ou em algum piso superior. Assim, ainda que estratigraficamente os contextos de origem dos Grupos 33 e 35 sejam posteriores, respectivamente, aos contextos de origem dos Grupos 25 e 32, os materiais arqueológicos neles exumados poderão ter origem no mesmo conjunto vivo.

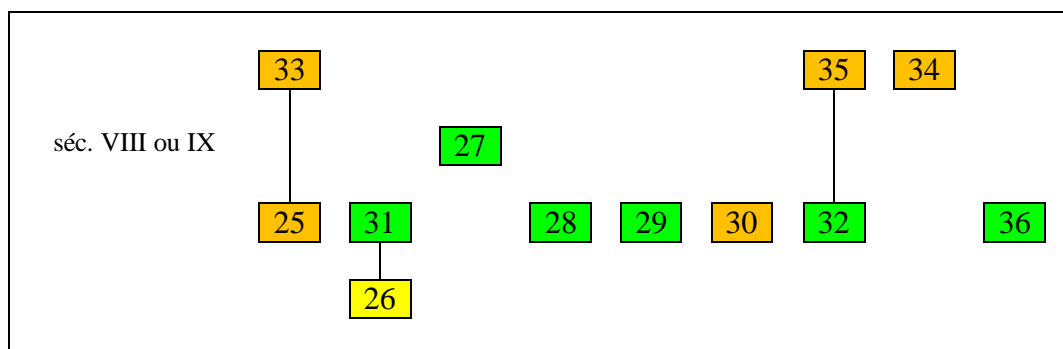


Figura 7 - Relações estratigráficas dos grupos provenientes do Castelo Velho de Alcoutim

5.2.6 CASTELO DAS RELÍQUIAS (CR)

Os Grupos 37 a 40, 9% dos conjuntos considerados nesta análise, foram recolhidos no Castelo das Relíquias. O Grupo 37 integrou materiais em contexto de utilização, que terão estado em uso no séc. VIII ou IX, de acordo com a informação cronológica disponível. O contexto arqueológico do Grupo 38 é estratigraficamente posterior ao contexto de origem do Grupo 37. Os contextos arqueológicos dos Grupos 39 e 40 não apresentavam relações estratigráficas directas, nem entre si, nem com os contextos dos outros dois grupos.

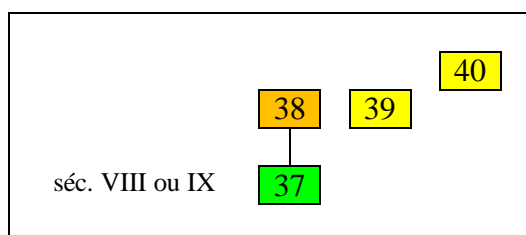


Figura 8 - Relações estratigráficas dos grupos provenientes do Castelo das Relíquias

5.2.7 CASTELO DE SALIR (CS)

Os Grupos 41 a 44, 13% dos conjuntos considerados nesta análise, foram recolhidos no Castelo de Salir. Nenhum dos contextos de proveniência destes grupos forneceu informação cronológica independente das cerâmicas. O contexto de origem do Grupo 45 é estratigraficamente posterior ao contexto do Grupo 41. Os contextos dos restantes grupos não tinham relações estratigráficas directas entre si.

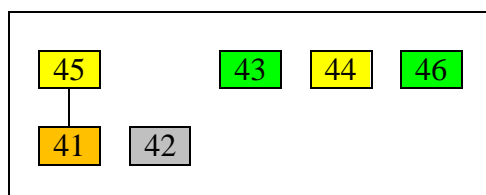


Figura 9 - Relações estratigráficas dos grupos provenientes do Castelo de Salir

5.2.8 SÍNTESE

Os contextos arqueológicos de 16 dos grupos estudados, ou seja c. 35%, forneceram informação cronológica suficientemente segura para propor uma datação para os conjuntos vivos que originaram estes grupos. Os conjuntos vivos dos Grupos 1, 27 e 37 terão estado em uso durante o séc. VIII ou o séc. IX. Esta atribuição não significa que estes conjuntos estivessem em uso ao longo destes dois séculos, mas sim que estiveram em uso num dado momento deste período de 200 anos. Os dados conhecidos também não permitem conjecturar se os conjuntos vivos destes três grupos foram ou não contemporâneos.

Apesar do contexto do origem do Grupo 3 se ter provavelmente formado no séc. XI, poderá ter integrado materiais arqueológicos contemporâneos à formação deste contexto ou anteriores ao mesmo, que estivessem em uso nas estruturas arquitectónicas cobertas pelo referido contexto arqueológico. Assim é possível que os materiais do Grupo 3 tenham origem em mais do que um conjunto vivo.

Os Grupos 4, 5 e 8 são provenientes de depósito que integraram materiais em contexto de deposição primário, no primeiro caso, e em contexto de utilização nos outros dois casos. A informação cronológica associada a estes depósitos permite unicamente estabelecer que se formaram no séc. XI ou em período posterior. A informação disponível é insuficiente para aferir se os conjuntos vivos de onde estes três grupos são originários foram ou não contemporâneos.

É bastante provável que contextos arqueológicos que forneceram os Grupos 9, 11, 12, 13, 15 e 17 se tivessem formado após 1242, enquanto o contexto do Grupo 10 se terá formado após 1223 e o do Grupo 14 será posterior a 1185. Todos estes grupos integraram artefactos que estariam em uso nas habitações do Castelo de Silves e na Residência Paroquial de Silves antes da conquista cristã. Serão portanto representativos de conjuntos vivos em utilização durante a 1ª metade do séc. XIII.

As relações estratigráficas estabelecidas para 5 outros grupos, ou seja c. 11%, permitem localizá-los entre os intervalos cronológicos já definidos. Assim o Grupo 2 será posterior ao Grupo 1 e anterior ao Grupo 3, o que significa, tendo em conta o intervalo cronológico considerado para o Grupo 1, que poderá ser do séc. IX ou X. Ou mesmo ainda do séc. VIII se a lixeira onde foi exumado o Grupo 1 tiver sido formada nos inícios deste século. O Grupo 38 é posterior ao Grupo 37, e dependendo da cronologia deste último será do séc. IX ou posterior. O Grupo 7 é posterior ao Grupo 4 e será portanto posterior ao séc. XI, enquanto o Grupo 6 é anterior ao Grupo 13, ou seja deverá ser anterior ao séc. XIII. Assim considerou-se que os conjuntos vivos destes dois grupos deveriam ter estado em uso em algum momento do séc. XII, sem que isso signifique obrigatoriamente que sejam contemporâneos.

O Grupo 16 é estratigraficamente posterior ao Grupo 8 mas o seu contexto de origem é mal conhecido. Será contemporâneo das camadas de abandono formadas após 1242, ou formou-se ainda ao longo do séc. XII? Só é possível afirmar que este Grupo é posterior ao séc. XI.

Apesar de terem origem em contextos arqueológicos sem materiais datantes associados e não apresentarem relações estratigráficas com grupos datados propõe-se para 9 dos grupos estudados, ou seja c. 20%, uma atribuição cronológica. Os contextos arqueológicos de onde se exumaram os Grupos 28, 29, 30, 31 e 32, formaram-se após o abandono dos compartimentos do Castelo Velho de Alcoutim onde estes artefactos foram encontrados e o derrube do telhado dos mesmos compartimentos. Integraram portanto, como o Grupo 27, os artefactos em uso no último momento de utilização no mesmo complexo habitacional. Face à informação disponível é mais provável que sejam contemporâneos do Grupo 27 do que o contrário. Por outro lado, a constituição do contexto do Grupo 25 também será contemporânea da última utilização do esgoto do mesmo complexo habitacional. Finalmente os grupos 33, 34 e 35 tem origem em contextos que também integraram materiais em uso nesse último momento de utilização, apesar dos contextos dos Grupos 33 e 35 se terem formado posteriormente aos contextos dos Grupos 25 e 32, respectivamente. Ou seja, os conjuntos vivos de todos estes grupos estiveram em uso durante a última utilização de cada um dos compartimentos de onde são originários, e presume-se que a última utilização de cada compartimento tenha decorrido ao mesmo tempo em todo o complexo habitacional.

Como o Grupo 26 é estratigraficamente anterior ao Grupo 31, o conjunto vivo daquele poderá ter estado em uso no séc. VIII.

Cronologia	Associação a material datante	Posição estratigráfica	Presumida
séc. VIII		26	
séc. VIII ou IX	1, 27, 37		25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35
séc. IX ou posterior		2, 38	
séc. XI ou anterior	3		
séc. XI ou posterior	4, 5, 8		
séc. XII		6, 7	16
1ª metade do séc. XIII	9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21		

Quadro 206 - Atribuição cronológica dos grupos de *barradas/šuraybas* segundo três critérios.

A informação disponível, excluindo datações que eventualmente pudessem ser obtidas através de paralelos cerâmicos, não permite propor nenhuma atribuição cronológica para os restantes 15 grupos, ou seja para 33% dos grupos definidos neste trabalho. No entanto é possível estabelecer entre alguns deles uma periodização relativa, conforme o quadro seguinte.

relação temporal	SPS	RPS	TAS	CVA	CR	CS
mais antigo		19	22			41
ao		20	23			
mais recente			24			45
sem relações estratigráficas	18			36	39, 40	42, 43, 44, 46

Quadro 207 - Grupos de *barradas/šuraybas* sem atribuição cronológica.

Os grupos provenientes do Castelo de Silves representam portanto a sequência mais longa de utilização de *barrada/šurayba* num mesmo local de povoamento, que recuará ao séc. VIII ou IX e se estende até à segunda metade do séc. XIII. Enquanto os grupos provenientes do Castelo Velho de Alcoutim, restringem-se a uma ocupação do séc. VIII e IX. De notar que dos 31 grupos a que foi possível atribuir uma cronologia, 12 foram considerados dos séc. VIII ou IX e 10 da primeira metade do séc. XIII. São portanto as cerâmicas dos extremos da ocupação islâmica do Algarve que se encontram melhor representadas. Só 8 grupos é que, eventualmente, poderão representar as cerâmicas dos séculos X, XI e XII.

Cronologia	CX	RPS	CVA	CR
séc. VIII			26	
séc. VIII ou IX	1		25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35	37
séc. IX ou posterior	2			38
séc. XI ou anterior	3			
séc. XI ou posterior	4, 5, 8			
séc. XII	6, 7	16		
1ª metade do séc. XIII	9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17		21	

Quadro 208 - Atribuição cronológica e origem dos grupos

5.3 PASTAS

Identificaram-se, conforme os critérios definidos no ponto 2.2.1, 50 tipos diferentes de pasta, cuja distribuição por grupos se encontra ilustrada no gráfico seguinte.

Como se demonstra no Anexo II, a associação de características usada para definir os tipos de pasta em questão não é aleatória, ou seja resulta, como já se propôs, de escolhas feitas e repetidas pelos produtores destas cerâmicas. No entanto, face ao tamanho da amostra, o valor real, leia-se, na população de origem, de cada tipo de pasta tem de ser muito ponderado.

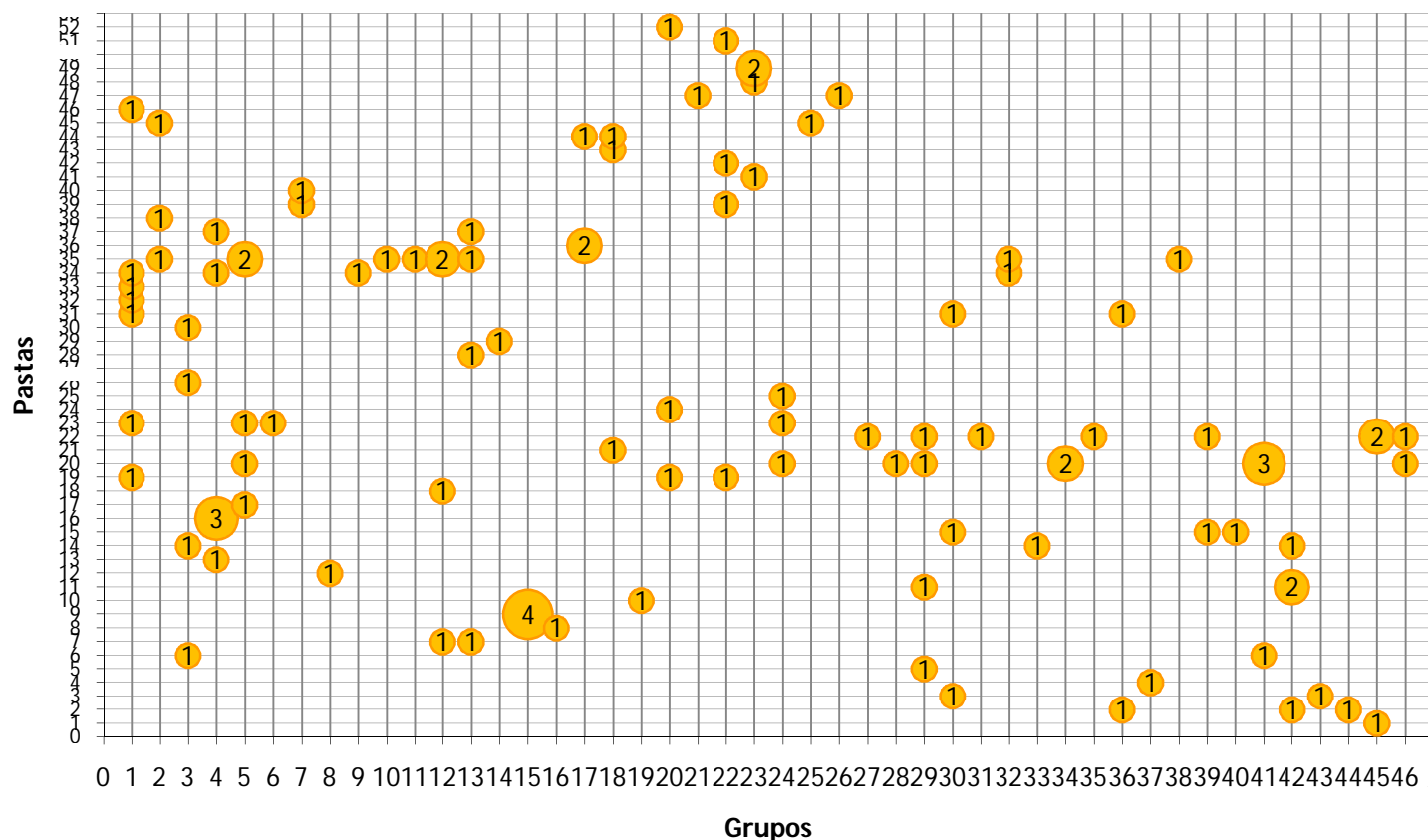


Figura 10 - Distribuição e frequência dos tipos de pasta pelos grupos de *barrada/šurayba*

Cerca de 38% dos tipos de pasta foram só reconhecidos em fragmentos provenientes do Castelo de Silves, o que é consentâneo com o facto de daquele sítio procederem 45% dos fragmentos estudados que representam 87,2% do total da população de origem. É o sítio onde se recolheu o maior conjunto de fragmentos (11398), e que apresenta a sequência de ocupação mais longa, e portanto onde deverá haver maior diversidade de fabricos.

Cronologia	CX	SPS	RPS	TAS	CVA	CR	CS
séc. VIII					P47		
séc. VIII ou IX	P19, P23, P31, P32, P33, P34, P46				P3, P5, P11, P14, P15, P20, P22, P31, P34, P35, P45	P4	
séc. IX ou posterior	P35, P38, P45					P35	
séc. XI ou anterior	P6, P14, P26, P30						
séc. XI ou posterior	P12, P13, P16, P17, P20, P23, P34, P35, P37						
séc. XII	P23, P39, P40						
1ª metade do séc. XIII	P7, P8?, P9, P18, P28, P29, P34, P35, P36, P37, P44		P47				
sem indicadores cronológicos		P21, P43, P44	P10, P19, P24, P52	P19, P20, P23, P25, P39, P41, P42, P48, P49, P51	P2, P31	P15, P22	P1, P2, P3, P6, P11, P14, P20, P22

Quadro 209 - Atribuição cronológica e origem dos tipos de pasta

No Anexo II esmiúça-se a informação contida no quadro 208 e que permite concluir que dez tipos de pasta que foram reconhecidos em grupos de *barrada/šurayba*, datados pela sua associação a materiais não cerâmicos, repetem-se em grupos de diferente atribuição cronológica ou proveniência geográfica:

- O tipo de pasta P31 foi só reconhecido em grupos datáveis do séc. VIII ou IX, tanto no Castelo de Silves como no Castelo Velho de Alcoutim.
- O tipo de pasta P45 foi reconhecido num grupo datável do séc. VIII ou IX do Castelo Velho de Alcoutim e noutro datável do séc. IX ou posterior do Castelo de Silves.
- O tipo de pasta P14 foi reconhecido num grupo datável do séc. VIII ou IX do Castelo Velho de Alcoutim e noutro datável do séc. XI ou anterior do Castelo de Silves. Este tipo também foi reconhecido no Castelo de Salir.
- O tipo de pasta P20 foi identificado em grupos datáveis do séc. VIII ou IX, no Castelo Velho de Alcoutim, e séc. XI ou posterior, no Castelo de Silves. Este tipo foi ainda identificado na Torre Albarrã de Silves e no Castelo de Salir.
- O tipo de pasta P23 só foi reconhecido no Castelo de Silves, mas em grupos datáveis do séc. VIII ou IX, séc. XI ou posterior e séc. XII. Este tipo foi também reconhecido na Torre Albarrã de Silves.
- O tipo de pasta P47 foi reconhecido num grupo datável do séc. VIII do Castelo Velho de Alcoutim e noutro datável da 1ª metade do séc. XIII da Residência Paroquial de Silves.
- O tipo de pasta P35 foi identificado em grupos datáveis do séc. VIII ou IX, do séc. IX ou posterior, do séc. XI ou posterior e da 1ª metade do séc. XIII, no Castelo de Silves, no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias
- O tipo de pasta P34 foi reconhecido em grupos datáveis do séc. VIII ou IX, do séc. XI ou posterior e da 1ª metade do séc. XIII, no Castelo de Silves e no Castelo Velho de Alcoutim.
- O tipo de pasta P37 só foi reconhecido no Castelo de Silves, em grupos datáveis do séc. do séc. XI ou anterior e da 1ª metade do séc. XIII.

Se se juntar a estes tipos de pastas, aqueles identificados em mais de um fragmentos proveniente de grupos datados é possível apresentar o seguinte quadro:

Cronologia	P31	P45	P14	P20	P16	P23	P47	P35	P34	P37	P7	P9	P36
séc. VIII													
séc. VIII ou IX													
séc. IX ou posterior													
séc. XI ou anterior													
séc. XI ou posterior													
séc. XII													
1ª metade do séc. XIII													

Quadro 210 - Distribuição dos tipos de pastas identificados em mais de um fragmento pelos intervalos cronológicos obtido para os grupos de *barrada/šurayba*.

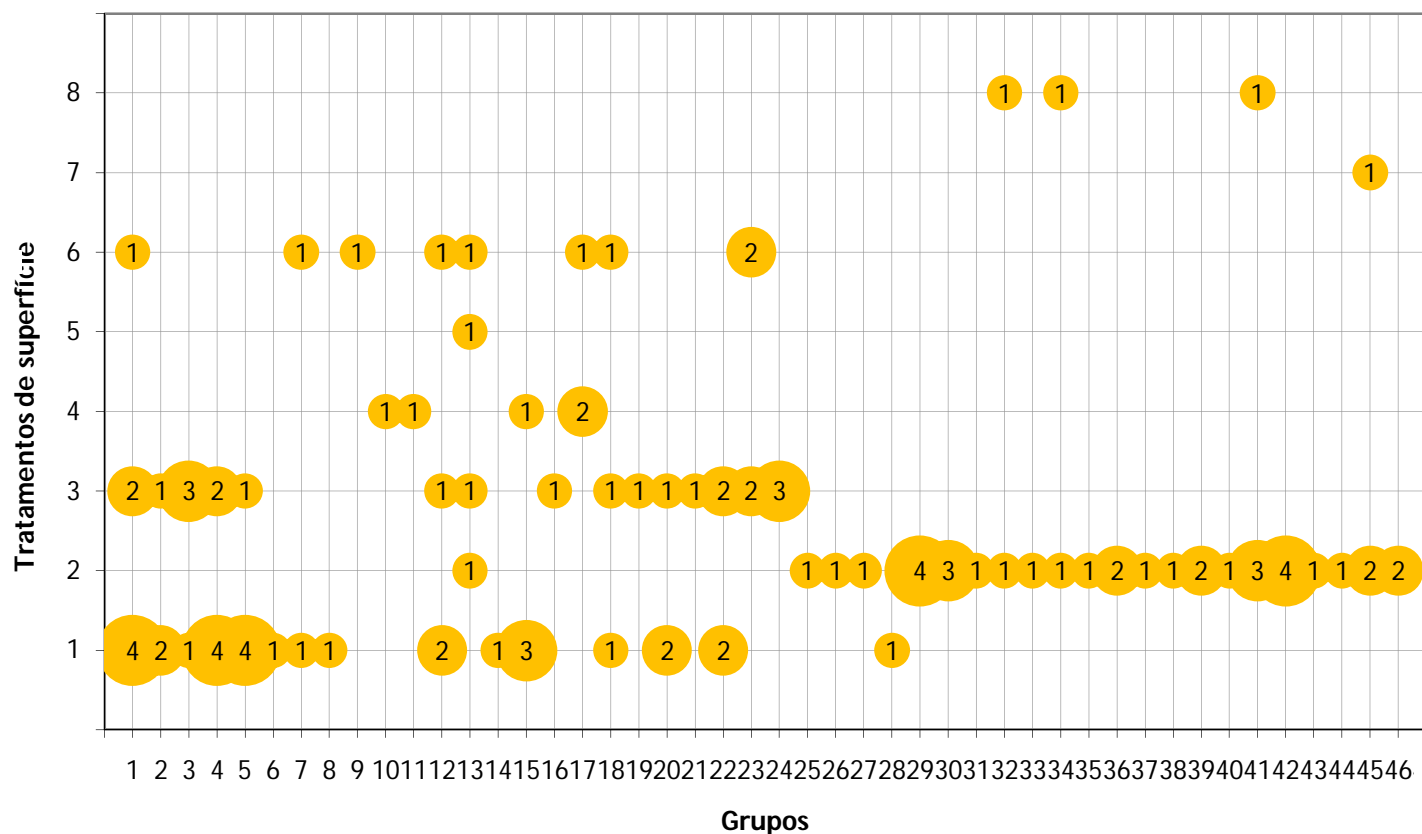
Ou seja, 8 dos 23 tipos de pasta com efectivos superiores a um exemplar distribuem-se por mais de um período cronológico. Pode-se supor uma proporção semelhante para os tipos de pasta identificados num único exemplar. Se esta constatação não permite, devido ao método utilizado para a definição dos tipos de pasta, propor uma continuidade de alguns fabricos ao longo do período entre o séc. VIII e a 1ª metade do séc. XIII no Algarve, é pelo menos possível afirmar que durante este período de cerca de 500 anos houve, no que concerne às *barrada/šurayba*, um uso mais ou menos constante e dilatado de alguns tipos de pasta.

Tendo em conta a longevidade de alguns tipos de pasta, a baixa representatividade da maioria dos grupos provenientes de Silves como amostras das populações de origem, e a grande dispersão destes tipos, estes não servem para clarificar a cronologia dos grupos que não foram datados por associação a objectos não cerâmicos. No entanto desenham-se algumas tendências:

- Maior diversidade de pastas em Silves que nos sítios do Algarve Oriental. E tendo em conta a menor representatividade dos grupos exumados em Silves, é provável que esta diversidade seja ainda maior. O que se explica por três factores. Silves foi ocupada continuamente entre o séc. VIII e XIII, ao contrário dos outros povoados. Foi o centro urbano mais importante, e provavelmente mais populoso do Algarve, portanto produziria e consumiria mais. Foi um dos principais portos algarvios, tendo por isso um melhor acesso aos mercados ibéricos e mediterrânicos de produtos cerâmicos.
- A homogeneidade verificada entre os tipos de pasta dos sítios do Algarve Oriental, independentemente da cronologia dos contextos de origem. Dos 16 tipos de pasta identificados nestes sítios, metade (P2, P3, P11, P14, P15, P20, P22 e P35), registaram-se em mais de um sítio. Por outro lado, estes tipos de pasta retingem-se a quatro grupos de cores, um terço dos grupos possíveis. Como o valor de amostragem dos grupos do Algarve Oriental é em média muito alto, é possível considerar que estas homogeneidade e monotonia serão representativas, senão dos conjuntos vivos, pelo menos das populações de origem.
- A ausência em Silves de tipos de pastas registados no Algarve Oriental (P1, P2, P3, P4, P5, P11, P14, P15 e P22), não deverá ser tomado imediatamente como um indício de consumos diferenciados, já que o valor de amostragem dos grupos de Silves é muito reduzido. Ou seja pode ser que estes tipos de pastas se encontrem na imensa massa de cerâmicas exumadas em Silves e ainda não publicadas.
- O corolário dos dois pontos anteriores é que provavelmente em Silves se deverá detectar a maioria dos tipos de pastas identificados nos restantes povoados, mas que a maioria dos tipos de pasta identificados em Silves não chegaram a estes povoados. A suportar esta afirmação está o facto de que metade dos 16 tipos de pasta identificados no Algarve Oriental (P6, P14, P20, P31, P34, P35, P45 e P47) também foram identificados em Silves e que estes tipos só representam c. 21% dos 43 tipos de pasta registados em Silves.
- Mas a ausência, em 43 tipos de pasta identificados, de tipos de pasta de textura heterogénea ou pouco homogénea nos grupos de Silves, levanta a hipótese de um panorama diferente ao explicitado no ponto anterior no que concerne às pastas mais grosseiras. Ou seja que em Silves não se consumiriam produções de *barradas/šuraybas* neste tipo de pasta, ao contrário do que se verifica nos sítios do Algarve Oriental. Ou então o consumo seria tão reduzido em que não chegou ao registo arqueológico.
- Haverá tipos de pasta cujo consumo é temporalmente reduzido e tipos de pasta consumidos ao longo períodos de tempo dilatados. Para já é certo que os tipos de pasta P14, P20, P23, P34, P35, P37, P45, P47, terão sido produzidas ao longo de períodos de tempo mais ou menos dilatados. As pastas P7, P9, P16, P31 e P36 poderão ser produções restritas a um determinado período de tempo.

5.4 TRATAMENTO DE SUPERFÍCIES

As peças estudadas apresentavam oito tipos de tratamento de superfície, distribuídas pelos grupos de *barrada/šurayba* conforme o quadro seguinte



Legenda

1 sem descrição 2 alisamento 3 aguada 4 engobe 5 vidrado 6 esmalte 7 alisamento/polimento 8 alisamento/engobe

Figura 11 - Distribuição e frequência dos tratamentos de superfícies pelos grupos de barrada/šurayba

Como é possível observar a grande maioria dos exemplares estudados (82,4%) divide-se entre peças sem descrição de tratamento de superfícies (27,8%), alisamento (33,3%) e aguada (21,3%). Estes três casos apresentam uma surpreendente divisão geográfica. As peças com aguada são exclusivas de Silves e os exemplares sem tratamento de superfície concentram-se quase todos em Silves, com excepção de um exemplar do Grupo 28 (CVA), fabricado com o tipo de pasta P20. Por outro lado as peças com alisamento provêm quase todas dos sítios do Algarve Oriental, com excepção de um exemplar do Grupo 13 (CX), fabricado com o tipo de pasta P7.

É provável, como se demonstra no Anexo III, que as superfícies consideradas por H.C. alisadas e com cor diferente das da pasta correspondam às superfícies com aguada de R.V.G. Por outro lado as superfícies para as quais R.V.G não descreve tratamento poderão ser semelhantes às superfícies alisadas com a mesma cor da pasta descritas por H.C. A repetição dos três tipos de tratamento registados por estas autoras nos mesmos tipos de pasta (P20, P23, P31, P35, P47) apoia esta conclusão.

A grande maioria dos tipos de pasta (86%) definidos no presente trabalho apresenta pelo menos um exemplar com um destes tratamentos de superfície. Nos tipos de pasta com mais de um efectivo, registam-se os dois tratamentos de superfície. Estes dois tipos de tratamento serão então comuns a todos os sítios em análise e a todo o período islâmico (séc. VIII à 1ª metade do séc. XIII).

Cronologia	CX	SPS	TAS	CVA	CS
séc. VIII ou IX	esmalte			alisamento /engobe	
séc. XII	esmalte				
1ª metade do séc. XIII	esmalte; engobe; vidrado				
sem indicadores cronológicos		esmalte	esmalte		alisamento /engobe; alisamento /polimento

Quadro 211 - Atribuição cronológica e origem dos tipos de tratamento de superfície minoritários

As restantes peças (13%) distribuem-se por quatro tipos minoritários de tratamento de superfícies: engobe (9,3%), esmalte (8,3%), polimento (1,9%) e vidrado (0,9%).

No Castelo Velho de Alcoutim o engobe encontra-se datado do séc. VIII ou IX, enquanto no Castelo de Silves foi datado da 1ª metade do séc. XIII. Possivelmente a sua ausência nos grupos mais antigos de Silves deve-se à baixa representatividade destes em relação às populações de origem, e não a uma ausência efectiva deste tipo de tratamento.

A análise dos tratamentos de superfície, explicitada no Anexo III, permitiu as seguintes conclusões:

- Dois tipos de tratamento, alisamento e aguada, estão associados recorrentemente as formas de *barrada/šurayba*, e esta associação é independente do período cronológico e ao local de origem das mesmas. É mesmo possível considerar que estes tratamentos pertencem às características definidoras desta categoria de cerâmicas. Assim estes tratamentos de superfície não têm qualquer valor como indicadores cronológicos.
- Apesar das peças esmaltadas serem francamente minoritárias, este tipo de tratamento foi usado em Silves entre o séc. VIII ou IX e a 1ª metade do séc. XIII. Aparentemente os povoados do Algarve Oriental não tiveram acesso a este tipo de peças.
- A existência de tipos de pastas exclusivos de peças esmaltadas entre o séc. VIII ou IX e a 1ª metade do séc. XIII, enquanto as peças produzidas em pasta onde se verificaram outros tratamentos de superfície e de longa diacronia, são provenientes de grupos da 1ª metade do séc. XIII. Esta observação tem valor limitado dado os poucos efectivos das pastas só com peças esmaltadas e a baixa representatividade dos grupos de Silves como amostra das suas populações de origem.
- A única peça vidrada deste conjunto foi recolhida num contexto datado da 1ª metade do séc. XIII, o que permite levantar a hipótese deste tipo de tratamento de superfície em formas de *barrada/šurayba* ser datável deste período. No entanto, a baixa representatividade dos contextos do Castelo de Silves torna esta hipótese muito frágil.

5.5 MORFOLOGIA

Como se demonstra no Anexo IV, nas 79 peças com alguma reconstituição de forma é possível detectar pelo menos 57 morfologias diferentes, com a probabilidade deste número ser ainda maior. O quadro 212 apresenta a sistematização das expressões morfológicas reconhecidas.

Esta diversidade é, mais uma vez, consentânea com as características da amostra: muito baixa representatividade em relação à população de origem que resulta de conjuntos vivos em uso em cinco povoados ao longo de cinco séculos.

As 18 expressões morfológicas mais completas, em que é possível determinar a proporção entre o bojo e o corpo, não se repetem. Ou seja, as formas completas aparecem só uma vez neste conjunto.

		Bojo																				
Colo		00.	1.	i200.	i2.	i2C.	2.	3.	004.	005.	5.	5C?.	800.	14C2.	i29.	42	56.	74C.	74C2.	84.	84C.	86.
Proporção	00.	00.			00,00		00,00															
			0,00		0,00				1C,00	0,00					0,00		0,00			0,00		0,00
							3,00				1,00											
	i1.	00,110																				
		00,160																				
		00,510R2																				
	1.	00,110																				
				00,122																		
		00,210																				
						00,242																
		00,410																				
	i2.	00,320																				
	2.	00,00																				
		00,142																				
						00,310																
	i3.	00,160																				
		00,240																				
	3.																			0,00		
	4.	00,110																				
		00,143																				
		00,152																				
		00,210												00,210								
		00,243																				
		00,260																				
														00,270								
		00,360																				
		00,510											00,510									
																			0,00	0,00		
	5.				00,220																	
					00,360																	
	7.	00,210																				
	8.	00,310																				
		00,413																				
	19.	00,110																				

	32.	∞,210	
	41.	∞,110	
	56.	∞,310	
0.	0.	∞,∞	
		∞,110	
2.	3.		0.130
	4.	∞,110	0.110
		0.310	
			0.510
	5.	3.210	
		0.310	0.310
	6.	3.210R4	
	8.		0.340
	14.	0.110	
3.	2.		∞,160
4.	2.	∞,110	
	4.	3.210	
			0.260
			3C.110

Quadro 212 - Matriz comparativa das expressões morfológicas reconhecidas. Na interceção entre as características do colo (linhas) e do bojo (colunas) registam-se as características do pé e do bordo ([pé].[bordo])

Expressões morfológicas sem informação sobre a proporção séc. VIII e séc. XI ou anterior	BŠ∞,∞,84.0.∞	séc. VIII ou IX BŠ2.3.84.0.130	séc. XI ou posterior BŠ.2.5.84.0.310	séc. XII BŠ4.4.84.0.260	1ª metade do séc. XIII	sem cronologia BŠ2.4.84.0.510 BŠ2.8.84.0.340
séc. VIII ou IX	BŠ∞,3.84.0.∞ BŠ∞,4.84.0.∞	BŠ2.3.84.0.130				BŠ4.84.0.260 BŠ2.4.84.0.510 BŠ4.5.3.210 BŠ2.4.84.0.510
séc. VIII; séc. VIII ou IX e séc. XI ou posterior séc. IX ou posterior séc. VIII ou IX; séc. XI ou posterior e 1ª metade do séc. XIII	BŠ∞,4.∞, ∞,210 BŠ∞,4.∞, ∞,510 BŠ∞,4.∞, ∞,110	BŠ2.4.5C?. ∞,110 BŠ2.4.84C. 0.110			BŠ4.84. 3C.110	
1ª metade do séc. XIII sem cronologia	BŠ∞,4. 8∞, ∞,510 BŠ∞,∞,2.3.∞ BŠ∞,4.∞, ∞,260			BŠ4.4.84. 0.260	BŠ2.6.2. 3.210R4	BŠ2.4.84. 0.510

Quadro 213 – Compilação das expressões morfológicas sem informação acerca das proporções e das expressões comparáveis. A vermelho assinalam-se as características que se repetem

Cronologia	CX		SPS		RPS		CVA		CS	
	Forma	Pasta	Forma	Pasta	Forma	Pasta	Forma	Pasta	Forma	Pasta
séc. VIII ou IX	BŠ2.4.5C?.∞.110	P23					BŠ2.4.84C.0.110	P20		
							BŠ2.3.84.0.130	P35		
	BŠ2.4.14C2.0.310	P19					BŠ2.5.74C.0.310	P20		
							BŠ2.14.2.0.110	P22		
séc. XI ou posterior	BŠ2.5.84.0.310	P12								
séc. XII	BŠ4.4.84.0.260	P23								
1ª metade do séc. XIII	BŠ2.5.5.3.210	P9								
	BŠ2.6.2.3.210R4	P44								
	BŠ4.4.84.3C.110	P9								
sem indicadores cronológicos			BŠ0.0.3.∞.110	P43	BŠ4.2.i2.∞.110	P52	BŠ2.4.84.0.510	P2	BŠ2.8.84.0.340	P14
			BŠ0.0.42.∞.∞	P44					BŠ3.2.84.∞.160	P20
									BŠ4.4.5.3.210	P6

Quadro 214 - Distribuição cronológica e geográfica das formas completas e respectivas pastas.

Num universo de 13077 fragmentos que potencialmente pertencerão a formas de *barrada/šurayba*, conhecem-se bem 18 formas (0,1% do conjunto de origem), e só 11 se encontram solidamente datadas (0,08% do conjunto de origem). Esta informação só permite reconhecer que:

- As seguintes expressões morfológicas foram identificadas em peças datáveis do séc. VIII ou IX:
 - BŠ2.4.5.c?.∞.110 (Q3/C8-33, Grupo 1, vd. Anexo VI)
 - BŠ2.4.14c2.0.310 (Q3/C8-34, Grupo 1, vd. Anexo VI)
 - BŠ2.4.84c.0.110 (K3-3-25, Grupo 29, vd. Anexo VI)
 - BŠ2.3.84.0.130 (R3-3-306, Grupo 32, vd. Anexo VI)
 - BŠ2.5.74C.0.310 (Q4-1b-151, grupo 34, vd. Anexo VI)
 - BŠ2.14.2.0.110 (M3-3-54, Grupo 29, vd. Anexo VI);
- A expressão BŠ2.5.84.0.310 (Q39/C3-1, Grupo 8, vd. Anexo VI) foi identificada numa peça datada do séc. XI ou posterior;
- Uma peça datada do séc. XII caracteriza-se pela expressão BŠ4.4.84.0.260 (Q106, 110/C3-1, Grupo 6, vd. Anexo VI);
- Três expressões morfológicas caracterizam peças datáveis da 1ª metade do séc. XIII:
 - BŠ2.5.5.3.210 (q8/c2-1, grupo 15, vd. Anexo VI)
 - BŠ2.6.2.3.210r4 (qs62,75,76, 84,86/c2-1, vd. Anexo VI)
 - BŠ4.4.84.3c.110 (q8/c2-4, grupo 15, vd. Anexo VI);
- Nada permite concluir, face ao valor de amostragem irrisória destas seis peças, que são formas exclusivas daqueles períodos ou dos sítios onde foram recolhidos;
- Não há em geral, correspondência entre a forma, pasta e cronologia. Formas diferentes apresentam a mesma pasta, com cronologias diferentes. Por exemplo as peças com as expressões morfológicas BŠ2.4.5c?.∞.110 e BŠ4.4.84.0.260, fabricadas com o tipo de pasta P23, são datáveis, respectivamente do séc. VIII ou IX e do séc. XII. Repare-se que não há um único descritor idêntico a estas duas expressões.
- Mesmo as pastas aparentemente exclusivas de um determinado período, são usadas em peças com morfologias diferentes. É o caso da pasta P9, datável da 1ª metade do séc. XIII, usada em duas peças com expressões morfológicas também muito diferentes: BŠ2.5.5.3.210 e BŠ4.4.84.3c.110.
- A única regularidade observada neste conjunto é que todas as formas anteriores ao séc. XII apresentam altura do colo igual à altura do bojo ou superior a 2/3 da mesma (BŠ2);

Se estender a análise às peças que apresentam colo e bordo, independentemente da proporção daquele em relação ao bojo, é possível comparar 56 peças, ou seja 79,9% das peças com reconstituição mínima da forma. Nestas foi possível distinguir 41 associações diferentes de colo e bordo, discutidas no Anexo IV, que permitem as seguintes conclusões:

- Nem quando se limita a análise só a dois descritores morfológicos se consegue discernir alguma regularidade cronológica. As duas associações de colo e bordo mais repetidas encontram-se em peças dos vários intervalos cronológicos reconhecidos nesta análise.
- A proeminência destas duas associações (4/110) e (4/210), valendo cada uma 10,7% das peças em questão permite considerar que representarão as morfologias mais comuns, típicas talvez, dos colos e bordos das *barradas/šuraybas*. Mas cada uma delas encontra-se associada a diferentes formas de bojos e bases.
- Cada tipo de uma determinada característica morfológica (o colo ou o bojo, por exemplo), associa-se a diferentes tipos de outra característica morfológica e a diferentes tipos de pasta.
- A distribuição dos colos verticais e convexos (2), divergentes e direitos (4), divergentes e convexos (5) e convergentes e convexos (8) é universal, já que estão presentes tanto em Silves como nos sítios do Algarve Oriental.
- Põe-se a hipótese do tipo de colo vertical e convexo (2) só ter sido usado após o séc. VIII ou IX.
- Os colos de tipo 4, 5 e 8 terão sido utilizados ao longo de todo o período islâmico
- As peças sem colo (0) estão ausentes dos sítios do Algarve Oriental.
- Os colos verticais e direitos (1) só se distinguiram em peças datáveis do séc. VIII ou IX e provenientes do Algarve Oriental (Castelo Velho de Alcoutim e Castelo de Salir).

Se se desviar esta análise comparativa para a associação de bojos e pés, é só possível observar 13 associações diferentes, já que 17 das peças com bojo não apresentam pé, num conjunto de 45 peças. Esta análise, levada a cabo no Anexo IV, resulta nas seguintes conclusões:

- Os bojos convergentes e convexos em cima e divergentes e direitos em baixo (84), sem pé (0) são claramente majoritários, e estão presentes em Silves, no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo de Salir. Este tipo terá sido usado entre o séc. VIII e a 1ª metade do séc. XIII. Este tipo de bojo combina-se com varias morfologias de colos.
- Não há nenhuma peça com pé em anel proveniente de contextos com datação anterior à 1ª metade do séc. XIII.
- Todas as peças com bojo carenado provenientes de contextos datados são do séc. VIII ou IX.

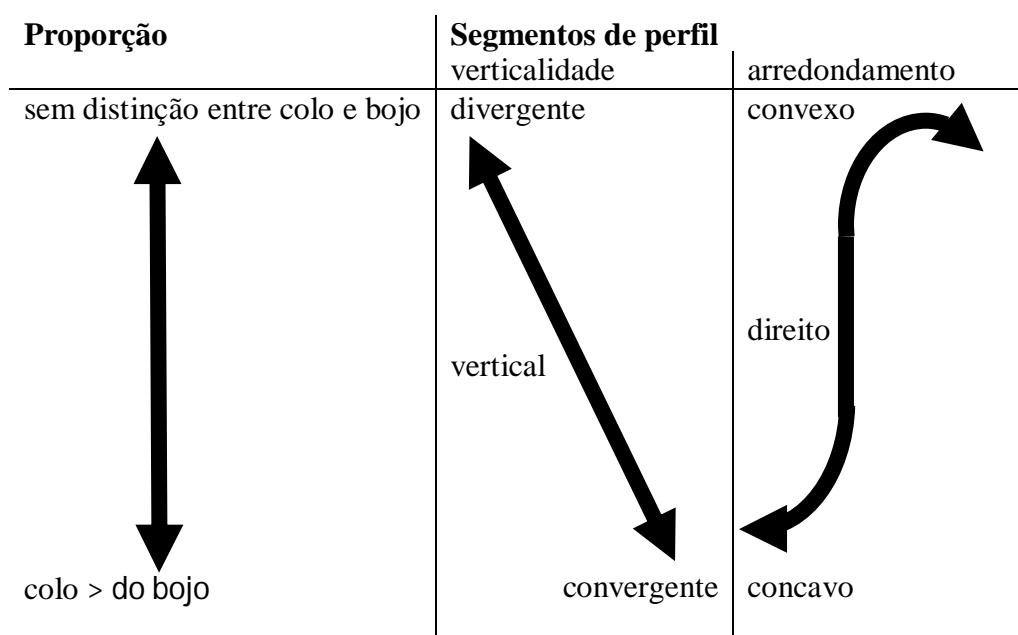
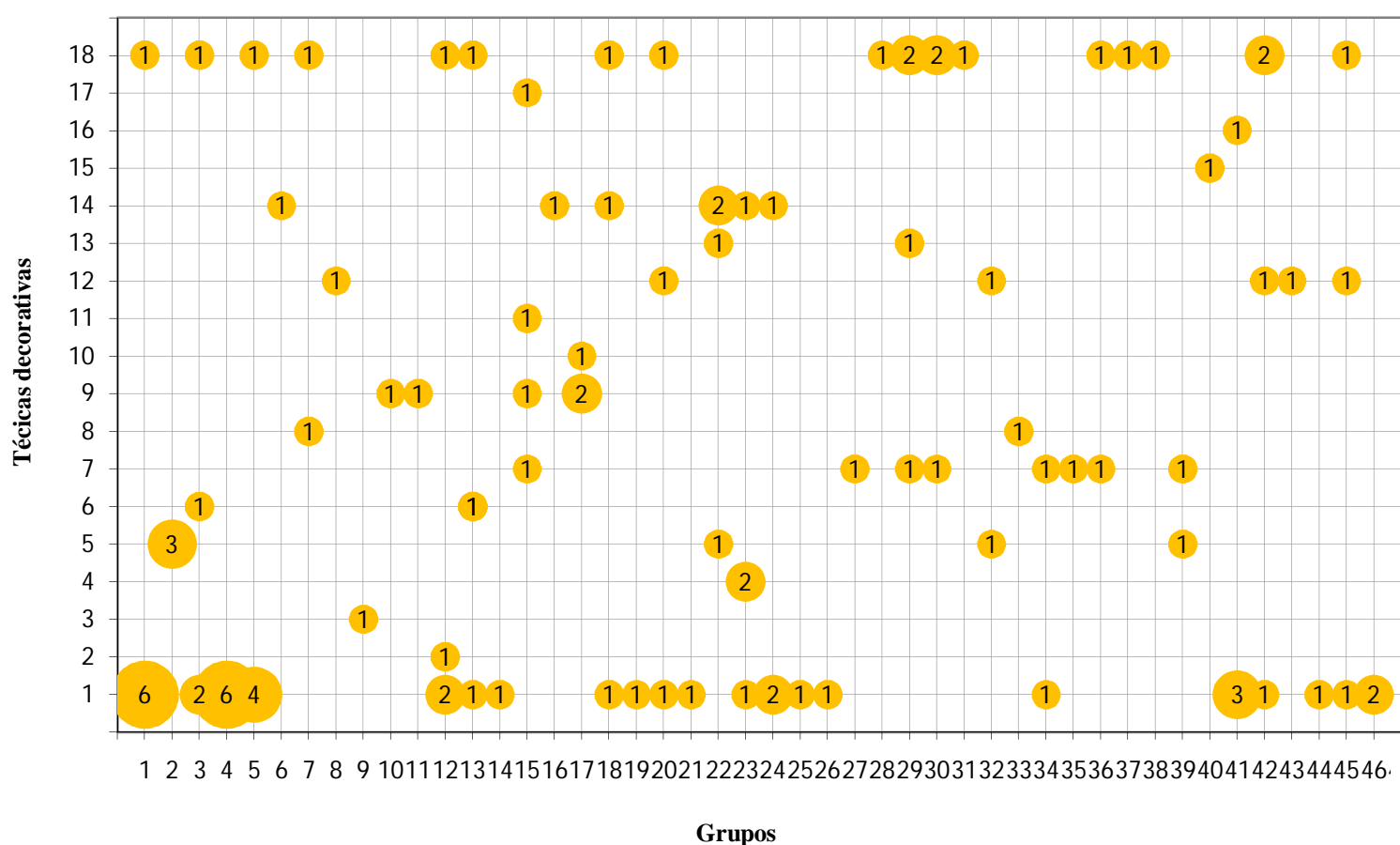


Figura 12 - Representação gráfica das três principais dimensões que condicionam as formas de *barrada/šuraybas*

A principal característica deste conjunto é então a variabilidade, e a possibilidade de várias associações de características, independente da origem cronológica de cada peça. Não é possível pois, determinar no conjunto estudado, associações constantes de características que possam permitir a caracterização de tipos discretos de barradas/šuraybas. Estas formas cerâmicas parecem formar um *continuum* composto por três dimensões: a proporção ente colo e bojo, o grau de verticalidade e arredondamento de cada segmento de perfil. E se há uma evidente preferência por determinadas características quando consideradas isoladamente, esta preferência vai-se esbatendo à medida que se analisa, não características isoladas, mas associações de características. Quanto maior o número de características for considerado, maior variabilidade se discerne no conjunto.

5.6 DECORAÇÃO

Das 109 peças consideradas neste estudo, só 88 exemplares apresentavam decoração. Nestes, foram identificadas oito técnicas decorativas que se combinam de 17 formas diferentes.



Legenda					
1	pintura monocroma (PM)	7	caneluras (C)	13	pintura monocroma/incisão/caneluras (PM/I/C)
2	pintura digital monocroma (PDM)	8	molde (M)	14	pintura monocroma/incisão (PM/I)
3	pintura a azul e cobalto (PAC)	9	esgrafito (E)	15	corda seca parcial/incisão (CSP/I)
4	pintura a verde e manganês (PVM)	10	reflexo metálico/caneluras (RM/C)	16	caneluras/incisão (C/I)
5	corda seca parcial (CSP)	11	decoração plástica (DP)	17	incisão/estampilhagem (I/Es)
6	incisão (I)	12	pintura monocroma/caneluras (PM/C)	18	sem decoração (SD)

Figura 13 - Distribuição e frequência das decorações pelos grupos de barrada/šurayba

A análise das técnicas decorativas desenvolvida no Anexo 5 permite as seguintes conclusões acerca das formas de *barrada/šurayba*:

- A pintura monocroma é a técnica decorativa característica das formas de *barrada/šurayba*, quer isoladamente quer em associação com outras duas técnicas: caneluras e incisão.
- A pintura monocroma, incisão e caneluras, sobre superfícies alisadas e/ou aguadas, formam o reportório de técnicas utilizadas consistentemente nestas formas, entre o séc. VIII e a 1ª metade do séc. XIII, tanto em Silves como no Algarve Oriental. Estas técnicas não têm por isso qualquer valor como indicador cronológico ou significado espacial e não se associam a nenhuma morfologia ou fabrico em particular.
- A incisão é usada só como complemento de outras técnicas: pintura monocroma, caneluras, corda seca parcial e estampilhagem.
- Pelo contrário as caneluras podem ser usadas como única técnica decorativa.
- A corda seca parcial, em superfícies alisadas e/ou aguadas, foi usada entre o séc. VIII ou IX e o séc. IX ou posterior. Não aparece em nenhum contexto atribuível ao séc. XI ou posterior.
- A maioria das peças decoradas com corda seca parcial apresentam os mesmos tipos de pasta das peças decoradas com pintura monocroma, o que permite levantar a hipótese de se tratarem dos mesmos fabricos.
- Nos sítios do Algarve Oriental só se identificaram quatro técnicas decorativa, para além de uma peça não decorada: pintura monocroma, caneluras, incisão e corda seca parcial.
- As seguintes técnicas decorativas são exclusivas de Silves: pintura a azul-cobalto, pintura a verde e manganês, reflexo metálico, molde, esgrafito, decoração plástica e estampilhagem
- As peças esgrafitadas são uma produção da 1ª metade do séc. XIII.
- O tipo de pasta P35, também utilizado em peças decoradas com pintura monocroma e corda seca parcial, foi usado no fabrico de peças esgrafitadas.
- O tipo de pasta P34, reconhecido em peças decoradas com pintura monocroma e corda seca parcial, foi usado no fabrico de peças esmaltadas decoradas com pintura a azul e cobalto.
- O tipo de pasta P44 foi usado em peças decoradas com pintura monocroma e com reflexo metálico.
- O tipo de pasta P9, datável da 1ª metade do séc. XIII não foi usado em peças decoradas com pintura monocroma. Foi pelo contrário usado em peças com técnicas decorativas relativamente raras (caneluras) ou muito raras (estampilhagem e decoração plástica) no conjunto estudado.

Cronologia	CX	SPS	RPS	TAS	CVA	CR	CS
séc. VIII					PM, C		
séc. VIII ou IX	PM				PM; CSP; C; PM/C; PM/I/C; SD		
séc. IX ou posterior	CSP						
séc. XI ou anterior	PM; I						
séc. XI ou posterior	PM; PM/C						
séc. XII	M; PM/I						
1ª metade do séc. XIII	PM; PDM; PAC; C; E; I; RM/C; DP; PM/I; I/Es		PM				
sem indicadores cronológicos		PM; PM/I; SD	PM; PM/C;	PM; PVM; CSP; I; PM/I/C; PM/I; PM/C	C;	CSP; C; CSP/I	PM; PM/C; C/I

Quadro 215 - Atribuição cronológica e origem das técnicas decorativas

A informação disponível permite levantar as seguintes hipóteses acerca das formas de *barrada/šurayba*, que, por se basearem num número mínimo de fragmentos, não podem ser verificadas só com a informação aqui trabalhada:

- O uso de pintura monocroma em superfície esmaltada será datável do séc. VIII ou IX e encontra-se possivelmente em peças importadas.
- O tipo de pasta P38, datado do séc. IX ou posterior, poderá ser exclusivo de peças decoradas com corda seca parcial
- O uso das seguintes técnicas decorativas poderá ser datável da 1ª metade do séc. XIII: pintura a azul e cobalto em superfície esmaltada, reflexo metálico associada a caneluras em superfície esmaltadas, decoração plástica e caneluras sobre superfície alisadas; estampilhagem associada a incisão sobre superfície alisada.
- O tipo de pasta P36 pode ser exclusivo de peças esgratadas.
- O tipo de pasta P49 poderá ser exclusivo dos fragmentos decorados com pintura a verde e manganês em superfície esmaltada. Foram exumados em contexto sem datação independente de paralelos cerâmicos.

5.7 CARACTERIZAÇÃO DAS FORMAS DE BARRADA/ŠURAYBA NA KURA DE UHŠUNUBA OU DE ŠILB

A análise da informação fornecida pelas obras *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica* da Prof. Dr.ª Helena Catarino e *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus* da Prof. Dr.ª Rosa Varela Gomes, segundo os critérios definidos por este trabalho, permite estabelecer o estado actual do conhecimento acerca das formas de *barrada/šurayba* no Algarve.

A primeira constatação, que condiciona o valor de todas as outras conclusões obtidas, é que, a grande massa dos fragmentos que eventualmente poderão ser atribuídos a esta categoria cerâmica permanecem desconhecidos. Apesar dos grupos provenientes do Castelo Velho de Alcoutim e do Castelo de Salir serem bastante representativos das suas populações de origem, os grupos exumados no Castelo de Silves representam uma percentagem mínima das suas populações de origem. Ora foi no Castelo de Silves que se exumou a esmagadora maioria, 87,2% dos fragmentos que poderão pertencer à forma cerâmica a que este trabalho foi dedicado.

Sítios	Valoração da representatividade média dos grupos	
CVA	53,8%	Boa
CS	46,9%	
TAS	12,8%	Suficiente
CR	5,7%	Aceitável
SPS	4,2%	
RPS	0,4%	Insuficiente
CX	0,4%	

Quadro 216 – Ordenação dos sítios segundo a representatividade média dos grupos de *barrada/šurayba*

É pois obrigatório considerar que o conhecimento que actualmente se tem sobre as formas de *barrada/šurayba* é provisório e eventualmente será completamente revisto se se estudar sistematicamente todos os fragmentos provenientes do Castelo de Silves. É claro que se tiver em conta os materiais exumados em todos os sítios escavados de período islâmico no Algarve nas últimas duas décadas, o valor da amostra estudada ainda se torna mais irrisório.

Faça-se notar que esta afirmação não é uma crítica àqueles dois trabalhos, que além de pioneiros, representam um esforço considerável de apresentação e estudo das cerâmicas provenientes dos sítios escavados pelas suas autoras, com os meios que tinham disponíveis. É a constatação de um facto imprescindível para avaliar o estado actual da informação disponível acerca das *barrada/šurayba* no

Algarve. As duas autoras em questão, são as investigadoras que mais contribuíram para reduzir o desconhecimento sobre esta categoria de materiais.

Uma segunda constatação afecta igualmente as conclusões a que este trabalho chegou: a distribuição dos grupos provenientes de contextos datados sem o recurso a paralelos cerâmicos não é homogénea para todo o intervalo cronológico considerado. São os extremos temporais da ocupação islâmica do Algarve, o séc. VIII ou IX por um lado e a 1ª metade do séc. XIII por outro, que se encontram melhor representados. Só oito dos grupos estudados tem origem no lapso temporal entre o séc. IX e o séc. XIII, ou seja 23 peças testemunham trezentos anos de uso desta forma. Acresce que cinco destes grupos foram recolhidos no Castelo de Silves, e só um, formado por uma única peça, é proveniente do Castelo das Relíquias, o que significa um desconhecimento quase total das formas usadas no Algarve Oriental ao longo destes três séculos.

No entanto emerge deste estudo uma caracterização do que seriam as “produções típicas” de *barrada/šurayba* do actual território Algarvio entre o séc. VIII e a 1ª metade do séc. XIII:

- Fabricada sobretudo com pastas que se dividem em tipos homogéneos com cores cinzento acastanhado (P14), castanho avermelhado escuro (P20) e vermelho (P23) e tipos muito homogéneos com cores cinzento acastanhado (P34 e P47), cinzento rosado claro (P35 e P45) e laranja (P37).
- Com superfícies alisadas e/ou aguadas.
- Morfologicamente não se distinguem tipos discretos, em que se repete consistentemente a mesma associação de características. Mas reconhecem-se características universais:
 - colo igual à altura do bojo ou superior a 2/3 da mesma (BŠ2);
 - preferência por colos divergentes e direitos (4) associados a bordos verticais e direitos (110) ou divergentes e direitos (210);
 - utilização alternativa de colos divergentes e convexos (5) e convergentes e convexos (8);
 - os colos verticais ou convexos (2) juntam-se a este reportório após o séc. VIII ou IX;
 - preferência por bojos convergentes e convexos em cima e divergentes e direitos em baixo (84), sem pé (0). Estes associam-se a diferentes tipos de colos.
- Peças sempre decoradas com pintura monocroma, por vezes associada a incisão e caneluras.

Estas “produções típicas” encontram-se em todos os sítios estudados e ao longo de todo o período islâmico. Assim as características que as definem não podem ser usadas como indicadores cronológicos. Também não é possível, se existir só informação sobre uma das características, extrapolar as outras características de determinada peça, pois a associação de características não é constante.

Note-se ainda que outros tipos de pastas e características morfológicas também devem pertencer ao reportório das “produções típicas”, mas que não puderam ser aqui caracterizados devido ao tamanho da amostra estudada.

Para além das “produções típicas” a análise que aqui se procedeu também permitiu distinguir algumas “produções atípicas”, que apesar de apresentar características das produções “típicas” apresentam outras que terão aparentemente um significado cronológico, recenseadas no quadro seguinte.

séc. VIII ou IX	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de pasta P4 • Tipo de pasta P14 • Tipo de pasta P31 • Esmalte em peça produzida com o tipo de pasta P33 e decorada com pintura monocroma • Colo vertical e direito (1) • Bojos carenados
séc. IX ou posterior	<ul style="list-style-type: none"> • Corda seca parcial em peças fabricadas com tipos de pasta comuns • Tipo de pasta P4 • Tipo de pasta P16 • Corda seca parcial em peças fabricadas com tipos de pasta comuns
séc. XI ou anterior	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de pasta P38 usado exclusivamente com peças decoradas com corda seca parcial • Tipo de pasta P14

séc. XII	<ul style="list-style-type: none"> • Esmalte em peça produzida com o tipo de pasta P40 • Formas com altura do colo $\leq 1/3$ da altura do bojo (BŠ4)
1ª metade do séc. XIII	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de pasta P7, P9 e P36 • Vidrado em peça produzida com o tipo de pasta P28 • Esmalte em peça produzida com o tipo de pasta P18 • Esmalte em peças produzida com o tipo de pasta P34, 35 e 44 • Formas com altura do colo $\leq 1/3$ da altura do bojo (BŠ4) • Peças com pé em anel • Decoração esgrafitada • Pintura a azul e cobalto em superfície esmaltada • Reflexo metálico associada a caneluras em superfície esmaltadas • Decoração plástica e caneluras sobre superfície alisadas • Estampilhagem associada a incisão sobre superfície alisada

Quadro 217 - Distribuição cronológica das "característica atípicas"

Assim, distinguem-se produções próprias do séc. VIII ou IX, quer pelo tipo de pasta P31, quer pela presença de duas características morfológicas próprias, os colos verticais e direitos e os bojos carenados. A decoração com pintura monocroma em superfície esmaltada parece ser também exclusiva deste período. O facto da pasta P33 só se encontrar associada a esta técnica decorativa sugere a hipótese de se tratar de uma peça importada.

As peças produzidas com corda seca parcial, exumadas tanto em Silves como no Algarve Oriental são usadas entre o séc. VIII ou IX e o séc. IX ou posterior, desaparecendo do registo arqueológico posterior. São maioritariamente produzidas com os mesmos tipos de pasta que as “produções típicas”, o que impõe a hipótese de terem origem nos mesmos centros produtores. Só uma pasta, e já do séc. IX ou posterior, poderá ser exclusiva de peças decoradas com corda seca parcial.

As peças esmaltadas estão presentes ao longo de todo o período em estudo, mas até ao séc. XII, inclusive, em tipos de pasta que não se repetem nas “produções típicas”. Na 1ª metade do séc. XIII, três tipos de pasta usados nas “produções típicas” dos séculos anteriores são utilizados também em peças esmaltadas. Esta observação levanta a hipótese de as peças esmaltadas serem, até ao séc. XII, exclusivamente de origem alógena e na 1ª metade do séc. XIII haver finalmente uma produção local ou regional das mesmas. O que não terá impedido a continuação da importação das mesmas, já que a pasta de uma das peças esmaltadas deste período é exclusiva da mesma.

A partir do séc. XII as formas diversificam-se, com o aparecimento de peças com a altura do colo menor ou igual a $1/3$ da altura do bojo. Na 1ª metade do séc. XIII aparecem também as peças com pé em anel.

É também na 1ª metade do séc. XIII que se regista o enriquecimento decorativo destas formas, com o uso de técnicas decorativas mais ou menos luxuosas: esgrafito sobre superfícies engobadas, pintura a azul e cobalto em superfície esmaltada, reflexo metálico associada a caneluras em superfície esmaltadas, decoração plástica e caneluras sobre superfície alisadas e estampilhagem associada a incisão sobre superfície alisada. Note-se que todas estas técnicas decorativas estão associadas a tipos de pastas que também foram utilizados nas “produções típicas”. Tratam-se também de fabricos locais ou regionais?

Finalmente os tipos de pasta P7, P9 e P36 parecem ser produções próprias da 1ª metade do séc. XIII, assim como o vidrado em peça fabricada com o tipo de pasta P28. Note-se a grande diversidade de técnicas decorativas das peças fabricadas com o tipo de pasta P9, mas onde falta a pintura monocroma e a origem espacial comum de todas estas peças (Compartimento 2 da Casa B do Castelo de Silves). Se as outras formas provenientes do mesmo compartimento também tiverem sido produzidas com este tipo de pasta, a hipótese deste compartimento ser um armazém (Gomes, 2003, 109) seria reforçada, já que nele se armazenariam recipientes com o mesmo tipo de pasta, portanto, presumivelmente do mesmo centro de fabrico.

As idiossincrasias que se notaram nos grupos datados do séc. VIII ou IX e da 1ª metade do séc. XIII poderão no entanto caracterizar períodos temporais mais longos, devido à fraca representatividade dos

grupos provenientes do intervalo temporal que medeia estes dois períodos. Ou seja, é possível que os elementos identificados no séc. VIII ou IX se mantenham ainda durante algum tempo depois e que os elementos só identificados na 1ª metade do séc. XIII tenham origem em momentos anteriores.

Do estudo realizado sobressai ainda uma clara diferenciação espacial nos fabricos de *barrada/šurayba*, que opõe Silves ao Algarve Oriental.

	Silves	Algarve Oriental
Pastas	<ul style="list-style-type: none"> • Maior diversidade de pastas (38 tipos de pasta) • 12 grupos de cores presentes • Ausência de pastas de textura homogénea ou pouco homogénea 	<ul style="list-style-type: none"> • Menor diversidade de pastas (16 tipos de pasta) • Só 4 grupos de cores presentes • Presença de pastas de textura homogénea ou pouco homogénea • Grande homogeneidade entre os vários sítios
Tratamentos de Superfície	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de superfícies esmaltadas e vidradas 	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de superfícies esmaltadas e vidradas
Morfologia	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de peças sem colo (0) • Ausência de peças com altura do colo $<2/3$ e $> 1/3$ da altura do bojo (BŠ3) • Ausência de colos verticais e direitos (1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de peças sem colo (0) • Presença de peças com altura do colo $<2/3$ e $> 1/3$ da altura do bojo (BŠ3) • Presença de colos verticais e direitos (1), datáveis do séc. VIII ou IX
Decoração	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de pintura a azul e cobalto, de pintura a verde e manganês, reflexo metálico, molde, esgrafito, decoração plástica e estampilhagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de pintura a azul e cobalto, de pintura a verde e manganês, reflexo metálico, molde, esgrafito, decoração plástica e estampilhagem

Quadro 218 - Recenseamento das diferenças verificadas entre os fabricos exumados em Silves e os fabricos exumados no Algarve Oriental.

Esta diferenciação resulta numa maior diversidade de fabricos consumidos em Silves do que nos sítios do Algarve Oriental, que se encontra espelhada no maior numero de pastas, tratamentos de superfície e técnicas decorativas, que se acentua na 1ª metade do séc. XIII. Como a representatividade dos grupos de Silves, sobretudo do Castelo, como amostras das populações de origem é muito baixa, é de supor que a diversidade ainda será maior. Assim, é provável que os tipos de pastas e características morfológicas que só se detectaram nos grupos do Algarve Oriental se encontrem na grande massa de cerâmicas não publicadas provenientes de Silves.

Por outro lado, dado o alto valor de amostragem da maioria dos grupos provenientes do Algarve Oriental, as ausências assinaladas neste grupos deverão representar, com bastante fiabilidade, ausências nos conjuntos de origem, e portanto, tendo também em conta que na sua maioria foram exumados em contextos de utilização ou deposição primária, ausências nos conjuntos vivos.

Os conjuntos estudados testemunham pois dois universos. O primeiro, maior, mais variado e mais luxuoso resulta do consumo das formas de *barrada/šurayba* durante 500 anos naquela, que pelo menos simbolicamente, foi a cabeça do *Garb al-Andalus* (Gomes, 2002, 111-112), *hadra* (capital) da *kura* de *Uhšunuba* (Faro), depois *Šilb*. Seria assim uma das *mudum* (plural de *madina*) mais populosas e economicamente dinâmicas do *Garb*, servido por um importante porto, que a integrou no complexo mercantil do Mediterrâneo. Era o local da *kura* onde se consumiria mais, produziria mais e importaria mais. Acresce que 17 dos 24 grupos provenientes de Silves foram recolhidos no seu centro palatino, a alcáçova, ou seja onde vivia o grupo social da *kura* que presumivelmente teria maior capacidade económica.

O segundo, menor e monótono, tem origem no conjunto vivos de povoados fortificados, *hušun*, centros de pequenos territórios rurais (Catarino, 1997-8, 568-569), cuja ocupação durará cerca de dois séculos. Neles vivem populações muito mais pequenas, clãs familiares (idem, 396), que controlavam recursos económicos mais limitados que as elites palacianas de *Šilb*, e para onde fluíam, necessariamente, menos produtos.

Mas apesar destas diferenças, explicadas pela hierarquização regional dos locais de povoamento, evidencia-se um fundo comum, que não é, aparentemente, condicionado por factores de ordem cronológica, geográfica ou socioeconómica. Se o conjunto de Silves é maior e mais diversificado que o do Algarve Oriental, não deixa de integrar as características, “as produções típicas”, que se encontram nos sítios desta região. E saliente-se que a decoração com corda seca parcial em formas de *barrada/šurayba* faz parte deste fundo comum até pelo menos ao séc. IX ou posterior.

6 O GRUPO DE *BARRADA/ŠURAYBA* DA U.E. 426 DA PORTELA 3

Pelos motivos já apresentados (cf. Nota Prévia e ponto 1.3) não é possível apresentar pelos critérios estabelecidos na presente dissertação nenhum grupo proveniente da Portela 3, que pudesse ser comparado com os grupos analisados no pontos 4 e 5. No entanto a existência de 3 desenhos de peças provenientes da u.e. 426, permite analisar, pelo menos formalmente, um conjunto exumado na Portela 3.

6.1 ORIGEM DO CONJUNTO

As peças que formam este grupo foram recolhidas na u.e. 426 que entulhou o Silo 13 localizado no interior do Compartimento 16, interpretado, pela presença de vários silos, como uma área de armazenamento. A construção do Compartimento 16 e dos silos aí identificados caracteriza a Fase 2a (cf. ponto 1.2). O Silo 13 corta dois depósitos da Fase 1b (u.e. 428 e 431) e o substrato geológico. O entulhamento deste silo, que resultou na formação da u.e. 426 foi atribuído à Fase 2b.

Na u.e. 426 encontra-se integrada a tampa deste silo, uma laje em grés de Silves, UE 433, caída praticamente na base do silo. Sobre este enchimento deposita-se a camada UE 395, que assenta igualmente sobre a superfície natural e encosta ao Muro 28, UE 403, da Fase 2a. Sobre a UE 395 deposita-se a UE 372. O Muro 29, da fase seguinte, será posteriormente construído sobre a UE 372.

A u.e. 426 forneceu 7 recipientes classificáveis no grupo *barrada/šurayba*. Desta população foram catalogadas 3 peças, ou seja 42,8%, que formam o Grupo 46.

6.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO

Só é possível caracterizar a morfologia e decoração destas peças, já que não foi possível proceder ao estudo programado das formas de *barrada/šurayba* exumadas na Portela 3

	Peça	1544	1561	1571
	alt.			
	diâm.			
Perfil	Tipo	descontínuo	descontínuo	contínuo
	Lábio	ausente	ausente	ausente
	Bordo	ausente	ausente	ausente
	Colo	ausente	divergente,, convexo	vertical, direito
	Bojo	Divergente, direito em baixo, convergente, direito, com carena	convergente, direito, com carena em baixo e na intercepção com o colo	Divergente, convexo
	Fundo	concavo	ausente	plano
	Base	divergente, direito	ausente	Divergente, direita
	Asa	arranque de asa por baixo da carena	arranque de asa por cima da carena inferior	arranque de asa no diâmetro máximo do bojo.

Quadro 219 - Caracterização morfológica do grupo exumado na u.e. 426

Peça	Decoração		
	Técnica	Localização	Tema
1544	pintura monocroma	SE: bojo	uma banda horizontal sobre a carena, por cima da qual distingue-se um motivo curvo
1561	pintura monocroma	SE: colo	banda horizontal no contacto entre o colo e o bojo, sob a qual foram desenhadas conjuntos de linhas oblíquas.
1571	pintura monocroma	SE: colo	três banda paralelas no ombro; entre as duas bandas superiores foram desenhados conjuntos de linhas oblíquas cruzadas.

Quadro 220 - Caracterização da decoração do grupo exumado na u.e. 426

Peça	Forma	Técnica decorativa
1544	BŠ _{∞.∞.74C.0.∞}	pintura monocroma
1561	BŠ _{∞.5.7C2.0.∞. ∞}	
1571	BŠ _{∞.1.5.0. ∞}	

Quadro 221 - Caracterização global do grupo exumado na u.e. 426

6.3 COMPARAÇÃO DO CONJUNTO COM OS GRUPOS DE SILVES E DO ALGARVE ORIENTAL

A expressão morfológica da peça nº 1544, apesar de incompleta apresenta um bojo semelhante ao identificado na peça Q4-1b-151 do grupo 34 (BŠ_{2.5.74C.0.310}, Grupo 34, vd. Anexo VI), originário do Castelo Velho de Alcoutim, e datável do séc. VIII ou IX. Mas esta comparação é muito insegura, já que ficou demonstrado (cf. ponto 5.5.) que o tipo de uma determinada característica morfológica, como bojo, se pode associar a diferentes tipos de outra característica morfológica. Ou seja não é certo que a peça nº 1544 tivesse a mesma proporção, o mesmo colo e bordo da peça Q4-1b-151.

As outras duas expressões morfológicas deste grupo não se repetem nos grupos com origem em Silves e no Algarve Oriental, confirmando a variabilidade que caracteriza as formas de *barrada/šurayba* como já tinha sido demonstrado no ponto 5.5. A peça nº 1556, apresenta até um tipo de bojo que não se registou naquele grupo. No entanto a peça 1571 possui um tipo de colo (1) que só se registou em peças datáveis do séc. VIII ou IX e provenientes do Algarve Oriental (Castelo Velho de Alcoutim e Castelo de Salir).

Note-se também que duas destas peças apresentam bojo carenado, e que nos restantes grupos aqui analisados os bojos carenados são todos provenientes de contextos datados são do séc. VIII ou IX.

Ou seja, face à informação disponível, a comparação morfológica do grupo proveniente da u.e. 426, sugere que estas peças tem origem num conjunto vivo usado durante o séc. VIII ou IX.

Por outro lado, a técnica decorativa, pintura monocroma, e os motivos aplicados nestas peças, são característicos das formas de *barrada/šurayba*, e formam o reportório de técnicas utilizadas consistentemente nestas formas, entre o séc. VIII e a 1ª metade do séc. XIII, tanto em Silves como no Algarve Oriental (cf. ponto 5.6), pertencendo ao “fundo comum”, independente de factores de ordem cronológica, geográfica ou socioeconómica (cf. ponto 5.6).

Esta informação permite levantar a hipótese de uma datação do séc. VIII ou IX para a Fase 2 do povoado da Portela 3, e confirma a sua plena islamização (Pires e Ferreira, 2003, 305).

Claro que o valor actual desta hipótese é muito baixo, já que não conta com a análise de todas as características das peças deste grupo (falta-lhe por exemplo a informação sobre os fabricos) e não é balizada numa sequência de grupos cerâmicos ordenados estratigraficamente.

É no entanto uma amostra do potencial do método proposto para o estudo comparativo de grupos de *barrada/šurayba*, tanto intra como inter sítios. Acredito que quando aplicado aos conjuntos da Portela 3, trabalho a que darei início logo que me for facultado acesso aos mesmos, se revelará um instrumento eficaz para conhecer aquela categoria cerâmica e perceber melhor a sua função na vida dos grupos humanos que habitaram a Portela 3.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicar então a persistência de “fabricos típicos”, apesar das diferentes origens, geográficas e cronológicas, dos grupos estudados, assim como das diferenças socioeconómicas dos utilizadores dos grupos vivos de onde aqueles são originários? Que mais partilham estes grupos que se reflecte nas formas de *barrada/šurayba* que usaram?

A resposta imediata é que partilham o mesmo enquadramento administrativo ao nível regional, todos este grupos viveriam na *kura* de *Uhšunuba*, depois *Šilb*. Ou seja se se diminuir a escala de análise para o nível peninsular, pode-se considerar que todos os grupos estudados tem a mesma origem geográfica. Seriam portanto locais de consumo da mesma região, que consumiriam produtos com a mesma origem, provavelmente, mas não necessariamente, regionais. Para além deste consumo regional, os habitantes de *Šilb*, nomeadamente os moradores na alcáçova, teriam acesso a produtos importados, o que explicaria a presença de “fabricos atípicos” nos grupos de Silves.

Para validar esta hipótese será necessário fazer o mesmo tipo de trabalho comparativo com conjuntos que pertencessem comprovadamente a outras *kuwar* (plural de *kura*) do *Garb*, como *Ušbuna* (Lisboa), por exemplo, para perceber se aí também será possível distinguir um conjunto de características que possam definir “fabricos típicos” e comparar esses fabricos com os da *kura* de *Uhšunuba*. No caso dos fabricos de diferentes *kuwar* serem dissemelhantes poderia considerar-se como provada esta hipótese. No caso de serem semelhantes, duas explicações serão possíveis: os locais de consumo de *kuwar* diferentes abastecem-se nos mesmos centros de fabrico, ou diferentes centros de fabrico produziram formas de *barrada/šurayba* com características idênticas. Qualquer destas duas hipóteses poderia significar que o “fundo comum” seria partilhado por *kuwar* diferentes.

Mas se esta primeira hipótese responde ao problema de ponto de vista geográfico, não explica as outras diferenças na origem destes grupos.

É necessário admitir que as diferenças socioeconómicas referidas são postuladas a partir daquilo que é actualmente o “adquirido” do conhecimento acerca do *Garb al-Andalus* e sobretudo da importância de Silves, em muito formatado pelas autoras das obras que suportam esta análise. É forçoso levantar a hipótese, face aos resultados desta análise de que até ao séc. XII, onde se começa a vislumbrar o enriquecimento decorativo das peças de Silves, acentuado na 1ª metade do séc. XIII, de que o mesmo grupo socioeconómico ocupa a alcáçova de Silves e os *hušum* do Algarve Oriental. A presença de corda seca parcial neste fundo comum até ao séc. IX ou posterior reforça a pertinência desta hipótese. Esta conjectura poderá ser facilmente afastada, se as outras formas cerâmicas provenientes dos sítios estudados não apresentarem uma tão grande comunhão de características, e se nas provenientes da alcáçova de Silves se distinguir uma maior diversidade e riqueza nos períodos anteriores ao séc. XII. O que tornará presença do “fundo comum” nas formas de *barrada/šurayba* um facto ainda de maior relevância.

Duas observações tornam insuficiente a hipótese da utilização dos mesmos centros produtores como justificação da existência de “produções típicas” das formas de *barrada/šurayba*: a impossibilidade de distinguir tipos discretos nestas formas e a constância cronológica das características que assinalam estas “produções típicas”. Se os mesmos centros produtores forneceram todos estes sítios seria de esperar uma maior regularidade nas associações dos atributos estudados. Por outro lado este raciocínio implica a manutenção dos mesmos centros produtores durante todo o período islâmico (500 anos), independentes do condicionamento de qualquer tipo de moda, pois como já se demonstrou apesar de não existirem tipos, há características isoladas que se mantém ao longo de toda a diacronia.

Portanto, que fenómeno ou fenómenos é que justificam a manutenção destas “produções típicas” ao longo de todo o período islâmico? O que é comum aos seus utilizadores, independentemente do local onde habitaram, o período onde viveram e o seu contexto socioeconómico? Duas explicações, que não são nem opostas, nem se encontram necessariamente associadas, surgem de imediato: a religião e a origem étnica. Contribuirão as “produções típicas” das formas de *barrada/šurayba* para a construção da identidade religiosa e/ou étnica de pelos menos alguns dos grupos humanos que habitaram a *kura* de *Uhšunuba*? E

como? E esta função só foi desempenhada por estas formas? Em caso positivo, porquê? E quem foram os agentes deste processo?

A resposta a esta pergunta exigiria alargar esta análise a um número maior de sítios algarvios, estudando não só as formas de *barrada/šurayba*, mas procurando outros indicadores que confirmassem ou infirmassem uma comunidade religiosa e/ou étnica entre os grupos humanos que ocuparam estes sítios, estudando por exemplo a sua dieta (Insoll, 1999, 94-107). Outra vertente a explorar, e que não pôde ser considerada neste trabalho, seria o estudo pormenorizado das gramáticas decorativas das “produções típicas” das *barrada/šurayba*, de forma a esclarecer a sua função no papel desempenhado por estas formas.

O estudo futuro do conjunto de fragmentos classificáveis nas formas de *barrada/šurayba* do povoado da Portela 3 pretenderá, portanto, contribuir para desenvolver esta questão.

Como se pretende analisar todo o conjunto arqueológico com os mesmos critérios agora utilizados, os resultados da análise permitirão avaliar as conclusões deste trabalho sem as restrições estatísticas que lhe foram apontadas. A sequência estratigráfica dos grupos da Portela 3 deverá permitir o estabelecimento de uma sequência contínua das formas de *barrada/šurayba*, que poderão ajudar a preencher os hiatos agora anotados.

A análise macroscópica mais fina das pastas cerâmicas contribuirá, também, para dar significado aos tipos de pasta agora definidos.

Por outro lado a caracterização já feita dos conjuntos originários de Silves e do Algarve Oriental serão fundamentais para enquadrar o conjunto exumado na Portela 3, e assim melhor avaliar a função deste povoado na rede de povoamento da *kura* de *Uhšunuba*. O conjunto de formas de *barrada/šurayba* aí exumadas é comparável aos grupos de Silves ou do Algarve Oriental? Este povoado encontra-se a cerca de 20 km a Oeste do Castelo de Salir e a 17 km a Nordeste de Silves.

Este trabalho, preambulo para o estudo do conjunto de *barrada/surayba* exumadas no sítio da Portela 3, é o primeiro passo de um processo de investigação. Face a um objecto de estudo, o referido conjunto cerâmico, pretendeu-se avaliar a informação disponível sobre este tipo de artefactos. Procurou-se portanto informação sólida, que foi analisada através de critérios bem definidos que permitiram uma comparação minuciosa. Esta análise revelou padrões e singularidades, cuja existência, presume-se, é o resultado de processos próprios das sociedades que fabricaram tais objectos. Explicar os processos para a formação dos referidos padrões e singularidades, será contribuir para a construção do conhecimento histórico sobre essas sociedades. Espera-se assim que o estudo previsto do conjunto de *barrada/surayba* da Portela 3 não seja só informado pelo conhecimento dos conjuntos de Silves e do Algarve Oriental, mas que contribua para a resolução das questões que estes sítios colocam.

A eficácia do método de abordagem exposto será medida pela capacidade que revele de, através da comparação dos vários grupos, sempre ordenados estratigraficamente, preencher os hiatos cronológicos aqui revelados e esclarecer a distribuição espacial esboçada.

A análise que neste trabalho realizei sobre o *Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica e Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus*, permitem-me uma última consideração. A informação arqueológica fornecida por estas duas obras, é de tal forma sólida, que foi possível usa-la para preencher critérios muito diferentes dos usados pela investigação das suas autoras, que por sua vez já era diferente entre si. São pois um exemplo de que é possível a produção de um conhecimento arqueológico que transcenda as particularidades de cada processo particular de investigação. Essa é para mim, a primeira medida do sucesso de um trabalho arqueológico, e que ambiciono para o meu próprio trabalho.

8 BIBLIOGRAFIA

ACIÉN ALMANSA, M.

(1994) - Terminología y cerámica andalusí. *Anaquel de Estudios Árabes*. Madrid: Universidad Complutense. 5: 107-118.

AITKEN, M. J

(1990) – *Science – based dating in Archaeology*. Essex. Longman

ALBERGARIA, J.

(1999) - *Estudo de Impacte Ambiental da A2- Lanço Gomes Aires/VLA. Levantamento do Património Arqueológico e Construído*. Era Arqueologia, exemplar policopiado.

BALFET, H. *et alli*

(1983)- *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris: C.N.R.C.,

BARKER, P.

(1993) - *Techniques of Archaeological Excavation*. 3 rd edition. London. Batsford.

BAZZANA, A.

(1979) - Cerámiques médiévales: les methods de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne orientale". *MCV*. XV: 135-185.

(1980): "Céramiques medievales: les méthodes de la description analytique apliques aux productions de l'Espagne orientale II. Les poteries décorées. Chronologie des productions médiévales". *MCV*. XVI: 57-95.

BOWMAN, S.

(1990) - *Radicalborn dating*. Londres. British Museum Press

CASTILLO, J. C. e SALVATIERRA, V.

(1999) – Sistematizaciones e tipologias. Viente años de investigacion. *Arqueología y Territorio Medieval*. 6

CATARINO, H.

(1992) - A fortificação muçulmana de Salir (Loulé) – primeiros resultados arqueológicos. *al-ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. 1: 9-51.

(1997/1998) Algarve Oriental durante a ocupação islâmica, *al-ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 6, vol. 1-3.

(1999) - O Garbe Al-Andaluz: definição territorial e administrativa». *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, coord. Maria da Graça Maia Marques. Lisboa. Edições Colibri. 69-74.

GOMES, M. V. e GOMES, R. V.

(2003) – Cerâmicas alto-medievais de Silves. In *Actas das 3.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal. 23-47

GOMES, R. V.

(1988) - Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1.

(1995) - Cerâmicas muçulmanas, dos séculos VIII e IX de Silves. *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 21-34.

(1998) - Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a “verde e castanho” de Silves. *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal. 43-55.

(2002) - *Silves (Xelb) - Uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

(2003) - *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a alcáçova*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

(2006) - *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: o núcleo urbano*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GOMES, R. V.; CUNHA, A. S.; ANTUNES, M. T.

- (1994) - Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da alcáçova de Silves em 1189. I *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 203-212.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.
- (1986) - Cerâmicas estampilhadas, muçulmanas e mudéjares, do poço-cisterna de Silves. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural 127-141.
- GUERRA, A e FABIÃO, C.
- (1993) - Uma Fortificação Omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. 2: 85-102.
- HARRIS, E.
- (1989) - *Principles of Archaeological Stratigraphy*. 2 nd edition. London: Academic Press.
- INSOLL, T.
- (1999) - *The Archaeology of Islam*. [s.l.], Blackwell Publishers
- KLEIN, R. G. e CRUZ-URIBE, K.
- (1984) - *The Analysis of Animal Bones from Archeological Sites*. Chicago: University of Chicago Press
- MARQUES, A. O.
- (1993) – O «Portugal» islâmico. *Nova História de Portugal: Das Invasões Germânicas à “Reconquista”*. Coord. A. O. Marques. Lisboa: Presença. 121 – 249.
- MARTINS, A.; RAMOS, C.
- (1992) – Elementos para a análise e descrição de produções cerâmicas. *Vipasca*. 1: 91-101.
- MORENO, H. B., LEAL, M. J. S. e DOMINGUES, J. D. G.
- (1984) – *Livro do Almoxarifado de Silves*. Silves. Câmara Municipal de Silves.
- ORTON, C.
- (2000) – *Sampling in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ORTON, C. *et alli*
- (1993) - *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PIRES, A.
- (2000) *Portela 3- Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Era Arqueologia, exemplar policopiado.
- PIRES, A. E FERREIRA, M.
- (2003) – Povoado islâmico da Portela 3: resultados preliminares. *Xelb*. Silves. 4: 279 - 306
- PIRES, A., FERREIRA, M. e PINTO, M.
- (2001) - *Portela 3. Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Lisboa: Era Arqueologia Lda, relatório polocopiado.
- RAMOS, R.
- (2001) - *Escavação Arqueológica na Portela 3 (Sito 2)*. Era Arqueologia, exemplar policopiado.
- REI, A.
- (2004) – Descrições árabes do espaço algarvio, entre os séculos II h./IX d.C. e VII h./XIV d.C. *Promontoria*. Faro: Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. 2(2): 9-34
- RICE, M. P.
- (1987) - *Pottery Analysis. A sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press.
- ROSSELLÓ BORDOY, G.
- (1991) - *El nombre de las cosas en al-Andalus: Una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca.
- (1999) – Reflexiones sobre um Ensayo de sistematización ...y otras historias. *Arqueología y Territorio Medieval*. 6: 17-28
- SHENNAN, S.
- (1997) – *Quantifying archaeology*. Edinburgo. Edinburgh University Press.
- SCHIFFER, M. B.
- (1996) – *Formation processes of the archaeological record*. Salt Lake City: University of Utah Press.
- TORRES, C., GÓMEZ, S. E FERREIRA, M. B.
- (2003) – Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. *Actas das 3.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal. 125 - 134.

ZOZAYA, J.

(1980a) - A perçu general sur la céramique espagnole. *I C.I.C.M.M.O.* París. 265 - 296.